

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**ERIKA HOTH BOTELHO SATHLER**

**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ UTILIZADAS POR BRASILEIROS EM SITUAÇÕES  
DE ELOGIO: UM ESTUDO SOCIOINTERACIONAL**

**BRASÍLIA - DF**

**2011**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ UTILIZADAS POR BRASILEIROS EM SITUAÇÕES  
DE ELOGIO: UM ESTUDO SOCIOINTERACIONAL**

**ERIKA HOTH BOTELHO SATHLER**

**Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.**

**Orientadora: Dra. Cibele Brandão de Oliveira.**

**BRASÍLIA - DF**

**2011**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**ERIKA HOTH BOTELHO SATHLER**

**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ UTILIZADAS POR BRASILEIROS EM SITUAÇÕES  
DE ELOGIO: UM ESTUDO SOCIOINTERACIONAL**

**Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.**

**Banca examinadora:**

---

**Presidente/Orientadora: Profa. Dra. Cibele Brandão de Oliveira (LIP/UnB)**

---

**Membro externo: Prof. Dr. Augusto César Luitgards Moura Filho (LET/UnB)**

---

**Membro interno: Profa. Dra. Helena Guerra Vicente (LIP/UnB)**

---

**Membro suplente: Profa. Dra. Maria Luiza Sales Corôa (LIP/UnB)**

Ao meu Deus, à minha família e ao meu marido pelo incentivo constante.

## **Agradecimentos**

Seria muito descortês de minha parte não agradecer o apoio de todas as pessoas que contribuíram de forma direta e indireta para a presente pesquisa.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus, por me conceder a oportunidade de estar no curso de mestrado e por ter me abençoado com tantas outras oportunidades que me trouxeram até aqui.

Agradeço também ao meu marido, que me apoiou incondicionalmente; à minha família pelo apoio emocional, espiritual, educacional e financeiro durante toda a minha vida; aos meus professores, que me inspiraram, orientaram, ensinaram durante este curso, mas não posso deixar de destacar a professora Maria Luiza Corôa e, particularmente, a professora e orientadora Cibele Brandão pela especial atenção e dedicação no decorrer desta pesquisa; aos funcionários do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Renata e Ângela; à CAPES, pelo auxílio financeiro; e aos meus colegas de curso que se tornaram grandes amigos: Marcus Lira, Tiago, Beatriz e Letícia.

Seria injusto esquecer os meus amigos e colaboradores que trabalharam comigo nessa pesquisa, principalmente, a minha querida amiga Raquel.

E, finalmente, agradeço a você, leitor, pela atenção dedicada a este trabalho. Espero que esta pesquisa possa colaborar com você, independentemente dos objetivos que tenha com esta leitura; e que você encontre as informações que veio buscar aqui, pois, parafraseando meu amigo Lira, não faria sentido algum fazer esse trabalho se não fosse pela utilidade que um dia talvez ele venha a ter para outros.

*O egoísmo inspira tamanho horror que inventamos a polidez para escondê-lo*  
*(Schopenhauer)*

## RESUMO

A polidez, presente no dia a dia das interações sociais, é vista como forma de harmonizar as interações sociais, mostrar preocupação com o outro e propiciar a cooperação interacional mútua entre os interagentes. Esta pesquisa se situa no âmbito da sociolinguística interacional – com contribuições da pragmática, da análise do discurso e da análise da conversação – e tem como objetivo geral investigar como as estratégias de polidez são utilizadas por interagentes brasileiros em situações de elogios. O estudo se baseia principalmente na teoria da polidez desenvolvida por Brown e Levinson (1987) e nos princípios pragmáticos propostos por Leech (1983). Para esta pesquisa, foram estudados eventos festivos com número pequeno de participantes, de 4 a 10 pessoas. O estudo se vale da tradição etnográfica. Como técnicas de geração de dados, foram utilizadas a observação participante, as notas de campo e o grupo focal. Como principais estratégias de esquiva utilizadas pelos colaboradores, apontam-se o uso de elementos cinésicos, como expressões faciais e risos; e prosódicos, como alongamento de vogais, modalização e aceleração de emissão vocal. Foram avaliados contextos em que os elogios constituíam atos de ameaça à faces e atos de valorização de faces. Foram observadas também diferenças nas estratégias interacionais entre as diferentes gerações estudadas. As mais velhas fizeram maior uso de estratégias de valorização de faces e intensificadores nessas ações e maior uso de estratégias de esquiva como resposta a essas. As gerações mais novas, por sua vez, utilizaram menos estratégias de valorização de faces e menos intensificadores. Espera-se que esta análise interacional possa contribuir para o desenvolvimento teórico de aspectos relativos à cognição social, à linguagem, aos estudos culturais e, particularmente, para a caracterização e melhor compreensão do português do Brasil quanto à seleção de estratégias de polidez relacionadas ao contexto sociocultural.

**Palavras-Chave:** Estratégias de Polidez. Situações de Elogio. Contextos Interacionais e Socioculturais.

## **ABSTRACT**

Politeness, present in the everyday of social interactions, is seen as a way to harmonize social interactions, show concern to others, promote international cooperation between the agents. The present study was conducted within an interactional sociolinguistic framework – with contributions from pragmatics, discourse analysis and conversational analysis – and has as its goal investigate the different politeness strategies used by Brazilian agents when they're praised. The study is based mainly in the Politeness Theory developed by Brown and Levinson (1987) and in The Principles of Pragmatics proposed by Leech (1983). For this research, festive events with a small number of participants were studied, ranging from 4 to 10 people. The study is part of the ethnographic tradition. With techniques of data generation, participant observation, field notes and a focal group were used. Among the main hedge strategies used by the collaborators, we found kinesic elements, such as facial expressions and smiles; and prosody, such as vowel elongation, modalization and acceleration of vocal emission. Contexts in which praises constituted face threats and face appreciation were evaluated. Differences in international strategies between the different generations studied were also observed. The older generations used more face appreciation strategies and intensifiers in these actions and more frequent use of hedge strategies in response. The younger generations, however, used less face appreciation strategies and less intensifies. It's expected that the present interactional analysis may contribute to the theoretical development of aspects related to social cognition, language, social studies and, particularly, to the characterization and better comprehension of Brazilian Portuguese regarding the selection of politeness strategies related to the sociocultural context.

**Key words:** Politeness Strategies. Praise Situations. Interactional and Sociocultural Contexts.

# SUMÁRIO

RESUMO .....	7
ABSTRACT .....	8
SUMÁRIO .....	9
CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO.....	xi
INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 – “COM LICENÇA, VAMOS FALAR DE POLIDEZ?” .....	16
1.0 PERSPECTIVAS .....	16
1.1 POLIDEZ: DEFINIÇÕES.....	16
1.2 POLIDEZ E ESTRUTURA SOCIAL .....	19
1.3 INTERAGENTES E EXPRESSÕES .....	20
1.4 PARA QUE SERVE A POLIDEZ? .....	22
1.4.1 Polidez como estratégia para alcançar metas .....	23
1.4.2 Polidez como forma de deferência .....	24
1.4.3 A polidez do ponto de vista gramatical.....	26
1.5 A POLIDEZ DO PONTO DE VISTA PRAGMÁTICO .....	28
1.5.1 Máximas Conversacionais de Grice (1989) .....	28
1.5.2 Princípios pragmáticos de Leech (1983) .....	29
1.5.3 Noções de Face (Brown e Levinson,1987) .....	31
1.5.3.1 Atos de Ameaça à Face, FTA’s.....	32
1.5.3.1.1 Atos endereçados ao Interlocutor .....	34
1.5.3.1.2 Atos endereçados ao Locutor .....	36
1.5.3.2 Estratégias de FTA.....	37
1.5.3.2.1 Não fazer FTA .....	37
1.5.3.2.2 FTA de forma clara, direta, sem atenuantes.....	38
1.5.3.2.3 FTA de forma indireta, implícita, com atenuantes.....	39
1.5.3.2.4 Polidez Positiva .....	44
1.5.3.2.5 Polidez Negativa.....	49
1.6 CONTRATO CONVERSACIONAL DE FRASER (1980) .....	54
1.7 ATENUADORES .....	54
1.8 TIPOS DE ELOGIOS.....	57
1.9 PROSPECTIVAS.....	58
CAPÍTULO 2 – “POR FAVOR, VAMOS CONVERSAR SOBRE COMO FOI FEITA A PESQUISA?” ...	59

2.0 PERSPECTIVAS .....	59
2.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	59
2.2 ETNOGRAFIA .....	60
2.2.1 Interacionismo Simbólico.....	63
2.2.2 Etnometodologia.....	64
2.2.3 Observação Participante .....	65
2.2.4 Grupo Focal .....	65
2.2.5 Notas de Campo.....	67
2.3 ESTUDOS CULTURAIS .....	68
2.4 GERAÇÃO DE DADOS.....	69
2.5 SELEÇÃO E REGISTRO DE EVENTOS.....	69
2.6 PROSPECTIVAS.....	71
CAPÍTULO 3 – “QUE ISSO... SÃO SEUS OLHOS...” .....	72
3.0 PERSPECTIVAS .....	72
3.1 EVENTOS.....	72
3.1.1 Primeiro Evento.....	73
3.1.2 Segundo Evento .....	76
3.1.3 Terceiro Evento .....	80
3.1.4 Quarto Evento .....	82
3.1.5 Quinto Evento .....	87
3.1.6 Sexto Evento.....	94
3.2 PROSPECTIVAS.....	97
CAPÍTULO 4 – “POR GENTILEZA, EU PODERIA APRESENTAR OS RESULTADOS?” .....	99
4.0 PERSPECTIVAS .....	99
4.1 ANÁLISE DE DADOS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	99
4.2 ANÁLISE DE DADOS DO GRUPO FOCAL.....	102
4.3 PROSPECTIVAS.....	106
REFLEXÕES FINAIS .....	107
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXOS .....	115
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	116

## CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO<sup>1</sup>

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Ações não verbais	( )	(risos)
Incompreensão de palavras ou segmentos	(?)	Meu cabelo tá (?) um pintada
Truncamento	/	Eu não tenho um la/lado fotogênico
Entoação enfática	Maiúsculas	Essa foto tá tÃO bonita.
Alongamento de vogal	:, :: ou ::: (dependendo da duração)	Ge::nte, que olho lindo!
Pausas	(.),(..) ou (...) (dependendo da duração)	Parabé:ns (..) pela formatura
Falas simultâneas ou sobreposições de vozes	[ligando as [linhas	que [lega::l: [você tá dando aula?
Indicação de transcrição parcial ou de eliminação de trecho(s)	[...]	Não, contou não, que isso! [...]
Modulação de voz	~	~ Ge::nte, que olho lIndo!
Entoação ascendente em tom exclamativo	!	eu sou bom de visual, fia!
Entoação ascendente final	?	Mas qual é o Ahmadinejad?
Entoação descendente final	//	Credo//
Citação ou expressão de outro	“ ”	repete comigo “momentos”.
Aceleração na fala	[{ac}]	[{ac}você fica] bonita de qualquer lado

<sup>1</sup> Baseado no quadro utilizado por Brandão (2005), com adaptações

## INTRODUÇÃO

A comunicação verbal não se limita à troca de informações, ela pressupõe funções muito mais complexas. É por meio dela, por exemplo, que se definem as relações interpessoais. As escolhas linguísticas dos falantes, os ajustes de ações ou atuações linguísticas, a monitoração de fala revelam a complexidade dos atos interacionais. Uma atuação social adequada depende da observância a normas específicas, determinadas pela própria sociedade, que envolve, entre outros fatores, a polidez.

Nas últimas três décadas, a polidez tem sido objeto de interesse da linguística em diversas áreas. Por ser um assunto relacionado à língua e, mais especificamente, a língua em uso, a polidez é de interesse da pragmática, e da sociolinguística, por se tratar de um tópico que envolve língua e sociedade, noções, características, constituintes e estruturas internas de relações e funções da linguagem.

Esta pesquisa se desenvolve nos padrões da sociolinguística interacional, pois se baseia no pressuposto de que a linguagem é um atributo da natureza humana, constituída pelas relações sociais em atividades de interação.

No *Dicionário de Linguagem e Linguística* de Trask (*apud* VILLAÇA e BENTES, 2008:27), encontra-se o seguinte verbete relativo à polidez:

Polidez (*politeness*) – A expressão linguística da cortesia e da posição social. A polidez tem, evidentemente, aspectos não linguísticos, mas aqui estamos interessados em sua expressão linguística. Exceto quando estamos propositalmente procurando o confronto, normalmente tomamos o cuidado de garantir que as coisas que dizemos, e as que não dizemos, sejam escolhidas de maneira apropriada, de modo a evitar constranger ou ofender os outros. (...) os aspectos linguísticos da polidez foram muito estudados nos últimos anos, o que levou a identificar um certo número de variáveis importantes: tom de voz, marcadores de status, expressões de tratamento, grau de certeza ou confiança, marcadores de discurso – como o português *com licença* -, a escolha entre o falar e o ficar calado, a aceitabilidade das perguntas diretas e outras. As regras de polidez variam muito de sociedade para outra, e é muito fácil ofender sem querer, para quem está conversando com falantes de uma outra língua.

Por meio desse verbete, podem-se observar vários aspectos relativos à polidez que serão desenvolvidos no decorrer da presente pesquisa. Os aspectos linguísticos e não linguísticos serão analisados nas interações, pois a polidez não se define apenas em sua expressão linguística. Nessa perspectiva, Thomas (1995) afirma que a polidez constitui um evento pragmático, não sendo possível, nessa perspectiva, estudá-la de forma puramente

gramatical, pois o que determina se alguma ação é ou não polida é uma soma de fatores, que envolvem não apenas a forma linguística, mas também o contexto da enunciação, a relação entre os interlocutores, entre outros fatores.

A definição de Trask (2004) realça o aspecto interacional da polidez, em relação à preocupação de monitorar a fala de forma a não ofender ou constranger o outro. Essa preocupação, chamada por Brown e Levinson (1986) de *facework*, será analisada e desenvolvida no decorrer do capítulo teórico e servirá como principal referência na análise das interações. Ao afirmar ainda que “as regras de polidez variam muito de uma sociedade para outra”, Trask (2004) ratifica a importância da análise deste tópico nos Estudos Culturais.

A presente investigação tem como principal objetivo analisar estratégias utilizadas por brasileiros em situações de elogio, com base na teoria da polidez proposta inicialmente por Brown e Levinson (1987) e no Princípio da Modéstia, proposto por Leech (1983). Para este estudo, foram selecionados colaboradores, a partir dos contatos sociais da pesquisadora. Assim, esta pesquisa busca analisar as interações registradas com o objetivo de estudar a manifestação do princípio da modéstia nesses eventos.

A polidez é objeto de estudos sociolinguísticos, pois para fazer escolhas adequadas, os falantes devem saber os significados linguísticos e as normas sociais envolvidas em suas interações. A polidez pode ser observada com base nos valores sociais, no senso comum, ou de um ponto de vista científico. Desse modo, o capítulo teórico se inicia fazendo essa distinção.

Para esta pesquisa, os termos *polidez* e *cortesia* serão considerados como sinônimos, uma vez que ambos os termos são utilizados nos contextos de uso do português brasileiro. No entanto, a pesquisa optou pelo uso do termo *polidez*, por ser mais recorrente na literatura sobre o assunto – apesar de a literatura hispânica e portuguesa darem preferência ao termo *cortesia*. Porém, no capítulo 4, na análise de dados do grupo focal, ambos os termos são utilizados pelos colaboradores. E, por se tratar de uma interação espontânea, os termos utilizados pelos colaboradores no grupo focal não serão alterados.

A pesquisa tem, como objetivo geral, a finalidade de investigar como as estratégias de polidez são utilizadas pelos interagentes brasileiros, especificamente em situações de elogios.

Os objetivos específicos são:

- i. Observar se há diferenças nas escolhas e reações a elogios quanto à geração e, se for o caso, apontar as diferenças encontradas.

- ii. Investigar e analisar as estruturas verbais e não verbais que funcionam como estratégias de polidez em situações de elogios, com suas respectivas reações, utilizadas por interlocutores brasileiros no grupo selecionado.
- iii. Analisar o uso e a função de marcadores de entonação, intensificação e atenuação na seleção de estratégias de elogio e esquivia.
- iv. Revelar as inferências culturais realizadas pelos colaboradores da pesquisa.
- v. Observar se há o uso de estratégias de esquivia como respostas aos elogios, de acordo com o princípio da modéstia proposto por Leech (1983).

Com o intuito de orientar e atender os objetivos propostos para a pesquisa, são apresentadas as seguintes questões investigativas:

- i. De que estratégias linguístico-discursivas se valem as gerações estudadas na reação a determinados tipos de elogios como elogios à aparência, competências, atributos morais e outros aspectos?
- ii. Qual a funcionalidade de marcadores, tais como entonacionais, intensificadores, atenuadores na formulação de elogios e na reação a eles pelos atores sociais envolvidos na pesquisa?
- iii. Qual é a relação que se estabelece entre as expressões linguísticas de elogio e seus respectivos implícitos culturais na seleção de respostas pelos interagentes brasileiros?
- iv. Em quais contextos interacionais os elogios podem constituir atos de ameaça à face?

A pesquisa se vale da tradição etnográfica. Isso significa dizer que está situada em uma perspectiva êmica, que não se constrói apenas na interpretação do autor, mas, sobretudo, do ponto de vista dos pesquisados, aqui chamados de colaboradores. Os colaboradores têm voz na pesquisa, uma vez que podem confirmar ou não a interpretação dos dados pelo pesquisador – resultando, portanto, em pesquisa com uma visão mais ampla e abrangente, pois conta com a triangulação dos pontos de vista da pesquisadora, dos colaboradores e dos teóricos que fundamentam este estudo.

A sociolinguística qualitativa serve-se de diversas áreas da linguagem em que se realizam análises que não se preocupam apenas em explicar o “o quê”, mas principalmente em elucidar o “como” e o “porquê” das ações sociais, históricas e culturais. Dessa maneira, a pesquisa qualitativa situa-se em um emaranhado multidisciplinar que favorece, tanto ao pesquisador quanto aos pesquisados, colaboradores, uma visão holística do processo

interacional e as explicações sob diversos pontos de vista das teorias acerca do funcionamento da linguagem.

Acredita-se que a união entre a sociolinguística interacional, a análise do discurso, a análise da conversação, a pragmática, entre outras, é fundamental para legitimar a pesquisa na investigação de atividade pluridimensional, buscando melhor entendimento do significado social do assunto estudado.

Como técnicas de geração de dados, serão utilizadas a observação participante e o grupo focal. Os participantes serão selecionados a partir dos contatos pessoais e profissionais da pesquisadora. Os dados serão gerados em eventos comemorativos que podem ocorrer em bares, restaurantes e residência dos próprios colaboradores. Não há riscos previstos para os participantes, uma vez que as identidades dos colaboradores serão mantidas em sigilo. Durante a geração de dados, serão utilizadas filmagens captadas durante as interações, que serão convertidas em arquivos em CD.

A pesquisa foi aprovada e autorizada pelo Comitê de Ética da Universidade de Brasília. De acordo com orientações do próprio Comitê, foram elaborados termos de consentimentos livres e esclarecidos (TCLEs), em anexo, os quais trazem resumo simplificado sobre a pesquisa, objetivos, garantias, proteção ao anonimato dos colaboradores, bem como veiculações possíveis para informações prestadas. Os TCLEs assinados pelos colaboradores são submetidos à Comissão de Ética. Como forma de preservar a identidade dos colaboradores, foram selecionados pseudônimos para nomeá-los.

O capítulo 1 apresenta o principal referencial teórico que orientou a pesquisa, além de discutir conceitos fundamentais para o entendimento do Princípio Pragmático da Polidez. O capítulo 2 descreve as metodologias e técnicas que guiaram a pesquisa. O capítulo 3 apresenta os dados gerados durante a observação participante. O capítulo 4, por fim, apresenta e discute os resultados da observação participante e do grupo focal.

# CAPÍTULO 1 – “COM LICENÇA, VAMOS FALAR DE POLIDEZ?”

## 1.0 PERSPECTIVAS

O presente capítulo apresenta as principais contribuições teóricas que norteiam este trabalho, apresentando os teóricos e definições utilizados como base da pesquisa.

Por serem tão presentes nas interações, torna-se extremamente relevante a análise das estratégias linguísticas de polidez<sup>2</sup> usadas em diversas comunidades socioculturais. Muitas pesquisas vêm sendo realizadas sobre o assunto, a maioria com base em pesquisas empíricas, e, dessa forma, diferentes teorias e paradigmas foram desenvolvidos. Observa-se que o termo “polidez” tem sido utilizado em diferentes contextos, com diferentes sentidos e com diversos propósitos. Assim, surge a necessidade de esclarecer algumas definições de acordo com o senso comum e de acordo com a linguística.

## 1.1 POLIDEZ: DEFINIÇÕES

Existem várias definições de polidez. No senso comum, polidez é sinônimo de boas maneiras, cortesia, urbanidade, civilidade, afabilidade, equivalente a ter ou demonstrar boas maneiras e consideração por outras pessoas; é ter um comportamento adequado ou apropriado. Ela não se limita à linguagem, mas inclui também linguagem não verbal e ações não linguísticas<sup>3</sup>.

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que existem duas unidades primitivas antagônicas: o *ego* e o *alter*. Portanto, há um conflito constante entre o egoísmo e o altruísmo – aquele sendo uma disposição natural do ser humano e este uma disposição secundária que visa o equilíbrio entre elas. Nesse ponto de vista, a polidez surge como uma forma de conciliar a preocupação de si e o respeito pelo outro.

---

<sup>2</sup> Esta pesquisa analisa a polidez como ato pragmático. Portanto, nessa perspectiva, serão analisados os atos de polidez.

<sup>3</sup> Entende-se por linguagem não verbal, a linguagem corporal, expressões faciais, gestos que representam significados, enfim a cinésica. Entende-se por ações não linguísticas, as interações ou os comportamentos que não envolvam necessariamente comunicação linguística, como segurar a porta para outra pessoa passar, dar preferência para as pessoas de mais idade etc.

A noção de polidez varia de comunidade para comunidade e de cultura para cultura, por isso ela é estabelecida socialmente, algumas de forma explícita, como regras de etiqueta, e outras, de forma implícita. Essas regras são relacionadas às estruturas sociais, antigamente pautadas no modo de vida na corte ou na cidade – cortesia e civilidade – e também pautadas em códigos e éticas, noções do que é considerado um “comportamento adequado”, de acordo com Fernandes (s/d). Portanto, a polidez surge, nessa perspectiva, como um estilo da aristocracia, atribuindo a seus membros determinadas qualidades, como boa educação, generosidade, elegância etc.

Por estilo, entende-se que:

Os estilos de fala dizem respeito ao modo pelo qual os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos dentro de um sistema de distinções e possibilidades. Seus atos de fala são ideologicamente mediados, já que esses atos envolvem, necessariamente, os entendimentos do falante a respeito de grupos sociais, atividades e práticas, incluindo formas de falar. Tais entendimentos incorporam valorações e pesam de acordo com a posição social e interesse do falante. São também afetados por diferenças quanto ao acesso dos falantes a práticas relevantes. Atos sociais, incluindo atos de fala, são informados por um sistema ideologizado de representações, e não importando quão instrumentais possam ser para alguma meta específica, também participam do trabalho de representação. (IRVINE *apud* VILAÇA e BENTES, 2008:21),

A polidez, por sua vez, “conforme a etimologia da palavra, tem a função de arredondar os ângulos e “polir” as engrenagens da máquina conversacional, a fim de preservar seus usuários de graves lesões” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006:101).

A polidez se manifesta de diferentes formas nas ações ou mesmo na falta de ações humanas. Em geral, é considerado descortês falar alto em igrejas ou bibliotecas, encarar uma pessoa desconhecida. Em algumas ocasiões, a falta de alguma atitude pode ser considerada descortesia, como não responder a um cumprimento ou saudação.

No senso comum, portanto, a polidez é vista como forma de avaliar as ações cotidianas de membros da comunidade, com base nos valores sociais da própria comunidade. Essa é uma visão êmica, ou seja, estabelecida pelos próprios membros da comunidade, e normativa, por ser derivada de significado determinado por um sistema sociocultural. Essa noção constitui pré-requisito implícito para atuação adequada na comunidade.

A linguística se preocupa com a manifestação da polidez, por meio de atos verbais e não verbais, seu significado e percepção pelos interagentes. Para Coulmas (2005), uma noção teórica da polidez deve ser culturalmente neutra e compatível com os mecanismos linguísticos universais. Entretanto, qualquer teoria sobre polidez deve levar em consideração que cada

comunidade sociocultural possui normas próprias de polidez. Assim, qualquer modelo teórico de polidez se manifestaria de forma diferenciada de cultura para cultura. Uma pesquisa sociolinguística depende da diferenciação clara das noções de polidez de acordo com cada comunidade investigada.

A polidez é forjada em meio às práticas sociais, ou seja, são ações constitutivamente culturais. São vinculadas a determinadas formas de representação da estrutura e do funcionamento dos regimes simbólicos da interação social. Coulmas (2005) define polidez como a prática de organizar atos linguísticos para que esses estejam em conformidade com a expectativa social, mantendo a comunicação livre de problemas. Sob esse ponto de vista, a polidez não é vista apenas como um comportamento ou parte integrante de um enunciado, mas como algo fundamental nas interações sociais.

Picard (*apud* COULMAS, 2005) afirma que a polidez é resultado da evolução do homem, é a resposta às inadequações de suas interações. Para ele, ela é consequência da organização civilizada da humanidade. Os gestos de submissão, de complacência, de respeito, a afirmação e reconhecimento de *status* são meios eficazes de organização social e prevenção de conflitos. A polidez tem uma dimensão na contextualização dialógica do discurso, uma vez que os interlocutores estão sempre realizando trocas linguísticas. Para isso, eles selecionam estratégias para indicar e definir a relação social estabelecida entre eles.

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que a polidez recobre todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal. Para ela, a polidez é um conjunto de procedimentos, normas, que os interlocutores utilizam para poupar ou valorizar seu parceiro de interação. A polidez, portanto, visa contrabalancear os impulsos egocêntricos e neutralizar seus efeitos potencialmente devastadores para a interação, é “uma violência contra a violência” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006:101)

De acordo com Thomas (1995), a polidez está relacionada diretamente à Pragmática, à Sociolinguística e à Análise do Discurso. O estudo da manifestação linguística da polidez constitui área que põe em evidência a função social da linguagem, uma vez que a polidez está ligada a diferenciações sociais, marcando as escolhas apropriadas, que não são as mesmas para todos os falantes em todas as situações.

De acordo com Eelen (2001), Robin Lakoff foi uma das primeiras autoras a analisar a polidez em perspectiva pragmática. Ela definiu polidez como sistema interpessoal de relações sociais para facilitar a interação, minimizando os possíveis conflitos inerentes às interações humanas. De forma semelhante, Holmes (2006) define Polidez como expressão de

preocupação com os sentimentos dos outros, como o lubrificante da sociedade. Nessas perspectivas, é possível afirmar que ela facilita as interações humanas, uma vez que ameniza conflitos entre interlocutores e busca a preservação mútua de faces<sup>4</sup>.

A polidez é objeto de estudos sociolinguísticos, pois, para fazer escolhas adequadas, os falantes devem conhecer os significados linguísticos e as normas sociais envolvidas em suas interações. Para Brown e Levinson (1987), os padrões de construção de mensagens, ou a "forma como se constrói as sentenças", ou simplesmente o uso da linguagem fazem parte do material de que são feitas as relações sociais.

## 1.2 POLIDEZ E ESTRUTURA SOCIAL

Diferentemente dos outros autores, Coulmas (2005) afirma que as convenções de polidez estão relacionadas com as estruturas sociais, mas não é possível conectar as duas ideias, pois as mudanças linguísticas e de polidez não acontecem em sincronia. Para ele é possível estudar alguns marcadores de polidez, como o uso de pronomes, mas não se pode ligar o uso desses a características de uma sociedade. Não é possível afirmar, por exemplo, que os brasileiros são mais informais que os japoneses porque marcam deferência basicamente com o uso de pronomes, enquanto os japoneses o fazem de forma gramaticalizada, em quase todos os elementos do enunciado.

Vilaça e Bentes (2008), contrariamente a essa ideia e com base nos trabalhos de Irvine e Bourdier, alegam que a organização dos modos de fala pressupõe a associação de uma identidade social a uma conduta verbal e ainda afirmam que a polidez – por ser forjada em meio a práticas sociais, ou seja, constitutivamente cultural – é vinculada a determinadas formas de representação da estrutura e do funcionamento dos regimes simbólicos da interação social.

As diferenciações sociais como gênero, idade, classe social, poder e dinheiro interferem na forma como a polidez se manifesta. As sociedades, de um modo geral, possuem formas linguísticas que permitem que os atores sociais expressem modéstia, respeito, deferência, solidariedade, autoridade, relação entre os interlocutores e formalidade-informalidade.

---

<sup>4</sup> A definição de faces será apresentada na página 31.

Para Brown e Levinson (1987) existem várias motivações sociais para o uso de estratégias de polidez. Elas operam como catalisador e modalizador social, como forma de aumentar ou diminuir as distâncias entre os falantes, de manter e definir as relações sociais e como forma de respostas aos atos de ameaça à face<sup>5</sup>. Portanto, em uma interação, a polidez é definida como o meio que o interlocutor emprega para demonstrar que está consciente da face do outro (YULE, 1996)

Holmes (2001) afirma que a decisão do que é considerado polido ou não em uma dada comunidade envolve o acesso a relações sociais ao longo das dimensões de distância social/solidariedade e de maior ou menor *status* social. Pra ela, é preciso compreender os valores sociais de uma cultura, para uma atuação polida dentro dela, além de envolver também a dimensão da formalidade. Para Holmes (*ibid*) uma descrição linguística da polidez deve considerar, portanto, os valores sociais que governam a forma como as dimensões sociais – como *status*, solidariedade e formalidade – são expressas e identificar os diferentes pesos que esses fatores possuem em diferentes culturas.

Kerbrat-Orecchioni (2006) menciona ainda que os interagentes de uma determinada cultura interiorizam algumas normas comunicativas. Eles costumam julgar ridículo, chocante, inadequado ou impolido qualquer desvio em relação a essas normas. Tanto a falta quanto o excesso nos comportamentos rituais podem ser estigmatizados; a ausência pode ser percebida como grosseria, e o excesso, como ridículo ou inadequado.

### 1.3 INTERAGENTES E EXPRESSÕES

É importante observar que a polidez pode se manifestar por diversas formas, uma delas ocorre por meio de expressões linguísticas. De acordo com Brown e Levinson (1987), em todas as línguas há uma série de expressões idiomáticas reconhecidas por seus usuários, e elas podem variar quanto ao grau de polidez. Algumas delas parecem ser naturalmente mais polidas que outras. Por exemplo, “O telefone está tocando?” é mais polido que “Atenda o telefone!”. Assumindo que a polidez está presente em todas as culturas, essas normas são definidas internamente.

Porém, as expressões linguísticas não são os únicos meios que determinam se uma sentença é polida ou não. Uma mesma expressão pode ser considerada polida e impolida em

---

<sup>5</sup> A definição e classificação de atos de ameaça à face serão apresentados a partir da página 32.

diferentes contextos e entre diferentes interlocutores. Como as expressões são sempre direcionadas a outros, os locutores selecionam estratégias que indicam ou definem a relação social e/ou pessoal com seu interlocutor.

Para Holmes (1995), cada gênero possui uma relação diferente com a língua e prescreve que as mulheres utilizam a língua como instrumento de conexão, para buscar envolvimento e interdependência entre pessoas, enquanto os homens são mais preocupados com a autonomia e o desapego, buscando independência, e detêm o foco nas relações hierárquicas. A partir dessas reflexões, Holmes (*ibid*) generaliza as explicações do uso das estratégias de polidez entre os gêneros e mostra que as relações sociais, as relações hierárquicas, a familiaridade e o gênero afetam diretamente as escolhas do locutor.

Holmes (1995) afirma que as mulheres usam a polidez negativa<sup>6</sup> para evitar desacordos e a positiva para serem amigáveis. As mulheres interrompem as conversações como forma de mostrar participação e interesse; são mais solidárias; incentivam mais as interações; concordam mais; são mais indiretas para demonstrar desacordo; preocupam-se mais em evitar desacordo explicitamente; usam perguntas para iniciar ou manter conversações; usam mais atenuadores que os homens.

Ainda de acordo com Holmes (2006), quando os interagentes são próximos e mantêm relação de igualdade, eles tendem a usar menos estratégias de polidez entre si. Quanto maior a distância social entre os interlocutores, maior será a probabilidade de ocorrência de estratégias de polidez entre eles. O próprio contexto que envolve as interações depende das relações sociais entre os participantes.

Nem todas as relações de assimetria são iguais, a relação entre pai e filho é diferente da relação entre chefe e empregado. Essas relações são dependentes de contextos e culturas. É preciso analisar a possibilidade de intercambialidade de papéis e a possível mudança de contexto. É claro que nenhuma cultura permite a troca de papéis entre pai e filho, mas é possível observar que certas culturas tratam com mais deferência os pais, principalmente os idosos.

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), as regras conversacionais não são universais, elas variam sensivelmente de uma sociedade para outra, bem como no interior de uma mesma sociedade, segundo a idade, o sexo, a origem social ou geográfica entre outros fatores. É

---

<sup>6</sup> As definições de polidez positiva e negativa serão desenvolvidas posteriormente, quando será abordada a teoria de Polidez proposta por Brown e Levinson (1987), a partir da página 44 e 49, respectivamente.

importante mencionar que a proxêmica<sup>7</sup> (por exemplo, as concepções de qual é a “boa distância” a ser mantida entre os interagentes), a cinésica<sup>8</sup> (envolvendo os gestos, expressões faciais), a prosódia<sup>9</sup> (velocidade da elocução, entonação etc.) e os elementos paralinguísticos<sup>10</sup>, os gestos que envolvem contato corporal (beijos, apertos de mão, abraços), entre outros, também variam significativamente de uma sociedade para outra.

A avaliação social constitui fator determinante nas relações hierárquicas, não apenas na determinação de papéis, mas em contextos específicos. Condição social e/ou econômica, autoridade, ocupação/profissão, etnia, amizade, parentesco e outros fatores são relevantes na seleção e escolha de estratégias.

Brown e Levinson (1987) asseguram que as escolhas de estratégias de polidez dependem da função de três fatores: o nível de gravidade dos atos ameaçadores à face; a distância social entre os interlocutores, ou seja, sua relação “horizontal”; e a relação de poder entre os interagentes, ou seja, sua relação “vertical”.

#### 1.4 PARA QUE SERVE A POLIDEZ?

Thomas (1995) discute cinco pontos relacionados à polidez<sup>11</sup>: Polidez como forma de alcançar uma meta; como forma de marcar deferência; como seleção de registro; como aspecto gramatical e pragmático. Ela afirma que esses pontos são confundidos com o próprio ato de ser polido, mas, na verdade, são pontos relacionados, ou seja, aplicação prática do uso das estratégias de polidez.

---

<sup>7</sup> Estudos das variações de postura, distância e contato tátil na comunicação humana. Estas variações no espaço interpessoal frequentemente são específicas de cada cultura, e podem ser analisadas em termos de sexo, idade, intimidade, papel social e outros fatores (CRYSTAL, 1985). Para Fetterman (1998), é o estudo de como é socialmente definida a distância física entre as pessoas em diferentes circunstâncias sociais.

<sup>8</sup>Uso sistemático da expressão facial e de gestos do corpo com o intuito de comunicar alguma significação, em especial quando se relaciona com o uso da língua (quando um sorriso, por exemplo, ou a testa franzida alteram a interpretação de uma sentença) (CRYSTAL, 1985). Para Fetterman (1998), é o estudo da linguagem corporal.

<sup>9</sup> O campo de aplicação da prosódia sobre o conjunto de fenômenos ligados a entonação. O termo indica, de maneira coletiva, as variações mais sistemáticas de altura, tempo, ritmo (CRYSTAL, 1985 e NEVEU, 2008).

<sup>10</sup> Termo usado para indicar variações de tom de voz que parecem menos sistemáticas do que os traços prosódicos, para produzir um tom de voz que assinala uma atitude, papel social ou alguma outra significação específica da língua. Alguns analistas incluem a cinésica nos estudos paralinguísticos. (CRYSTAL, 1985).

O presente estudo considera a prosódia um dos elementos paralinguísticos, para todos os efeitos.

<sup>11</sup> Apesar de vários autores definirem polidez como um fenômeno, optou-se pela noção de estratégia, pensada e planejada, que envolve a ação dos interagentes. A palavra fenômeno traz uma ideia de um acontecimento que independe da ação humana.

A palavra estratégia<sup>12</sup> possui sentido importante nesse contexto. Ela é usada no sentido de ação planejada, de forma consciente. Brown e Levinson (1987) evidenciam esse sentido, afirmando que essa palavra implica elemento racional que projeta planos de ação, aparentemente inconscientes e/ou rotineiros, planejamentos prévios com aplicações automáticas. Para eles, os detalhes e as peculiaridades das realizações linguísticas e cinésicas da manifestação das estratégias de polidez são tão específicas, racionais e não arbitrárias, que acreditar que são naturalmente programadas ou inatas seria absurdo. Pode-se afirmar, portanto, que a polidez é estabilizada normativamente de forma êmica, ou seja, as regras ou normas são construídas e estabelecidas em cada cultura por meio de negociação entre os usuários.

#### **1.4.1 Polidez como estratégia para alcançar metas**

Thomas (1995) alega que nessa perspectiva a polidez é vista como o desejo de agradar os outros ou uma motivação básica para determinada ação. Entretanto, a autora afirma que a pragmática não se interessa pela motivação das ações, pois não é possível mensurar a verdadeira motivação do falante, nem afirmar se um grupo é mais polido que outro. Para ela, o interesse linguístico está no que é dito e na reação obtida, uma vez que isso é passível de estudo. Observa-se que os chineses, por exemplo, são mais enfáticos ao tratar de interesses do grupo no lugar de interesses individuais, mas não se pode afirmar com base nessa observação que eles são mais altruístas do que outros pertencentes a culturas diferentes.

Thomas (1995), partindo do pressuposto de que há sempre um registro adequado para cada contexto, afirma ainda que ao selecionar registro diferente do que inicialmente é determinado para o contexto, o falante deve ter consciência das prováveis e possíveis respostas e reações que receberá como consequência dessa escolha.

---

<sup>12</sup> Com base em Ferreira e Houaiss (*apud* BRANDÃO, 2008), Estratégia é uma palavra de origem grega, *strategía*, cujo significado era a arte da guerra, planejamento bélico, enfim, a arte de explorar os artifícios disponíveis com o fim de alcançar objetivos específicos. Palavra diferente, porém próxima de seu significado, é tática, que pode ser entendida como habilidade usada para obter maior sucesso num empreendimento (HOUAISS, 2001: 2677). As duas palavras partilham características básicas e implicadas, tais como planejamento, competição, manipulação consciente e movimento em direção a uma meta.

O uso de elogios pode ser estratégia utilizada pelos interlocutores como forma de obter determinada meta. Muitas vezes essa estratégia pode ter reações inesperadas, se o usuário da língua não selecioná-las adequadamente, prevendo a reação de seus interlocutores.

Muito mais do que saber fazer um elogio, é importante que os locutores possuam competência interacional<sup>13</sup> para prever as reações de seus interlocutores. Ter consciência de que certos elogios podem ser recebidos de forma diferente, dependendo do contexto, da relação entre os interlocutores, do grau de proximidade e da relação hierárquica estabelecida entre eles etc. A competência interacional independe do grau de escolaridade, da etnia e da classe social do interlocutor, mas pode ser desenvolvida nas relações sociais.

#### **1.4.2 Polidez como forma de deferência**

Frequentemente a polidez é confundida com deferência, principalmente quando se estuda línguas orientais, como o japonês. Ambas se conectam, mas são eventos distintos. Deferência se refere ao respeito que se mostra a outros em virtude de sua posição social, idade etc. ou mesmo à marcação de distanciamento entre os interagentes. Polidez constitui uma maneira mais abrangente de mostrar consideração por outros (THOMAS 1995:150). Ambas podem se manifestar por meio de ações sociais ou linguísticas.

Em português, mostra-se deferência por meio dos pronomes de tratamento ou escolhas lexicais, diferente das línguas que possuem o sistema TV<sup>14</sup>, como o Francês, Espanhol, Alemão, ou línguas em que a deferência é marcada gramaticalmente, como o japonês.

Os usuários são obrigados a escolher uma das formas de deferência nas línguas que possuem o sistema TV. Em Espanhol, por exemplo, o usuário deve escolher uma das formas de tratamento Tu/vos/usted ao se dirigir a outra pessoa. Essa marcação possui significado social e cultural, muito mais do que marcar formalidade e informalidade ou o grau de familiaridade, pessoalidade e respeito entre os interlocutores<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup>Para Young (2008), competência interacional diz respeito a relação entre o uso de recursos linguísticos e interacionais no contexto em que eles são empregados; é como esses recursos são mutuamente e reciprocamente empregados por todos os participantes em uma prática discursiva particular; é co-construído por todos os participantes em uma prática discursiva. Desse modo, competência interacional varia de acordo com a prática e de acordo com os participantes.

<sup>14</sup> São línguas que marcam e variam a forma de tratamento do formal para o informal com a seleção de pronomes, como “tu” e “você”.

<sup>15</sup> A seleção de formas de tratamento em Espanhol, assim como em qualquer língua, está sujeita à variedade linguística específica de cada comunidade.

Em Inglês, a deferência era marcada entre os pronomes *thou/you*, há trezentos ou quatrocentos anos, mas hoje é feita por meio de formas de tratamento, como *Doctor/Professor* ou com honoríficos, como *Sir/Madam* ou ainda com formas do próprio nome *Mr. Jones/Richard/Rick*.

É incomum o uso de deferência de forma gramatical em inglês, entretanto, em línguas como japonês e coreano, essa marcação é feita em várias partes do discurso (nomes, adjetivos, verbos e pronomes). É impossível evitar essa marcação de deferência na relação entre os interlocutores em japonês, conforme se pode observar nos seguintes exemplos que contrastam a marcação de deferência em inglês, português e japonês.

Inglês:

*Exemplo 1:*

*Mr. Jones, are you ready to start? (formal)*

*John, are you ready to start? (informal)*

*Exemplo 2:*

*Professor, are you going to give us a test? (formal)*

*Nick, do your homework! (informal)*

Português:

*Exemplo 3:*

*O senhor gostaria de tomar um café? (formal)*

*Exemplo 4:*

*Você me emprestaria 10 reais? (informal)*

*Exemplo 5:*

*Vossa Excelência me respeite! (formal)*

*Exemplo 6:*

*Posso lavar seu carro, doutor?<sup>16</sup> (formal)*

Japonês (Polidez gramaticalizada)

*Exemplo 7:*

*Nani ni suru ("O que é que você vai querer (pedir)?" (menos formal)*

*Nani ni shimasu kA ("O que você vai querer (pedir)?" (pouco formal)*

*Nani ni nasaimasu kA ("O que o senhor gostaria (de pedir)?" (muito formal)*

---

<sup>16</sup> No Português brasileiro, em alguns casos, o uso de “doutor” equivale a um pronome de tratamento, como “senhor”, usado para marcar uma posição hierárquica superior e não um *status* profissional ou acadêmico.

Thomas (1995) afirma que a marcação de deferência tem pouco a ver com a Pragmática, a não ser que o falante escolha deliberadamente opção diferente das que as normas sociais indicam, aceitando as possíveis consequências dessas escolhas. Para ela, o falante não faz escolhas aleatórias, ele deve seguir as regras sociais preestabelecidas. Um soldado, por exemplo, não pode se referir a seu superior como *você* ou *senhor*, pois há uma norma militar disciplinar e sociolinguística que determina a forma que deve ser usada e as penalidades para a não obediência à norma. O cumprimento das normas não indica necessariamente respeito ou atenção ao interlocutor, mas o não cumprimento pode indicar a falta de respeito intencional, falta de competência comunicativa ou desconhecimento das normas estabelecidas.

### 1.4.3 A polidez do ponto de vista gramatical

Sob esse prisma, a polidez é investigada fora do contexto conversacional. Porém, essa abordagem exclui a construção de sentidos que é formada por meio das interações. O objeto é reduzido aos componentes das sentenças, e os sentidos apresentados não representam necessariamente a realidade conversacional, na maioria dos casos.

Podem-se observar construções com sentidos específicos preestabelecidos, excluindo os sentidos dessas construções em contextos diversos. As seguintes construções representam opções que ‘a língua oferece’<sup>17</sup> ao usuário para se fazer um pedido, uma solicitação, alinhadas aqui da construção com maior grau de polidez para o menor grau:

*(Would you X? – Could you X? – Can you X? – Do X!)*

*(Você poderia X? Você pode X? Faça X)*

A polidez se manifesta de forma gramatical e de várias formas. Observa-se que uma mesma mensagem pode ser transmitida de formas diferentes:

*Exemplo 8:*

*Se você quer chegar a tempo, tem que sair de casa às 9h.*

*Se o senhor gostaria de chegar a tempo, deve sair de casa às 9h.*

*Exemplo 9:*

*Com licença, por favor, o senhor se importaria se eu fumasse aqui?*

---

<sup>17</sup> Foi selecionada intencionalmente a expressão “a língua oferece”, como forma de evidenciar o ponto de vista desse tipo de abordagem, em que a língua não é construída, manipulada ou alterada por seus usuários.

*Posso fumar aqui?*

A ordem dos elementos de uma sentença pode também influenciar na polidez. Pode-se afirmar que a primeira sentença é mais polida que a segunda, se analisada de forma isolada, como nos seguintes exemplos:

*Exemplo 10:*

*Você se importaria de me dizer onde você comprou essa roupa?*

*Onde você comprou essa roupa? Você se importaria de me dizer?*

É certo que esse evento não pode ser analisado fora de contexto. O grau de polidez de uma sentença é determinado por uma soma de fatores que envolvem, entre outros elementos, a forma linguística, o contexto da enunciação e a relação entre os interlocutores. Observa-se que o contexto, nos exemplos a seguir, muda o sentido das estruturas selecionadas.

*Exemplo 11:*

*Um homem decide levar sua mulher a um restaurante para comemorar uma data especial e diz “Escolha você”*

*Exemplo 12:*

*No restaurante, o homem diz à sua mulher, que se mostra alterada depois de algumas taças de vinho: “Você não gostaria de tomar mais um pouquinho de vinho, querida?”*

No primeiro caso, apesar de o interlocutor ter selecionado uma estratégia que, de acordo com a abordagem, seria a forma menos polida para fazer uma solicitação, o contexto determina o sentido contrário. A sentença, portanto, nesse contexto, é considerada polida. No segundo exemplo, o caso é contrário. O locutor selecionou uma estratégia de abordagem indireta, que, a rigor, seria a mais polida em um contexto em que ela se torna extremamente ameaçadora à face, por sua ironia.

Evidentemente, os elementos paralinguísticos, proxêmicos e cinésicos interferem diretamente no sentido de qualquer enunciado. A entonação, por exemplo, marca o sentido irônico de sentenças em determinados casos.

Para a seleção das estratégias, o locutor observa a necessidade de manutenção de face própria e de seu interlocutor, a necessidade de cooperação do outro e a necessidade e/ou desejo de praticar um ato de ameaça à face, a relação com seu interlocutor, o contexto situacional. Então, ele analisa e prioriza os elementos envolvidos e as necessidades do contexto, selecionando, a partir desses dados, as estratégias mais convenientes para a situação.

É possível observar explicações como em *Você poderia fechar a porta*, mais formal que *Você pode fechar a porta* e também mais polido do que *Por favor, feche a porta*, isolando essas sentenças do contexto e não mostrando que é justamente a situação, a relação de

proximidade entre os falantes e a intenção comunicativa que irão revelar o grau de polidez do uso de tais estruturas linguísticas.

As motivações das seleções de estratégias vão além da estrutura linguística, como lexicalizações (senhor, por favor, com licença), modificações sintáticas e estilísticas (uso da voz passiva, elipses, inflexões, nominalizações) e modificações fonéticas, incluindo a prosódia (altura, hesitação, voz). [...] vários aparatos sintáticos e lexicais são motivados por distinções sistêmicas e cognitivas e por fatores processuais. Outras motivações podem ser: atenuantes e sociais, incluindo processos de minimização de riscos a face.<sup>18</sup> (Brown e Levinson 1987:99)

Defende-se que a polidez deve ser analisada contextualmente, pois o que vai determinar se alguma ação é ou não polida é uma soma de fatores, como já citado, que envolvem a forma linguística, o contexto da enunciação e a relação entre os interlocutores, entre outros fatores. A polidez, no ponto de vista pragmático, não pode ser estudada de forma puramente gramatical.

## **1.5 A POLIDEZ DO PONTO DE VISTA PRAGMÁTICO**

A polidez, nessa abordagem, é vista como estratégia usada pelo falante para atingir metas. Fraser (1990) destaca alguns grupos de abordagem pragmática:

Máximas conversacionais (Grice)

Princípios Pragmáticos (Leech)

Noções de Face (Brown e Levinson)

Contrato conversacional e Atenuadores (Fraser)

### **1.5.1 Máximas Conversacionais de Grice (1989)**

Leech (1983) faz uma análise da polidez baseada no Princípio Cooperativo de Grice (1975), que constitui a base de todas as conversações. As máximas de Grice são uma caracterização intuitiva de princípios conversacionais. Segundo esses, as pessoas que se envolvem em determinada conversa comprometem-se naturalmente em exercer cooperação mútua. As máximas são constituídas por:

(a) a máxima da qualidade não simulada: fale a verdade e seja sincero;

---

<sup>18</sup> Tradução livre e com adaptações.

(b) a máxima da quantidade: não fale, a menos que seja requisitado, e não fale mais do que requisitado;

(c) a máxima da relevância: seja relevante;

(d) a máxima de modo<sup>19</sup>: seja perspicaz, evite ambiguidade e obscuridade.

Essas máximas são criticadas por não envolverem a maioria dos enunciados e interações mais comuns ou mais frequentes e também pelo fato de a maioria das interações não seguirem essas máximas. Quando há preocupação com as faces envolvidas, o primeiro fator observado é a não obediência a tais máximas. É claro que há outras preocupações que não essa, como evitar responsabilidade quanto ao que se diz, mas é possível observar que a polidez muitas vezes contraria a conversação racional, eficiente, precisa e objetiva.

### 1.5.2 Princípios pragmáticos de Leech (1983)

O Princípio de Polidez, proposto por Leech (1983), constitui base operacional para todas as interações verbais. O autor propõe algumas máximas que regem o comportamento linguístico, com a finalidade de estabelecer e manter a cortesia. Ele sugere alguns princípios que podem guiar as interações.

(a) O Tuto implica minimizar as expressões de imposição e custo para o outro e maximizar as expressões de benefícios. Para isso, Leech sugere que o falante minimize a imposição por meio de atenuadores e outros recursos, também oferecendo opções ao interlocutor e analisando uma escala de custo e benefício antes de realizá-la. Para apresentar custos ou imposições, ele sugere a utilização de estratégias distintas, sendo o mais indireto possível<sup>20</sup>.

(b) A Generosidade consiste em minimizar as expressões de benefícios para si e de custos para outros e maximizar as expressões de benefícios para outros e de custos para si. Os elogios são um exemplo da aplicação desse princípio, uma vez que ao fazer um elogio o locutor não apenas exalta características, habilidades e competências do outro, mas também pode demonstrar não possuir tais características.

(c) A Aprovação trata de maximizar as expressões de acordo com o outro e minimizar as de desacordo.

---

<sup>19</sup> Em inglês, *manner*.

<sup>20</sup> Essas estratégias serão desenvolvidas posteriormente no tópico 'atenuadores', página 54.

(d) A Modéstia diz respeito à minimização das expressões de elogios para si e maximização das expressões de depreciação própria. Esse princípio é um dos principais referenciais teóricos do presente estudo.

Kerbrat-Orecchioni (2006) alega que a “Lei da Modéstia” faz parte do Princípio da Polidez. Ela afirma que vangloriar-se, mesmo que merecidamente, é um ato mal visto pela sociedade, portanto, se um indivíduo é levado a fazê-lo, deve usar algum procedimento minimizador ou reparador. Para ela, qualquer infração patente à “Lei de Modéstia” é sancionada, acarretando uma possível estigmatização do culpado, decretado como vaidoso e até megalomaniaco.

Desvalorizando-se, ele evita exibir, entre outras coisas, sua superioridade sobre seu parceiro: realçando-se a si mesmo, arrisca-se, por extensão, a rebaixar indiretamente o outro; exaltando a própria face, arrisca-se a atentar contra a do outro (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006: 97)

Portanto, o elogio deve ser sempre direcionado ao interlocutor, deve valorizar a face do outro. Se necessário, o locutor deve sacrificar a própria face. O ofendido deve minimizar a ofensa que acaba de sofrer, caso contrário, pode ser avaliado negativamente. O doador deve minimizar sua própria oferta, isso é avaliado positivamente, ou seja, um ato que valoriza sua própria face. Em termos gerais, trata-se sempre de minimizar as faltas dos outros e seus próprios méritos, e não o contrário.

No Brasil, aceitar um elogio prontamente em determinados contextos pode ser considerado ato de exibicionismo. Por isso, como resposta a elogios, muitas vezes os interagentes usam várias estratégias de esquiva. Quando uma dona de casa recebe um elogio pela comida, por exemplo, é comum se ouvir respostas que atenuam a força do elogio, como “Que é isso... a comida hoje foi simples”, “Hoje nem ficou tão bom”. Esse princípio será analisado no decorrer deste estudo.

(e) O Acordo é muito semelhante ao de aprovação. Consiste em evitar desacordos com o interlocutor. O uso de atenuadores como forma de evitar conflito é um exemplo.

*Exemplo 13:*

*Não é bem assim que funciona este aparelho, na verdade, você deve configurá-lo antes do uso.*

(f) A Simpatia, ou *Princípio de Poliana*, consiste em sempre dizer algo positivo, especialmente diante de uma contrariedade.

### 1.5.3 Noções de Face (Brown e Levinson, 1987)

Assim como Leech (1983) e Lakoff (1990), Brown e Levinson (1987) também tomam como base o princípio Cooperativo para tratar de polidez. Para eles, os interagentes tomam decisões que visam a seus interesses e aos dos outros. Eles definem polidez como uma preocupação com a “face” do outro: face, nessa perspectiva, refere-se a uma autoimagem pública. Para eles, face tem dois aspectos, o positivo e o negativo. Eles desenvolvem a ideia de Noções de Face e afirmam que todo interagente possui duas faces e que preservá-las é geralmente de interesse e prioridade mútua em todos os atos de fala<sup>21</sup>. Portanto, os interlocutores escolhem meios de alcançar seus objetivos nas interações, preservando as faces envolvidas.

(a) A face positiva é relativa à autoimagem do indivíduo ou à personalidade; representa o desejo de aprovação, apreciação e reconhecimento individual;

(b) A face negativa é relativa à autopreservação, desejo de não imposição ou reserva de território pessoal, liberdade de ação e de imposições.

A noção de face usada por Brown e Levinson (1987) deriva da noção de face de Goffman (1967) e de expressões inglesas, como *losing face*, que significam humilhação e embaraço. Em português há expressões semelhantes, como *quebrar a cara*, que representam falha pessoal. Portanto, face é um conceito investido de emoções: ela pode ser mantida, perdida e reforçada, e sempre está envolvida nas interações. De modo geral, as pessoas cooperam e presumem a cooperação dos outros na manutenção de faces durante as interações, uma vez que essa cooperação baseia na mútua vulnerabilidade das faces, ou seja, a preservação da face individual depende da preservação da face dos outros. Portanto, os interlocutores procuram manter suas próprias faces, defendendo as dos outros interlocutores.

A principal crítica ao trabalho de Brown e Levinson (1987) diz respeito ao racionalismo e universalismo de sua teoria. Eles afirmam, porém, que o conteúdo ou a definição de faces pode se diferenciar de acordo com a cultura dos envolvidos, mas supõem que o conhecimento mútuo dos membros, a autoimagem pública e a necessidade de auto-orientação social nas interações são universais.

---

<sup>21</sup> Atividade comunicativa definida com referência às intenções do falante ao fazer uso da linguagem.

### 1.5.3.1 Atos de Ameaça à Face, FTA's

Brown e Levinson (1987) afirmam que todos os atos que somos levados a produzir na interação podem ser, de alguma forma, “ameaçadores” a uma e/ou à outra face dos interlocutores presentes. Tais atos são chamados de *Face Threatening Acts*, doravante FTAs<sup>22</sup>, Atos de Ameaça à Face. Se os participantes envolvidos no processo interativo possuem *desejo e necessidade de manutenção de face* (face-want), cada um procura conservar intactos, e mesmo melhorar, seu território e sua face. A polidez pode ser considerada a arte de negociar e ponderar a necessidade de preservar as faces envolvidas na interação, ou seja, não cometer nenhum ato que possa ameaçar essas faces e se proteger contra tais atos. Entende-se que esses atos podem ser verbais e não verbais, ou um misto deles.

Vários fatores podem influenciar a escolha de estratégias de FTA's. Os locutores tendem a escolher estratégias que buscam salvar as faces envolvidas; porém, eles não usam as mesmas estratégias, nas mesmas condições. Algumas estratégias envolvem vantagens e desvantagens que são relevantes em determinadas circunstâncias.

Brown e Levinson (1987) afirmam que quanto maior a vantagem do uso de certas estratégias, maior o risco do FTA. Portanto, quanto maior o risco do FTA, maiores os números de estratégias selecionadas pelo locutor.

Kerbrat-Orecchioni (2006) resume a classificação dos atos de fala de Brown e Levinson da seguinte forma:

(1) Atos que ameaçam a face negativa do locutor<sup>23</sup>, colocando em risco o desejo de liberdade e fazendo com que o emissor se comprometa, como ofertas, promessas; (2) Atos que ameaçam a face positiva do locutor, ou seja, coloca em risco o desejo de aceitação e admiração, como confissões, pedidos de desculpas, autocríticas e outros; (3) Atos que ameaçam a face negativa do interlocutor, como ofensas, agressões, perguntas “indiscretas”, imposições; (4) Atos que ameaçam a face positiva do interlocutor, como crítica, reprovação, sarcasmo.

Kerbrat-Orecchioni (2006) critica o posicionamento pessimista de Brown e Levinson (1987) e assegura ainda que alguns atos são, na verdade, valorizadores da face. Ela cria ainda

---

<sup>22</sup> A terminologia “FTA” foi mantida no decorrer do estudo por tratar-se de nomenclatura já reconhecida e incorporada nos estudos de pragmáticos e interacionais.

<sup>23</sup> A autora Kerbrat-Orecchioni (2006) usa a terminologia *falante* e *ouvinte* em sua pesquisa. O presente estudo, porém, optou pela terminologia “locutor” e “interlocutor” como forma de evidenciar a intercambialidade de papéis no decorrer dos atos de fala.

a noção de “antiFTA” ou “FFA”, *Face Flattering Acts*, Atos de Valorização de Face. Para ela, o conjunto de atos de fala se classifica em dois grupos, conforme seus efeitos: os negativos para faces (como ordens ou críticas), e os positivos para faces (como agradecimentos e elogios). Nesse ponto de vista, o elogio é considerado valorizador e não ameaçador. Apesar de não considerar todos os atos ameaçadores à face, como Brown e Levinson (1987), ela reconhece que alguns atos podem ser valorizadores e ameaçadores concomitantemente. Ela alerta que o elogio em excesso, por exemplo, é ameaçador para o interlocutor, “quanto mais valorizamos a face positiva de nosso parceiro, mais ameaçamos correlativamente sua face negativa” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006:98)

Em seus estudos, Kerbrat-Orecchioni (2006) considera apenas os atos de fala como valorizadores ou ameaçadores à face. Brown e Levinson (1987) não distinguem atos de fala de atos pragmáticos em sua pesquisa, mas é certo que ambos são extremamente significativos e relevantes nos estudos sobre polidez. Portanto, por ter como objeto de estudo atos de polidez, este estudo considera que os atos de ameaça à face e os valorizadores de face podem ser atos de fala e/ou pragmáticos.

Mey (2001) define atos de fala como o uso de expressões linguísticas para praticar determinada ação. Yule (1996) afirma que para se expressarem, as pessoas produzem não apenas enunciados contendo estruturas e palavras, elas praticam ações por meio desses enunciados, por isso essas ações são chamadas de atos de fala. Mey (2001) ainda define atos pragmáticos como formas não convencionais de usar a língua com o mesmo objetivo. Essas formas são, muitas vezes, não verbais; podem ser também com o uso de expressões linguísticas com seu sentido determinado por elementos cinésicos, proxêmicos e prosódicos. Para esse uso, é importante que o locutor saiba quais são os sentidos envolvidos nessa seleção de estratégias não convencionais, de forma que possa alcançar seus objetivos. Assim, para fazer solicitações, pedidos e dar ordens, o locutor pode recorrer a várias formas, inclusive não verbais, para alcançar metas.

Brandão (s/d)<sup>24</sup> afirma que os atos pragmáticos não necessariamente incluem atos de fala específicos. Eles podem ser entendidos como a ação em curso presente em atos de fala ou em atos comunicativos não verbais. Esses atos são condicionados por aquilo que os contextos possibilitam e por aquilo que se pode implementar no contexto. Desse modo, há a necessidade de situar os atos de fala em contextos para considerá-los atos pragmáticos.

---

<sup>24</sup> Definições retiradas de *handout* e anotações feitas, durante a aula Sociolinguística Interacional lecionada pela professora Cibele Brandão, na Universidade de Brasília, no segundo semestre de 2009.

Assumindo que a preocupação mútua das faces é universal e racional, Brown e Levinson (1987) classificam os atos que vão de encontro ao desejo ou à necessidade de preservação de face dos interagentes. A noção de universalidade dos autores é um dos pontos mais criticados em sua teoria. Alguns autores, dentre eles Meier (*apud* VILAÇA e BENTES, 2008), afirmam que a polidez pode ser considerada universal apenas no sentido de que cada sociedade desenvolve e segue normas próprias para o comportamento adequado.

Dessa forma, parte-se do pressuposto que a polidez está ligada às normas, convenções e princípios gerais que presidem à interação pela linguagem em dada cultura, em dada sociedade, ou seja, é uma prática regida por convenções sociais sujeitas às condições específicas de cada cultura.

É importante distinguir os atos que ameaçam a face positiva dos que ameaçam a face negativa dos interagentes. Abaixo segue a classificação de Brown e Levinson (1987)<sup>25</sup>:

#### **1.5.3.1.1 Atos endereçados ao Interlocutor**

É importante ressaltar que alguns atos podem ameaçar a face positiva e a negativa do interlocutor e, ainda, ameaçar a face de outros, ou de todos os interagentes envolvidos em determinada situação interacional.

Alguns atos podem ameaçar a face positiva do interlocutor, uma vez que podem representar tentativa, por parte do locutor, de proteger a própria face em detrimento da face do outro. Esses atos podem ameaçar a face negativa do locutor, uma vez que limita ou predita seus atos, como: ofertas, indicando que o locutor se compromete, arriscando sua própria face negativa; promessas, o locutor se compromete a um futuro ato em benefício de seu interlocutor.

Outros atos podem ameaçar a face negativa do interlocutor, uma vez que o locutor pode limitar, evitar ou mesmo impedir a liberdade de ação do interlocutor. São atos que podem predizer ações ou interferir em futuros atos do interlocutor, por meio de pressões, como: ordens e pedidos, quando o locutor define o que o interlocutor vai ou deverá fazer; sugestões e avisos, quando o locutor indica ou interfere nas ações do interlocutor; lembretes ou advertências; ameaça e avisos.

---

<sup>25</sup> Optou-se por seguir a classificação detalhada de Brown e Levinson (1987) pela importância de evidenciar e classificar os atos de ameaça à face.

Há, ainda, atos que afetam o interlocutor, dando a ele motivos para possivelmente favorecer o locutor ou mesmo proteger seu objeto de desejo, como expressões de emoções e sentimentos negativos do locutor para o interlocutor, como raiva, ódio, luxúria, inveja, quando aquele mostra possível motivação para prejudicar esse. Elogios, expressões de inveja ou admiração, atos que indicam que o locutor gosta ou quer algo do interlocutor. Observa-se que os elogios podem constituir atos de ameaça à face, uma vez que podem representar interesses por parte do locutor, como se pode perceber no seguinte exemplo.

*Exemplo 14:*

*(Mulher e homem desconhecidos entram no elevador, ele está comendo chocolate)<sup>26</sup>*

*M: Nossa, eu adoro Twix!*

*H: (visivelmente constrangido por não saber como reagir, olha para a pessoa que está ao seu lado e faz uma expressão de estranhamento)*

*M: (tentando disfarçar a gafe) Sabe... Quando eu tava em Nova York descobri que tinha picolé de Twix, eu comia todo dia. Muito bom mesmo!*

No exemplo em questão, o homem teve sua face negativa ameaçada com o comentário da mulher desconhecida. Se ele a conhecesse, ele ofereceria o chocolate, mas o fato de não a conhecer o fez enviar sinais não verbais para a pessoa que o acompanhava, demonstrando a surpresa do comentário que recebeu e que não sabia como reagir.

A mulher em questão demonstrou falta de competência interacional ao fazer o primeiro comentário a um desconhecido, não prevendo sua reação. Percebendo que seu comentário resultou em constrangimento, tentou reparar o elogio com outro; esse, por sua vez, foi recebido como forma de exibição.

Os atos que ameaçam a face positiva do interlocutor implicam avaliações sobre ele, ou seja, são atos em que o locutor expõe sua avaliação a respeito do outro, como: expressões de desaprovação, críticas, ironias, insultos, acusações, repreensão, desdém, indicando que o locutor não gosta ou não aprova os atos, características pessoais, valores, crenças do interlocutor; contradições, desacordos ou desafios, indicando que o locutor acredita que o interlocutor está errado, equivocado ou está sendo irracional sobre algo, e por essa razão aquele mostra desaprovação.

---

<sup>26</sup>Exemplo retirado das experiências pessoais da própria pesquisadora.

É importante mencionar que ao ameaçar a face de seu interlocutor, propositalmente ou não, o locutor coloca em risco sua própria face, o que remete à ideia de que a polidez surge como uma tentativa de conciliar egoísmo com altruísmo. Pode-se afirmar, portanto, que quando o locutor se mostra altruísta na interação, é, principalmente, por interesse pessoal, uma vez que ele está protegendo também sua própria face.

### 1.5.3.1.2 Atos endereçados ao Locutor

Assim como os atos endereçados ao interlocutor, alguns atos podem ameaçar a face positiva e negativa do próprio locutor e, ainda, ameaçar a face de outros ou de todos os interagentes envolvidos na situação. Podem ser atos que limitam ou predizem atos do locutor,

Existem vários exemplos desse tipo de atos: aceitação de agradecimentos, elogios ou pedido de desculpas do interlocutor – nesses atos, o locutor pode se sentir constrangido a minimizar seus débitos; pedido de desculpas – indica que o locutor expõe sua face positiva, coloca em risco sua aceitação; aceitação de uma oferta ou elogio – o locutor é constrangido, usurpando a face negativa ou positiva do outro.

A relutância a se comprometer com promessas e ofertas, em que o locutor se compromete a uma ação futura contra sua própria vontade, e sua relutância pode ameaçar a face positiva do outro. As expressões de agradecimentos, em que o locutor aceita ou assume um débito, podendo humilhar sua própria face. Nessa perspectiva, a resposta a elogios pode ser ameaçador, uma vez que expõe a face positiva do locutor.

Ao aceitar elogios, o locutor pode se sentir constrangido em denegrir o objeto de elogio, danificando sua própria face ou se sentir coagido a elogiar o interlocutor como resposta.

Dependendo do grau de proximidade, do grau de formalidade da situação, da hierarquia entre os falantes, entre outros fatores, o locutor pode buscar salvar sua própria face, minimizando expressões de engrandecimento próprios, seguindo o princípio da modéstia de Leech (1983).

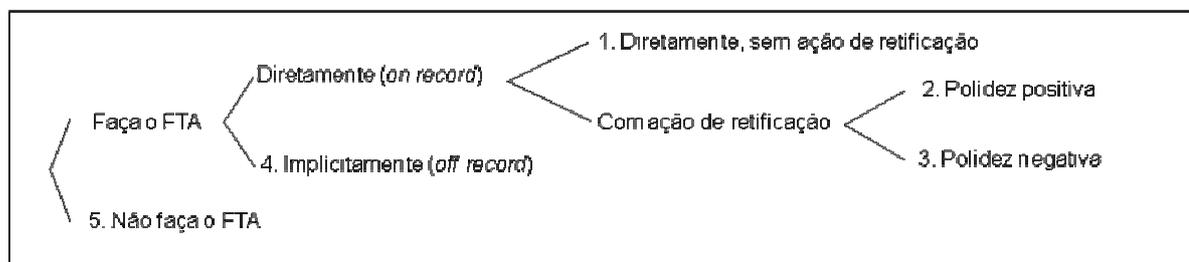
Para Brown e Levinson (1987), as diversas *estratégias de polidez* são importantes nos *processos de atenuação* dos FTAs, surgindo a polidez, nessa perspectiva, como “um meio de conciliar o desejo mútuo de preservação das faces com o fato de que a maioria dos atos de linguagem são potencialmente ameaçadores de qualquer uma dessas mesmas faces”.

### 1.5.3.2 Estratégias de FTA

Segundo Goffman (1981), toda interação face a face sofre dois tipos de pressão: as comunicativas (que asseguram a boa transmissão da mensagem); e as rituais (que asseguram a mútua preservação das faces). Brown e Levinson (1987) afirmam que qualquer interagente racional busca a preservação mútua de faces, uma vez que há a mútua vulnerabilidade dessas. Portanto, várias estratégias são utilizadas como forma de minimizar e/ou evitar essas ameaças. Os interagentes ponderam pelo menos três desejos: o desejo de comunicar o conteúdo de determinado FTA; o desejo de ser urgente e/ou eficiente; e o desejo de preservação mútua de faces.

Para eles, esse último é sempre prioridade, a menos que haja urgência ou a necessidade de eficiência. Nesse caso, a preservação de faces fica em segundo plano.

Brown e Levinson (1987) afirmam que em alguns casos a preocupação com a boa transmissão da mensagem pode deixar a preocupação com a preservação de faces em segundo plano. Por exemplo, em casos de urgência, afronta ou interesse de eficiência e em casos de comunicação entre superior hierárquico e subordinado. Brown e Levinson (1987:74) mostram quadro com opções de estratégias.



#### 1.5.3.2.1 Não fazer FTA

O locutor pode escolher diversas estratégias ao fazer FTA. A primeira escolha é fazer ou não FTA. É importante lembrar que, nas interações, não fazer FTA já é uma estratégia. O locutor escolhe não fazer FTA em três situações básicas: (a) quando ele espera que a questão ou o assunto abordado seja esquecido ou abandonado; (b) quando ele não fala nada e espera que o interlocutor faça inferências; e (c) quando há muita expectativa no que pode ser dito. Ao optar por fazer FTA, ele pode escolher fazê-lo de forma direta ou indireta.

### 1.5.3.2.2 FTA de forma clara, direta, sem atenuantes

De um modo geral, todas as vezes que o locutor priorizar a eficiência do FTA em vez de preocupar-se com a face de seu interlocutor, ele irá escolher o uso dessa estratégia. Existem motivos para isso, pois o locutor pode possuir diversas razões para priorizar o FTA. A preocupação com a face é minimizada, ignorada ou irrelevante quando a máxima da eficiência é muito importante (e isso é mutuamente conhecido pelos interagentes), em casos de urgência ou desespero.

De acordo com Brown e Levinson (1987), são situações em que:

Ambos os interagentes concordam com a relevância e/ou urgência do conteúdo, ficando suspensos os interesses de manutenção de face;

*Exemplo 16:*

*Fogo!*

*Exemplo 17:*

*Socorro! (diferente de “Por favor, me ajude...”)*

(b) O risco de danos à face do interlocutor é pequeno;

*Exemplo 18:*

*Não se esqueça de nós!*

*Exemplo 19:*

*Mande um abraço para sua família!*

(c) O locutor é hierarquicamente superior ao interlocutor, em que aquele pode colocar em risco a face deste sem arriscar a própria.

*Exemplo 20:*

*Me entregue o relatório até sexta.*

*Exemplo 21:*

*Vá dormir agora mesmo, mocinho!*

O assunto em questão é de interesse do interlocutor

*Exemplo 22:*

*Tome cuidado! Aquela rua é perigosa!*

*Exemplo 23:*

*Toma mais um pouco de café.*

Fazer o FTA de forma clara e direta envolve comunicação mais direta, concisa e objetiva possível, sem espaço para ambiguidades, seguindo o princípio de cooperação das

máximas de Grice. São situações de comunicação mais diretas, em que o locutor não teme a resposta do interlocutor, como nos exemplos:

*Exemplo 24:*

*Escuta, tive uma ideia...*

*Exemplo 25:*

*Olha só, eu falei com o gerente sobre essa situação.*

É claro que os elementos não verbais são importantes nesse aspecto, pois eles podem indicar ênfase e, inclusive, o porquê da escolha dessa estratégia.

As vantagens de se fazer o uso dessa estratégia são: o locutor ganha créditos por se comportar com honestidade, evitando ser visto como manipulador; indica confiança no interlocutor e elimina a responsabilidade e a pressão sobre ele; evita mal-entendidos; e a clareza e eficiência na comunicação.

Dentro deste contexto, há ainda duas definições importantes a serem consideradas, a polidez positiva e negativa.

### **1.5.3.2.3 FTA de forma indireta, implícita, com atenuantes**

A comunicação indireta é feita de tal modo que não seja possível identificar com clareza a intenção comunicativa do ato. O locutor se defende de forma a dar ao interlocutor um número de possíveis interpretações defensivas, ele não se compromete com a formação de apenas uma interpretação. Como o locutor não quer se comprometer com o ato, ele passa a responsabilidade da interpretação para o interlocutor.

Há vários tipos de indiretividade e várias estratégias com o objetivo de direcionar as interpretações dos atos. É importante afirmar que essas estratégias se favorecem dos usos das pistas de contextualização<sup>27</sup>, do conhecimento comum dos interagentes, da entonação, de pistas cinésicas, prosódicas e contextuais. Algumas das estratégias são comuns às estratégias de polidez negativa.

---

<sup>27</sup> De acordo com Gumperz (2003), pistas de contextualização são pistas de natureza sociolinguística utilizadas para sinalizar propósitos comunicativos ou para inferir propósitos conversacionais do interlocutor. Elas podem ser divididas em pistas linguísticas, paralinguísticas, prosódicas, e as pistas não verbais: cinésica e proxêmica.

A realização linguística de estratégias indiretas (de polidez) inclui metáforas e ironia, perguntas retóricas, subnotificações, tautologias, todos os tipos de dicas que transmitem o que o falante quer comunicar, sem que o faça diretamente, em que o significado seja em algum nível negociável<sup>28</sup> (Brown e Levinson, 1987:74)

O nível de indiretividade pode variar de acordo com a viabilidade da interpretação, sentido literal ou convencional, mas é importante que o locutor direcione a interpretação por meio de pistas, dicas e outros recursos. Essa estratégia viola a máxima de eficiência de Grice. Brown e Levinson (1987) propõem 15 estratégias para FTA's de forma indireta e implícita:

#### Estratégia 1 – Dê pistas, dicas

Se o locutor menciona algo que não seja explicitamente relevante, o interlocutor é levado a interpretar analisando a possível relevância do que foi dito. O mecanismo básico é a violação à máxima de relevância de Grice. O locutor pode dar pistas para levar o interlocutor a fazer algo.<sup>29</sup>

*Exemplo 59:*

*Está frio aqui. (feche a janela)*

#### Estratégia 2 – Faça associações

Essa estratégia também viola a máxima de relevância, ela tem como base a menção a algo associado ao ato requerido. A resposta obtida e os efeitos desse ato dependem de experiências prévias dos interagentes e conhecimentos mútuos de suas experiências interacionais. Depende de interpretações culturais e pessoais.

*Exemplo 60:*

*Pedro tem aula hoje à noite.*

O enunciado pode representar uma forma de o locutor pedir uma carona, mas para que seja interpretado dessa maneira, ambos precisam partilhar conhecimentos prévios, saber da relação entre Pedro ter aula e a necessidade de carona. Ou seja, ele vai sair com o carro, ele e eu dividimos o carro, logo não poderei me locomover, portanto preciso de uma carona sua.

---

<sup>28</sup> Tradução livre

<sup>29</sup> É importante ressaltar que as interpretações das pistas podem sofrer efeitos de acordo com a cultura dos interagentes. Observa-se que certas pistas utilizadas por brasileiros são interpretadas de forma diferenciada pelos portugueses, por exemplo. Observa-se, de um modo geral, que os portugueses são mais literais para interpretar certas pistas do que os brasileiros, mais habituados a atos indiretos.

### Estratégia 3 – Promova pressuposições

Uma sentença pode ser quase totalmente relevante para o contexto e ainda assim violar a máxima de relevância.

*Exemplo 61:*

*Eu lavei o carro hoje novamente.*

O interlocutor pressupõe que o carro foi lavado antes, o que pode sugerir uma crítica (você o sujou ou você poderia ter lavado dessa vez). O uso do *novamente* força o interlocutor a buscar a relevância do seu uso.

*Exemplo 62:*

*Não fui EU quem disse isso.*

A ênfase no pronome *eu* reforça a ideia de que o agente semântico da sentença é outro, provavelmente o interlocutor ou outra pessoa mencionada anteriormente, podendo significar também desaprovação pelo o que foi feito.

### Estratégia 4 – Diga menos do que o necessário

Essa estratégia se baseia em como o interlocutor pode fazer inferências da violação da máxima de quantidade pelo locutor (dizer apenas, e não mais, do que o solicitado). O locutor diz menos ou algo diferente do que o solicitado, levando o interlocutor a questionar o porquê.

*Exemplo 63:*

*a- O que você achou do meu vestido novo?*

*b- Gostei da cor dele. (não é bonito)*

### Estratégia 5 – Diga mais do que o necessário

Se o locutor fala mais do que é solicitado, violando a máxima de quantidade, também pode implicar outras interpretações (sarcasmo, ironia, crítica e exagero).

*Exemplo 64:*

*Eu tentei te ligar um milhão de vezes, mas não consegui falar com você.*

### Estratégia 6 – Use tautologias

A tautologia é, na retórica, um termo ou texto que expressa a mesma ideia de formas diferentes. É violação à máxima de quantidade. Ao usar tautologias o locutor encoraja o interlocutor a procurar interpretação formal para uma sentença não formal.

*Exemplo 65:*

*As suas coisas são as suas coisas, as minhas coisas são as minhas.*

### Estratégia 7 – Use contradições

Violando a máxima de qualidade, *fale a verdade e seja sincero*, o locutor força o interlocutor a encontrar uma implicação que busque preservar a assertiva. As principais contradições são: ironias, metáforas, perguntas retóricas e outros. Ao dizer duas coisas contraditórias, o locutor parece não dizer a verdade e encoraja o interlocutor a interpretar o enunciado de forma a conciliar as duas assertivas.

*Exemplo 66:*

*a- você ficou chateado com isso?*

*b- bem... mais ou menos...*

### Estratégia 8 – Seja irônico

Ao dizer o oposto do que se pretende, o locutor pode indiretamente direcionar a interpretação. Para isso ele utiliza pistas prosódicas, cinésicas ou contextuais.

*Exemplo 67:*

*Não é como se eu tivesse te avisado ou coisa assim (eu avisei, você sabe).*

### Estratégia 9 – Use metáforas

As metáforas violam a máxima de qualidade, pois elas são literalmente falsas, mas representam alguma realidade.

*Exemplo 68:*

*Não é uma Brastemp<sup>30</sup>, mas dá pro gasto. (não é a melhor opção, mas pode substituir)*

### Estratégia 10 – Use perguntas retóricas

Fazer uma pergunta sem a intenção de obter uma resposta é quebrar a sinceridade de uma questão, violando a máxima de qualidade.

*Exemplo 69:*

*Como é que eu vou saber?*

---

<sup>30</sup>Referência a uma propaganda conhecida de uma marca de eletrodomésticos, que atribui à marca qualidades extremamente superiores a outras. Por ter sido uma propaganda muito original e divulgada, acabou se tornando uma metáfora popular.

### Estratégia 11 – Seja ambíguo

Essa estratégia pode coincidir com a estratégia 9, mas nem sempre.

*Exemplo 70:*

*Juliana é um chuchuzinho.*

Pode ser um elogio ou uma crítica, depende da conotação de *chuchuzinho*. Ela pode ser uma pessoa agradável ou desinteressante. A ênfase, a entonação e a cinésica são fundamentais para o correto processamento de sentido do termo nesses casos.

### Estratégia 12 – Seja vago

O locutor pode ser vago sobre o objeto do FTA, como forma de crítica, ironia, ofensa e outros.

*Exemplo 71:*

*Eu acho que alguém pode ter tomado talvez muita tequila...*

### Estratégia 13 – Generalize

É uma forma de deixar o objeto do FTA de forma vaga. Pode ser também uma forma de crítica.

*Exemplo 72:*

*Quem ri por último, ri melhor.*

### Estratégia 14 – Desloque o interlocutor

O locutor pode se dirigir a um interlocutor com a intenção de atingir o outro. É uma forma de salvar a face do interlocutor alvo, uma vez que ele pode assumir o papel como um favor ou por educação.

*Exemplo 73:*

*Querido, você poderia atender ao telefone? (se dirigindo à empregada que está ao lado do aparelho)*

### Estratégia 15 – Use sentenças incompletas, use elipse

É uma violação à máxima de qualidade e de modo. Enunciados elípticos são legitimados pelos contextos conversacionais.

*Exemplo 74:*

*Bem, eu não te vi chegando...*

Brown e Levinson (1987) afirmam ainda que há algumas estruturas convencionais em que os FTA's são gerados em estruturas de turnos de fala. Essa convenção é determinada culturalmente, como pedidos de desculpas, agradecimentos, condolências e outros. Ela pode se manifestar por meio de respostas convencionais, exageros, entonação etc.

*Exemplo 75:*

*a – Oi, Carol, como vai?*

*b – bem, tirando essa dor nas costas...*

Observa-se que a resposta esperada para a pergunta “Como vai?” é sempre a mesma, “bem, e você?” ou “bem, obrigada”. É uma função fática da comunicação. Em outras culturas há convenções semelhantes.

*Exemplo 76:*

*a- How are you? (Como vai?)*

*b- Not too bad. Well, actually pretty good. (Não muito mal. Bem, até que estou muito bem)*

A principal vantagem das convenções culturais é ter formas preestabelecidas para tratar situações de possível risco à face. Se A se desculpa com B, de forma adequada, B deve aceitar as desculpas. De acordo com Ferguson (1987, *apud* BROWN e LEVINSON, 1987), apesar de ser socioculturalmente estabelecido, esse tipo de formulação parece ser viável em todas as línguas.

#### **1.5.3.2.4 Polidez Positiva**

Kerbrat-Orecchioni (2006) alega que a Polidez Positiva consiste em produzir atos que tenham caráter essencialmente “antiameaçador” para o interlocutor. É, portanto, de natureza produtiva, ou seja, incide em efetuar FTA para a face negativa ou positiva do interlocutor.

Brown e Levinson (1987) entendem por Polidez Positiva a realização de atos que visam salvar ou proteger a face positiva do interlocutor e que evidenciam seus valores, ações, aquisições, atributos. Consiste parcialmente em satisfazer o desejo de comunicação, em que o locutor demonstra respeito e admiração pelo interlocutor. Eles propõem 15 estratégias para fazer FTA com atenuantes visando à polidez positiva. É importante mencionar que as estratégias estão conectadas e que o uso de uma não exclui outra, elas se completam e se relacionam mutuamente.

Estratégia 1 - Observe e priorize o interlocutor (seus interesses, desejos, necessidades e características), busque sua aprovação.

*Exemplo 26:*

*Você deve estar com fome, né? Já é quase meio-dia, o que acha de irmos àquele restaurante?*

Estratégia 2 - Exagere ao demonstrar interesse, aprovação e simpatia pelo interlocutor. O uso dos elementos paralinguísticos, cinésicos e proxêmicos são extremamente importantes no uso dessa estratégia, pois eles são responsáveis pela maioria dos efeitos de sentido nesse contexto.

*Exemplo 27:*

*Conte-me TU-DO o que aconteceu ontem, menina! Quero saber de TODOS os detalhes!*

Estratégia 3 – Intensifique interesse pelo interlocutor.

Como forma de chamar a atenção do interlocutor, o locutor pode compartilhar algo pessoal como forma de intensificar o interesse do interlocutor. É muito comum o uso de elementos fáticos e de exageros no uso dessa estratégia.

*Exemplo 28:*

*Eu estava andando no corredor, quando dei de cara com a tal fulana, né? Você acredita que ela estava usando um vestido igual ao meu?*

Estratégia 4 – Use marcadores/identificadores de grupo, como forma de inclusão do interlocutor.

É um meio de “enturmar” um membro. O locutor pode chamar um novo membro por meio de um identificador, isso inclui o uso de determinados marcadores de deferência, jargões, elipses e gírias.

*Exemplo 29:*

*Ei, camarada, me dá uma força aqui. (pedido de ajuda)*

Em línguas que possuem o sistema T/V, essa estratégia pode se manifestar na troca de um tratamento formal para um informal, como a troca dos pronomes “você” por “tu” e vice-versa no meio da interação.

Existem outras formas de se endereçar a outra pessoa, como nomes genéricos ou uso do nome completo, diminutivos, apelidos ou termos como *amor, mina, querido, meu, mano, brother, cara, meu bem, fii* (filho), *vêi/velho, profê, camarada*, entre outros.

*Exemplo 30:*

*Querido, atenda o telefone para a mamãe.*

*João, atenda o telefone.*

*João Alberto da Silva, já pedi para você atender o telefone!*

#### Estratégia 5 – Procure acordo

Apesar dos desacordos, o locutor demonstra interesse na manutenção da interação, evitando conflitos e demonstrações explícitas de discordância. É possível fazer isso com a escolha de temas seguros, ou seja, assuntos que podem ser abordados com maior liberdade, em que há menor probabilidade de discordância (reclamar da burocracia no serviço público ou do tamanho da fila) e evitando os mais polêmicos (religião, política).

Outra forma é a repetição de parte do enunciado do interlocutor como forma de mostrar atenção e interesse, valorizando sua face positiva. Ou uso de alguns elementos fáticos.

*Exemplo 31:*

*a- Cortei meu cabelo bem curto!*

*b- É mesmo?*

#### Estratégia 6 – Evite desacordos

Procurar acordo ou aparente acordo com o interlocutor, evitando o desacordo ou minimizando seus efeitos.

*Exemplo 32:*

*a- Você acha que esse vestido ficou bom em mim?*

*b- Achei, mas prefiro o outro.*

A ironia também pode ser usada nessa estratégia, é importante enfatizar que o que vai dar o sentido irônico são os elementos paralinguísticos e cinésicos.

*Exemplo 33:*

*a- Eu acho que ele não deve voltar mais...*

*b- Ah, não volta mesmo...*

As mentiras necessárias, ou mentiras brancas<sup>31</sup>, são estratégias que o falante seleciona com a finalidade de salvar a face positiva do interlocutor e evitar desacordos. Kerbrat-Orecchioni (2006) alega que há uma oposição entre sinceridade e cortesia, franqueza e tato. As exigências de se falar a verdade e as exigências do discurso polido nem sempre são compatíveis, é melhor “‘a piedosa mentira’, em detrimento da sinceridade ofensiva” (FILINTO *apud* KERBRAT-ORECCHIONI, 2006:100). Pode-se concluir, portanto que sinceridade excessiva é falta de polidez.

Outra opção de uso dessa estratégia é evitar respostas precisas, ser propositalmente vago ou ambíguo com suas próprias opiniões, usar palavras como *inacreditável*, *incrível*, *fantástico*, *extraordinário*, *absolutamente*, *basicamente*, *tecnicamente*, *completamente*, tornando as afirmações vagas e imprecisas, deixando a interpretação aberta para o interlocutor.

*Exemplo 34:*

*a- Você gostou das minhas cortinas novas?*

*b- Claro, são incríveis...*

Estratégia 7 – Aumente, afirme, pressuponha assuntos em comum

São estratégias que buscam reduzir a distância entre os interagentes e criar conexão entre eles. A fofoca ou pequenas conversas<sup>32</sup> são formas que demonstram interesse em iniciar ou manter conversações e/ou amizades enquanto são abordados assuntos neutros. É uma forma que o locutor tem de iniciar uma conversa sem demonstrar que era essa sua intenção.

O locutor pode mostrar interesse e/ou compartilhar interesses; incluir-se na sentença, como forma de evitar constrangimento para o interlocutor; ou ainda prever as opiniões e desejos do interlocutor, fazendo perguntas para as quais já espera uma resposta afirmativa, demonstrando assim que sabe e conhece as necessidades, opiniões, hábitos do locutor

*Exemplo 35:*

*a- Nossa, paguei caríssimo pelo estacionamento.*

*b- É... sei bem como é.*

*Exemplo 36:*

*Vamos lembrar de tomar o remédio na hora certa. (um médico para a paciente)*

---

<sup>31</sup> Em inglês, *white lies*.

<sup>32</sup> Em inglês, *small talk*.

#### Estratégia 8 – Seja bem-humorado

O humor se baseia no compartilhamento de conhecimentos, valores, ou seja, em tópicos comuns aos interagentes.

#### Estratégia 9 – Preocupe-se com os desejos e necessidades do interlocutor

É uma forma de indicar que os interagentes são cooperativos, estão em sintonia. A forma negativa pode ser usada com essa finalidade

*Exemplo 37:*

*Olha, já são quase 9h, será que não é melhor irmos logo para não nos atrasarmos?*

#### Estratégia 10 – Oferte e prometa

Ofertas e promessas são formas de mostrar cooperação, demonstram boas intenções em satisfazer a face positiva do interlocutor, mesmo que não sejam sinceras ou verdadeiras.

*Exemplo 38:*

*Eu lavo as louças do mês inteiro se me deixar dormir mais um pouco.*

#### Estratégia 11 – Seja otimista

Essa estratégia segue o princípio da cooperação mútua, mas o faz de maneira tácita. Ela tem como objetivo minimizar o risco de ameaça à face, insinuando implicitamente a cooperação entre os interagentes. Portanto, os interagentes se propõem a cooperar, pois possuem interesses mútuos.

*Exemplo 39:*

*Você vai me emprestar seu carro, não vai?*

#### Estratégia 12 – Inclua todos os interagentes (locutor e interlocutor)

Essa estratégia se baseia no uso da primeira pessoa do plural no discurso, significando a primeira ou a segunda do singular<sup>33</sup>.

*Exemplo 40:*

*Vamos tomar cuidado ao atravessar a rua. (nós = você)*

---

<sup>33</sup> Refere-se a pessoa do discurso, que não necessariamente corresponde ao discurso formal, uma vez que são usados no português, por exemplo, pronomes de tratamento no singular representando o plural *a gente* e pronomes de tratamento *você* para a segunda pessoa do discurso.

### Estratégia 13 – Dê ou peça explicações

Essa estratégia demonstra interesse e cooperação entre os interagente. Baseia-se em explicações como *por que não* de forma otimista.

*Exemplo 41:*

*Por que não vamos ao cinema hoje à noite?*

### Estratégia 14 – Assuma ou promova reciprocidade

A existência de cooperação entre os interagentes pode ser evidenciada por meio de demonstração explícita de acordo. É uma forma de minimizar os riscos de danos à face por meio de pedidos, reclamações e críticas.

*Exemplo 42:*

*Eu lavo a louça e você tira o lixo.*

### Estratégia 15 – Presenteie (elogios, simpatia, compreensão e cooperação)

Uma forma de satisfazer os desejos de manutenção de face do interlocutor é presenteá-lo, não materialmente, mas com demonstrações de afeto, admiração, cuidado, compreensão, atenção etc.

O elogio<sup>34</sup>, objeto do presente estudo, constitui tipo de manifestação dessa estratégia, uma vez que é forma eficiente de valorizar o interlocutor.

*Exemplo 43:*

*Você ficou linda com esse vestido!*

#### 1.5.3.2.5 Polidez Negativa

Para Brown e Levinson (1987), a Polidez Negativa visa salvar e proteger a face negativa do interlocutor, sua manutenção de território pessoal. São atos que procuram minimizar ou anular os efeitos de imposição. É um princípio de demonstração de respeito. Se a polidez positiva é mais ampla, a negativa tem foco específico de minimizar os efeitos de imposições.

---

<sup>34</sup> Na psicologia essa estratégia é considerada uma forma de reforço positivo, quando se recompensa uma ação com o objetivo de fazer com que ela se repita.

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que a Polidez negativa é de natureza abstencionista ou compensatória, ou seja, ela visa evitar a produção de FTA ou em minimizar seus efeitos por meio de algum procedimento durante a sua produção.

Dentro das estratégias de Polidez Negativa, podem-se destacar os pedidos de desculpas, marcação de deferência de forma linguística ou não linguística, uso de dicas<sup>35</sup> ou pistas, uso da forma passiva, impessoalização de sentença entre outros.

As vantagens de fazer uso dessa estratégia é que o locutor ganha crédito por ser sensível e não-coercitivo, por usar o tato; evita o risco de possíveis interpretações ameaçadoras a face; demonstra preocupação com os sentimentos do interlocutor; e evita responsabilidade por uma possível má interpretação de seus atos. As principais desvantagens são a falta de clareza e a possibilidade de ambiguidade.

Brown e Levinson (1987) também propuseram dez estratégias, que vão ao encontro das máximas de Grice, visando à polidez positiva e na defesa de que são estratégias desenvolvidas na maioria das línguas:

#### Estratégia 1 – Seja convenientemente indireto

Em muitas situações, a melhor forma de agir é de forma direta, sem prolixidade ou obscuridade. Porém, o objetivo da polidez negativa é minimizar os efeitos de possíveis danos a face. Na verdade, existe uma tensão entre o desejo do locutor em fazer um FTA de forma direta e a necessidade de proteger a face do interlocutor sendo indireto.

Portanto, ser indireto constitui forma de minimizar essa tensão; é usar formas convencionais de indiretividade, frases, sentenças e atenuadores (que serão abordados posteriormente nesse estudo), carregados de sentidos pragmáticos e de força ilocucionária.

*Exemplo 44:*

*Feche a janela.*

*Por favor, feche a janela.*

*Você poderia, por favor, fechar a janela?*

*Que frio!*

---

<sup>35</sup> Chamadas por Brown e Levinson (1987), Thomas (1995), entre outros, de *hedges*.

### Estratégia 2 - Faça perguntas, dê pistas<sup>36</sup>

Essa estratégia não exclui a primeira. Ela deriva do desejo de não imposição, é forma de se evitar responsabilidade pelo que se diz; é estratégia que depende do conhecimento cultural e convencional de determinada comunidade, assim como de cooperação, informação, confiança, relevância, relação entre falantes e outros fatores. Seus sentidos são construídos por meio da expressão linguística, da prosódia, da cinésica e da proxêmica.

### Estratégia 3 – Seja Pessimista

É a estratégia que tem como foco minimizar as imposições para o interlocutor. O principal exemplo dado pelos autores Brown e Levinson (1987) é colocar as sentenças na forma negativa, estratégia muito utilizada em inglês, com ocorrência menor em português. Outra forma é usar o modo subjuntivo em inglês ou o futuro do pretérito em português.

*Exemplo 45:*

*Você se importaria em adiar a reunião para as 12h?*

### Estratégia 4 - Minimize imposições

Essa estratégia implica o uso de outras anteriores. Conforme já mencionado, o uso de uma dessas estratégias não exclui as outras; elas se misturam e se completam mutuamente. As imposições podem ser minimizadas por meio de escolhas lexicais, prefácios atenuadores, entre outras escolhas.

*Exemplo 46:*

*Com licença, eu só gostaria de perguntar se você me emprestaria um pequeno pedaço de papel.*

### Estratégia 5 – Marque deferência

Refere-se à marcação linguística de superioridade hierárquica do interlocutor. O locutor pode fazer isso de duas formas: se humilhando ou exaltando o interlocutor. A marcação de deferência traz implicitamente outros fatores, a não obrigatoriedade de deveres do interlocutor, por sua posição superior, ou seja, preservação de face negativa. Mostra que as

---

<sup>36</sup> Em inglês, *hedge*. É uma partícula, palavra ou frase que modifica o sentido de um enunciado.

necessidades do interlocutor são mais importantes que as do locutor. Limita o locutor na coerção do interlocutor.

A deferência representa um dos fatores mais representativos em algumas línguas, mas é importante observar que cada língua e cada cultura possuem estratégias distintas para marcá-la. Em japonês, por exemplo, a deferência é marcada gramaticalmente, por meio de honoríficos, mas ela pode se manifestar também por meio do uso de pronomes no plural para apenas um interlocutor, estratégias de impessoalização de sentenças ou a mudança de tratamento nas línguas que possuem o sistema T/V.

*Exemplo 47:*

*A gente podia arrumar a casa hoje.*

Fillmore (*apud* BROWN e LEVINSON, 1987) cita que os honoríficos são considerados parte do sistema dêitico de uma língua. Isso implica distinções entre os vários tipos de honoríficos, como os não verbais e os usos simbólicos dos termos dêiticos em determinada esfera social, e também envolve as peculiaridades de determinado evento, como a relação dos interagentes, contexto, situação etc.

Estratégia 6 – Desculpe-se

Mostrar que o locutor não quer danificar a face do interlocutor. Ao executar FTA, ele mostra relutância ou tenta repará-lo desculpando-se ou admitindo a violação.

*Exemplo 48:*

*Eu sei que está ocupado, mas...*

O locutor pode dar razões mais importantes para fazer o FTA, como mostrar sua incapacidade.

*Exemplo 49:*

*Estou perdida, você poderia me ajudar com...*

O locutor pode pedir desculpas pelo FTA.

*Exemplo 50:*

*Me desculpe te interromper, mas...*

Estratégia 7 – Impessoalize os interagentes

Uma forma de mostrar que o locutor não quer apontar o interlocutor. Para isso, ele pode evitar o uso dos pronomes “eu” ou “você”, com o uso de pronomes indefinidos no lugar dos pronomes pessoais ou com o uso de pronomes no plural.

*Exemplo 51:*

*Vamos tomar o remédio na hora certa, não vamos? (um médico para sua paciente, quando só este toma o remédio)*

Uso de estruturas verbais que não determinem o agente e o objeto, evitando imposições<sup>37</sup>.

*Exemplo 52:*

*É necessário fazer...*

Uso da voz passiva e da passividade, com a possibilidade de não marcação do agente, evitando o envolvimento pessoal nos FTA's. Pode ser usado como forma de remover as referências diretas a qualquer dos interagentes.

*Exemplo 53:*

*O copo quebrou (no lugar de “eu quebrei o copo” ou “você quebrou o copo”)*

O uso de estratégias com o objetivo de marcar distanciamento do ponto de vista pode ser feito com a escolha de tempos verbais.

*Exemplo 55:*

*Me falaram que você poderia...*

**Estratégia 8 – Generalize os atos de ameaça à face**

É uma forma de desassociação dos interlocutores com o objetivo de impor o FTA, como se o locutor não tivesse outra opção, se não praticar FTA de acordo com uma regra geral.

*Exemplo 56:*

*A regulamentação obriga o uso de crachá nas dependências da empresa.*

**Estratégia 9 – Nominalize**

É uma forma de marcar formalmente ou informalmente os FTA's. Brown e Levinson (1987) afirmam que intuitivamente quanto mais nominal uma sentença, mais polida ela é.

*Exemplo 57:*

*A banca espera uma posição sua.*

---

<sup>37</sup> Brown e Levinson (1987) nomearam esse tipo de verbo de *impersonal verbs*. Evitou-se a tradução literal por se tratar de classificação específica de verbos na gramática normativa do português.

Estratégia 10 - Encubra débitos

O locutor faz o FTA marcando sua “dívida” ou “débito” por tal, evitando imposições e reforçando a face positiva do interlocutor.

*Exemplo 58:*

*Nunca poderei agradecer por você...*

## 1.6 CONTRATO CONVERSACIONAL DE FRASER (1980)

Fraser (1980) propõe um modelo de contrato conversacional, no qual cada participante, ao entrar numa conversação, assume a compreensão do conjunto inicial de direitos e obrigações que vão determinar, pelo menos nos primeiros estágios, o que cada participante pode esperar do outro ou dos outros, mas que, no decorrer da interação ou devido à mudança de contexto, os parceiros precisam reajustar o conhecimento de quais direitos e obrigações têm para com o outro. Ou seja, a polidez é uma contínua negociação. Portanto, um enunciado é considerado polido na medida em que não há violação de direitos e obrigações vigentes no momento. Pode-se dizer que as normas de polidez são as reguladoras dos *faceworks*, trabalho de preservação de faces, determinados pelo contrato conversacional.

Ao afirmar que esse conhecimento de direitos e obrigações é atualizado durante a interação, Fraser abre o precedente de que a polidez não é apenas determinada pela cultura, mas também é determinada pelos interagentes e pelo contexto, ou seja, essas normas são fluidas, uma vez que pode, e são, atualizadas a todo momento em uma interação.

## 1.7 ATENUADORES

Fraser (1980) define atenuadores como modificadores de atos de fala que visam à redução dos efeitos indesejados que esses possam ter sobre o ouvinte. Os atenuadores podem se manifestar por meio de prefácios atenuadores, escolhas lexicais e marcação gramatical. O autor ainda menciona alguns recursos atenuadores. Brown e Levinson (1987) afirmam que os atenuadores, chamados por eles de *softeners*, podem se manifestar por meio de partículas, expressões e entonação.

A forma passiva é um dos atenuadores que interferem na estrutura gramatical. Há ainda formas de atenuar enunciados por meio de escolhas lexicais, como as formas diminutivas “Espera apenas um *minutinho*”.

Rosa (1992) enfatiza o papel de expressões que amenizam enunciados, os prefácios atenuadores, chamados de marcadores de distanciamento e de rejeição, como as expressões “Parece que...”, “Se não me engano,...”, “Não me leva a mal, mas...”

Os verbos e advérbios parentéticos exercem o papel de amenizar imposições, dando ao interlocutor a impressão de que aquilo que está sendo dito pode não ser informação totalmente correta, mesmo que a mensagem seja realmente absoluta, como “Eu acho”, “Eu creio”, “provavelmente”. É um dos recursos mais usados pelos professores em sala de aula, como forma de amenizar os erros de alunos “Eu acho que você poderia responder essa questão de outra forma”, em vez de “Você respondeu errado”.

As indagações pospostas são utilizadas como forma de evitar afirmações que possam ameaçar a face do interlocutor, quando se diz “Você esteve aqui, não esteve?” o locutor, na verdade, já sabe a resposta da indagação, mas usa essa estratégia para evitar uma afirmação que possa comprometê-lo.

As evasivas são usadas para evitar responsabilidade pelo que se diz, podem se manifestar por meio de expressões, como “uma espécie de”, “tipo de”, “basicamente”, “tecnicamente”.

A indiretividade reduz os riscos de ameaça à face e ameniza os atos de fala, diminuindo imposições; ajuda a manter a conversação e evita a demonstração explícita de conflito de interesses. Estratégias sintáticas de indiretividade incluem a modalização passiva e causativa. A passividade é muito usada em várias línguas como forma de minimizar a atribuição de responsabilidades. Em japonês, por exemplo, a passiva é usada sistematicamente de forma honorífica.

De acordo com Coulmas (2005), outra forma de indiretividade é falar sobre a pessoa ao invés de se dirigir diretamente a ela. A diretividade implica envolvimento direto, enquanto fazer referência cria distância e evita ameaças à face do interlocutor. Não se dirigir diretamente a uma pessoa pode ser uma estratégia de polidez, uma vez que se refere à territorialidade, ou seja, ao reconhecimento do território simbólico e espacial do outro. Adornar um enunciado com atenuadores eleva seu nível de polidez, e as escolhas lexicais também podem afetar o nível de polidez do discurso.

É importante mencionar que o uso dos atenuadores vai de encontro às Máximas de qualidade e quantidade de Grice: não ser ambíguo ou obscuro no que se diz; não dizer mais ou menos do que o solicitado; “ir direto ao ponto”.

Os atenuadores de qualidade<sup>38</sup> são muito usados nas interações. Constituem formas de evitar críticas, entre outros usos. Eles podem sugerir que o locutor não está assumindo total responsabilidade pelo enunciado; que está se comprometendo de alguma forma; ou assumir que o objetivo é informar o interlocutor.

*Exemplo 77:*

*Nós sabemos que ele não volta antes das 3h.*

Além dos tipos de atenuadores mencionados, há também recursos como o uso de determinados tempos verbais, modalizações, justificativas, expressões de cortesia e recuos estratégicos.

Kerbrat-Orecchioni (2006) alega que, como todos os signos manipulados na interação, esses suavizadores ou atenuadores podem ser de natureza paralinguística ou não linguística: voz mansa, sorriso, inclinação da cabeça. E divide ainda os atenuadores de natureza linguística em: substitutivos e acompanhantes.

Os substitutivos constituem em substituir uma formulação mais direta por uma mais “suave”, como: a indiretividade; o eufemismo; os desatualizadores modais (uso de condicional, “você *poderia* fechar a porta?”), temporais (uso do passado, “eu *queria* te pedir que...”) ou pessoais (uso de formas coletivas com valor de solidariedade).

Os atenuadores acompanhantes consistem no uso de: “fórmulas especializadas”, tal como “por favor” e “se for possível...”; reparações, como pedido de desculpas ou justificação; prefácios atenuadores; minimizações, como uso de formas diminutivas e partículas (simplesmente, somente); modalizadores; etc.

Os atenuadores fazem parte das estratégias de polidez. De acordo com Brown e Levinson (1987), todos os atenuadores verbais podem ser substituídos ou enfatizados por elementos prosódicos e cinésicos. Por isso, a linguagem não verbal constitui forma essencial de manifestação de polidez.

Apesar de reconhecerem que a entonação representa uma das formas de atenuação, o foco dos autores, Brown e Levinson (1987) e Fraser (1980), centra-se nas estratégias linguísticas, por isso eles definem atenuadores apenas como modificadores de atos de fala e não mencionam as modificações de atos pragmáticos.

Em uma abordagem mais discursiva, Holmes (1995), ao tratar de elementos atenuadores e intensificadores, afirma que as mulheres usam, como estratégias de polidez,

---

<sup>38</sup> Chamados por Brown e Levinson (1987) de *quality hedges*.

mais atenuadores e diversificam mais os intensificadores que os homens, reforçando a crença de que os homens são mais diretos e objetivos nas interações.

## 1.8 TIPOS DE ELOGIOS

Holmes (1995) fez um estudo quantitativo sobre as estratégias de polidez utilizadas por homens e mulheres de classe média da Nova Zelândia. Em sua pesquisa, ela mostra a relação que cada gênero tem com a língua e as consequências dessa relação nas interações. Dentre os vários aspectos da polidez, ela menciona os elogios e faz uma classificação. Para ela, os elogios podem ser dirigidos à aparência, à competência ou a habilidades, a atributos morais, a posses, entre outros.

Kerbrat-Orecchioni (2006) menciona dos tipos de elogio: 1) o elogio ao bem ofertado, voltado ao objeto, “Ah, é lindo!”, “Que maravilha”. Nesses contextos é recomendável o uso de intensificadores como forma de valorização do objeto. 2) o elogio ao doador, voltado ao interlocutor, “Você é tão gentil”, e em casos de agradecimentos, pode adquirir uma aparência de reprovação, “Não precisava...”.

Holmes (1995) afirma ainda que vários fatores interferem na seleção de estratégias de polidez, como as relações sociais, hierárquicas, a familiaridade, o gênero, entre outras. Portanto, o mesmo enunciado pode ter diferentes significados para os diversos grupos sociais, os sentidos podem variar de acordo com o contexto e a cultura. A mesma afirmação pode ser recebida como elogio para as mulheres e como constrangimento para os homens<sup>39</sup>, como valorizador de faces em algumas culturas e ameaçador em outras. Por exemplo, em algumas culturas, os homens utilizam expressões de humilhação sexual como marcação de grupo, enquanto as mulheres usam elogios para a mesma finalidade. Assim, uma pesquisa qualitativa que se propõe a um estudo sobre polidez deve considerar o contexto situacional, as características e particularidades culturais dos colaboradores.

---

<sup>39</sup> Holmes (1995) afirma que as mulheres se elogiam frequentemente em relação à aparência, mas esse tipo de elogio é ameaçador para os homens, uma vez que em determinadas culturas isso pode representar uma ameaça à masculinidade.

## 1.9 PROSPECTIVAS

Este capítulo apresentou o referencial teórico que norteia a pesquisa, incluindo descrição detalhada da teoria da polidez desenvolvida por Brown e Levinson (1987), que constitui o principal referencial do estudo. Foram analisados outros aspectos que se relacionam diretamente com o tema, como as estruturas sociais e os interagentes, além de relacionar outras abordagens sobre o estudo da polidez, como a gramatical.

O ponto de vista pragmático foi apresentado com as principais contribuições dos autores sobre a abordagem, como Grice (1989), Leech (1983), Kerbrat-Orecchioni (2006), entre outros. Foram abordados, por fim, alguns aspectos sobre a noção de elogios e atenuadores, de forma a dar sustentação para a pesquisa.

No próximo capítulo serão apresentadas as metodologias e técnicas utilizadas durante a pesquisa, assim como um resumo do relatório de pesquisa.

## **CAPÍTULO 2 – “POR FAVOR, VAMOS CONVERSAR SOBRE COMO FOI FEITA A PESQUISA?”**

### **2.0 PERSPECTIVAS**

O presente capítulo define o tipo de pesquisa feita neste trabalho, apresentando as metodologias e técnicas utilizadas. Em seguida, apresenta um resumo do relatório de pesquisa.

### **2.1 PESQUISA QUALITATIVA**

Esta pesquisa é qualitativa e apresenta metodologia que se vale da tradição etnográfica, o que significa dizer que está situada em perspectiva êmica, ou seja, ela não se constrói apenas na interpretação do autor, mas, sobretudo, do ponto de vista dos pesquisados (doravante *colaboradores*).

A etnografia se diferencia das demais maneiras de estudar o homem, segundo Johnstone (2000: 83), por proporcionar explicações para as ações humanas que nenhuma teoria que se utilize de experimentação pode abarcar.

Diferentemente das pesquisas quantitativas, que se preocupam com a frequência com que determinado fenômeno acontece, a pesquisa interpretativista, ou qualitativa, não dá importância ao número de participantes que colaboram com o estudo.

Os colaboradores têm voz na pesquisa, uma vez que podem confirmar ou não a interpretação dos dados feita pelo pesquisador. Essa colaboração resulta em pesquisa mais ampla e abrangente, pois conta com a triangulação dos pontos de vista dos colaboradores, do pesquisador e dos teóricos que fundamentam o estudo.

A sociolinguística qualitativa serve-se de diversas áreas da linguagem, como a análise do discurso, a análise da conversação, a semântica, a pragmática, entre outras, as quais analisam não apenas o “quê”, mas, principalmente, o “como” e o “porquê” das ações sociais, históricas e culturais. A união entre essas áreas é fundamental para legitimar a pesquisa na investigação de atividade pluridimensional, buscando melhor entendimento a respeito do significado social do assunto estudado. Dessa maneira, a pesquisa qualitativa situa-se em

emaranhado multidisciplinar que favorece tanto o pesquisador quanto os colaboradores, por apresentar visão holística do processo interacional e por explicar, sob diversos pontos de vista, as teorias acerca do funcionamento da linguagem.

A pesquisa qualitativa tem como objetivos: 1) abordar e analisar culturas e sociedades; 2) entender, descrever, analisar e explicar ações e contextos sociais, analisando experiências, interações dos sujeitos envolvidos na pesquisa; e 3) registrar práticas de interação e comunicação, bem como analisar esse material.

O pesquisador qualitativo está interessado em ter acesso a experiências e interações no momento em que ocorrem, ou seja, em seu contexto natural. Para dar espaço às particularidades dos eventos estudados, a pesquisa abre mão de estabelecer conceitos pré-definidos sobre aquilo que estuda e sobre hipóteses ou categorias prévias a pesquisas, os quais serão constituídos, desenvolvidos e refinados no decorrer da pesquisa. Por essas razões, o presente estudo teve início com algumas questões de pesquisa que foram se adaptando e se definindo no decorrer do processo.

Os colaboradores constituem agentes importantes na investigação, pois são fundamentais no processo de reflexão dos resultados. Eles são protagonistas na geração de dados e também na análise junto com o pesquisador. Portanto, é-lhes conferido o poder de confirmar ou não as reflexões do pesquisador, durante o visionamento<sup>40</sup>.

O presente estudo utilizou-se das seguintes técnicas de registro de dados: observação participante; notas de campo; registros de áudio e vídeo; e grupo focal, os quais são explicados no decorrer deste capítulo.

## 2.2 ETNOGRAFIA

A pesquisa etnográfica vem sendo empregada amplamente em estudos interacionais. Essa metodologia é usada neste estudo com o objetivo de realizar as análises sobre estratégias de polidez utilizadas pelos colaboradores desta pesquisa em situações de elogio.

Primeiramente, faz-se necessário definir o que é etnografia. Etnografia significa, literalmente, a descrição de uma cultura, de um povo. Ela trabalha sempre com o coletivo, e não com indivíduos isoladamente. Assim, ela é uma maneira de estudar pessoas em grupos

---

<sup>40</sup> O visionamento dos dados com os colaboradores de pesquisa é o momento em que, juntos, o pesquisador e os colaboradores refletem sobre o significado das ações sociais ocorridas durante o processo de geração de dados, tendo a oportunidade, nessa etapa, de confirmar ou não a análise de dados por parte do pesquisador.

organizados, chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza determinado grupo é entendido como cultura. Estudar a cultura envolve exame das atitudes, costumes e crenças aprendidos e compartilhados no grupo. O objetivo do pesquisador, portanto, é encontrar em campo a verdadeira dinâmica da experiência humana vivida.

A etnografia pode ser descrita, de acordo com Mattos (2001:1-10), da seguinte forma:

o estudo pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de grupo particular de pessoas... Tem o objetivo de documentar, monitorar, encontrar o significado da ação... Tem por fim o estudo e a descrição dos povos... Sua maior preocupação é obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm e do que eles fazem... Em etnografia, tentaremos combinar uma análise detalhada de comportamentos, seus significados no dia a dia de interação social.

Para Angrosino (2009), a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, suas ações interpessoais, suas produções materiais e suas crenças. Para ele, os etnógrafos se ocupam basicamente da vida cotidiana e rotineira das pessoas que eles estudam. Para isso, os etnógrafos coletam dados sobre as experiências humanas vividas a fim de discernir padrões previsíveis para descrever todas as instâncias imagináveis da interação entre as pessoas, nessa cultura.

Para Fetterman (1998), a etnografia busca ser holística – cobrindo o máximo de território possível sobre a cultura, subcultura ou programa – mas ela necessariamente chega longe de conseguir.

A pesquisa etnográfica surge em 1851, com investigações acerca de aspectos socioculturais do antropólogo americano Luis Henry Morgan. O estudo etnográfico avança com as contribuições de Malinowski. Ele fortalece essa corrente e a etnografia ganha espaço nas ciências sociais (RODRIGUES, 2007: 529).

A etnografia da comunicação surge na década de 60, com os estudos de Dell Hymes e John Gumperz. É primeiramente denominada etnografia da fala, para posteriormente ser chamada etnografia da comunicação. Keating (2002) afirma que o termo etnografia da fala surge de forma proposital para se opor à ideia de Chomsky do falante/ouvinte ideal e da homogeneidade da fala.

Portanto, o fundamento da etnografia da comunicação está na natureza dos significados, interligados às crenças partilhadas e aos valores adquiridos pela comunidade, dependente dos contextos social e cultural.

Gumperz e Hymes prosseguiram com seus estudos etnográficos, descobrindo que eles eram responsáveis por investigar o significado social, a diversidade de práticas envolvidas e o uso real da língua em contexto específico. (KEATING, 2002).

A etnografia da comunicação, segundo Salzmann (1993), utiliza textos que são refinados ou checados com a ajuda do colaborador da pesquisa, depois de presenciar a gravação de determinada situação interacional mais ou menos espontânea, devido à presença da câmera, filmadora ou fotográfica, ou gravador. (KEATING, 2002).

A sociolinguística interacional se vale da etnografia como metodologia de análise, acreditando que os dados não são colhidos, mas, sim, gerados durante o processo interacional, uma vez que o processo significativo é construído durante as interações. E o pesquisador, como observador participante, também interfere nesse processo, assim como os colaboradores.

A sociolinguística possui relação essencial com a etnografia; e isso se confirma pelo estudo do uso da língua, de crenças, de atitudes em normas culturais, legitimando assim as “observações etnográficas como parte da metodologia usada” (JOHNSTONE, 2000).

A observação participante coloca o pesquisador no meio da comunidade que ele está estudando. Constitui modo muito eficiente para captar as peculiaridades das interações e analisar de forma mais profunda a natureza das relações entre os participantes. “A etnografia é, notadamente, uma perspectiva holística, contextualizada, êmica, ética e desprovida de julgamentos de ponto de vista ou de diferentes realidades”<sup>41</sup> (FETTERMAN, 1998: 18).

Em resumo, a etnografia, como método utilizado na pesquisa de campo, é conduzida pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados para triangular um resultado que pode ser considerado fortalecido pelas múltiplas vias com que foi alcançado. Para Fetterman (1998), a etnografia requer múltiplos métodos para garantir que o pesquisador cubra todos os ângulos possíveis.

Trata-se de pesquisa de caráter indutivo, pois trabalha com contextos específicos para fins de análise, para construir teorias explicativas, e não para testar hipóteses derivadas de teorias ou modelos existentes. Ademais, apresenta caráter dialógico, pois as reflexões e interpretações dos pesquisadores podem ser discutidas pelos colaboradores ao longo do processo de pesquisa. A etnografia possui ainda caráter holístico, pois busca revelar o retrato mais completo possível do grupo em estudo.

---

<sup>41</sup> Tradução livre.

O bom resultado da pesquisa etnográfica resulta da triangulação e do uso de técnicas múltiplas de coleta de dados para reforçar as conclusões. As técnicas podem ser usadas em conjunto, pois nenhuma delas sozinha é capaz de fazer o retrato inteiro de uma comunidade.

Para Fetterman (1998), a tarefa do etnógrafo não é apenas coletar informações do ponto de vista êmico ou de um integrante do grupo estudado, mas é também analisar todas as informações dentro de uma perspectiva ética ou de um membro externo, pertencente à comunidade científica.

Dentro das pesquisas etnográficas, encontra-se uma variedade de orientações teóricas. A presente pesquisa incorpora a influência de algumas delas: o interacionismo simbólico, a etnometodologia, os estudos culturais e a pragmática.

### **2.2.1 Interacionismo Simbólico**

O interacionismo simbólico vê as pessoas como agentes ativos, pois não sofrem passivamente a ação de forças externas. Assim, a sociedade é “um caleidoscópio em constante mutação de indivíduos interagindo uns com os outros” (ANGROSINO, 2009:20). Portanto, parte-se do pressuposto de que as pessoas vivem em um mundo de significados aprendidos e negociados, compartilhados por meio de interações. Esses significados motivam as pessoas a desempenhar suas atividades.

A pesquisa de campo etnográfica busca revelar os significados que os atores sociais atribuem às suas ações, ou seja, o modo como entendem aquilo que pensam e fazem. Para isso, o pesquisador deve fazer imersão no mundo dos seus colaboradores e descobrir o sistema simbólico deles.

Goffman (1971) se preocupava com a maneira como as pessoas agiam e construía as relações sociais. Ele buscava descrever, em suas pesquisas, como as pessoas constroem suas “apresentações de *self*”<sup>42</sup> e como elas são representadas a outras pessoas. Para ele, o desempenho dos papéis sociais tem a ver com o modo como cada indivíduo concebe a sua imagem e a pretende manter. Goffman sugere que há intencionalidade por trás das *performances* dos sujeitos, que visam passar a melhor impressão possível perante os outros.

---

<sup>42</sup> “Apresentações de *self*” são apresentações de si, diz respeito aos papéis que as pessoas constroem para representarem e se apresentarem umas às outras.

Em outras palavras, as pessoas estão constantemente desempenhando papéis e, por isso, são consideradas *atores sociais*.

Nessa perspectiva, o mundo simbólico só se constrói por meio da interação entre duas ou mais pessoas. Sendo assim, pode-se dizer que o simbolismo não resulta da interação do sujeito com ele mesmo, ou da sua interação com um simples objeto. Apesar de o sentido individual ser base para todos e quaisquer sentidos que cada um dá às suas próprias ações, esse sentido é estabelecido e moldado por meio das interações sociais, ou naquilo que o "eu" faz, sendo regulado pelo que "nós" construímos socialmente.

### **2.2.2 Etnometodologia**

O objetivo da etnometodologia é explicar como o sentido de realidade de um grupo é construído, mantido ou transformado. Para isso, pressupõe-se que a interação humana é reflexiva, ou seja, as pessoas interpretam ações significativas – como gestos, palavras, linguagem corporal, uso de elementos proxêmicos, prosódicos e paralinguísticos, entre outros – de forma a manter visão compartilhada da realidade.

As informações são indexadas. Apresentam, portanto, significado dentro de um contexto específico. Nesse sentido, é importante considerar a relação entre os interagentes, suas intenções declaradas e implícitas, entre outros fatores. Isso significa que, em qualquer interação, muitos elementos não estão explícitos, de modo que os interagentes precisam preencher as lacunas, compreender as ações do outro, fazer inferências etc. Assim, o trabalho do pesquisador, nesse caso, é descobrir os significados encobertos.

A pesquisa etnográfica é projetada para descobrir como as pessoas convencem umas às outras de que realmente existe uma coisa chamada “sociedade” ou “cultura” no sentido de normas coerentes guiando sua interação. (ANGROSINO, 2009:26)

Neste estudo, optou-se por estilo de pesquisa etnográfica dialógico, dialético e colaborativo. Dialógico porque o pesquisador estabelece conversações recíprocas com os pesquisados. Dialético porque os resultados emergem da confluência de opiniões, valores, crenças e ações divergentes, e não de uma falsa homogeneização. Colaborativo porque os pesquisados não são “objetos de pesquisa” ou “informantes”, mas sim colaboradores ativos no processo de pesquisa.

De acordo com Angrosino (2009:26), “alguns etnometodólogos afirmam que a linguagem é a base fundamental da ordem social, pois é o veículo da comunicação que

sustenta tal ordem em primeiro lugar”, o que torna a etnometodologia ideal para os estudos interacionistas.

### **2.2.3 Observação Participante**

Para Angrosino (2009), a observação é o ato de perceber as atividades e os inter-relacionamentos das pessoas no cenário de campo por meio dos cinco sentidos do pesquisador. É o ato de perceber determinado aspecto, muitas vezes com o objeto de pesquisa, e registrá-lo com propósitos científicos. É um processo de aprendizagem por exposição ou por envolvimento em atividades cotidianas ou rotineiras de quem participa do cenário da pesquisa. É, portanto, uma estratégia que facilita a geração de dados no campo:

A observação participante não é propriamente uma técnica de coletar dados, mas sim o papel adotado pelo etnógrafo para facilitar a sua coleta de dados (ANGROSINO, 2009:53)

Todos tendem a perceber as coisas por meio de filtros que fazem parte intrínseca do método de pesquisa, por exemplo, os quadros analíticos ou teorias. Porém, algumas vezes, esses filtros são simplesmente projeções de quem é o pesquisador (seus preconceitos, cultura, gênero, idade etc.). O etnógrafo deve se esforçar para estar consciente de sua posição social e colocá-la à parte, pois ela constitui perspectiva chamada de etnocentrismo (a suposição – consciente ou não – de que sua própria maneira de pensar e fazer as coisas é de alguma forma preferível e mais natural que todas as outras). Mas não é possível bani-la completamente. É o paradoxo do observador: o pesquisador se encontra em posição que exige imparcialidade, mas, ao mesmo tempo, não é possível se livrar completamente de sua visão de mundo.

A observação participante foi selecionada como técnica de pesquisa por ser a que mais auxilia na resposta às questões de pesquisa. Com a observação participante, aproveitam-se mais os vínculos interpessoais entre a pesquisadora e os colaboradores.

### **2.2.4 Grupo Focal**

O grupo focal constitui técnica de pesquisa na qual são apresentados aos colaboradores alguns tópicos para que possa servir de encorajamento para a realização de uma discussão. O pesquisador atua mais como facilitador do grupo de discussão do que como um questionador.

O grupo focal é método de pesquisa qualitativa que pode ser utilizado no entendimento de como se formam as diferentes percepções e atitudes acerca de um fato, fenômeno, prática social etc.

Em grupos, é possível observar os padrões de argumentação e, por meio disso, testemunhar os processos de pensamento na prática, como os respondentes se comprometem no entra-e-sai da discussão. (BILLIG, *apud* GONZÁLEZ REY, 2002: 88)

Ocupa, como técnica, posição intermediária entre a observação participante e a entrevista. Pode ser caracterizado também como recurso para compreender o processo de constituição das percepções, atitudes e representações sociais de grupos.

A essência do grupo focal consiste em apoio à interação entre seus participantes para gerar dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador, considerado o moderador do grupo. Uma vez conduzido, o material gerado será a transcrição de uma discussão em grupo, focada em um tópico específico, por isso grupo focal.

Nessa técnica, o mais importante é a interação que se estabelece entre os participantes. O pesquisador da discussão deve estabelecer e facilitar a discussão e não realizar uma entrevista em grupo – sua ênfase está nos processos interacionais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema.

O clima relaxado das discussões; a confiança dos participantes em expressar suas opiniões; a participação ativa e a obtenção de informações que não ficam limitadas a prévia concepção dos avaliadores, bem como a qualidade das informações obtidas são as principais vantagens do grupo focal.

Morgan (1997) classificou os grupos focais em três modalidades. Sua tipologia se difere por seu uso isolado ou concomitante com outras técnicas e métodos de pesquisa. Desse modo, o autor fala em: a) grupos auto-referentes, usados como principal fonte de dados; b) grupos focais como técnica complementar, em que o grupo serve de estudo preliminar na avaliação de programas de intervenção e construção de questionários e escalas; c) grupo focal como proposta multi-métodos qualitativos, que integra seus resultados com os da observação participante e da entrevista em profundidade. Esta pesquisa adotou o terceiro tipo de grupo focal.

Para Morgan (1997), os grupos focais servem a vários propósitos, não só para explorar novas áreas pouco conhecidas pelo pesquisador, mas: aprofundar e definir questões de outras bem conhecidas; responder a indagações de pesquisa; investigar perguntas de natureza cultural e avaliar opiniões, atitudes, experiências anteriores e perspectivas futuras.

O local selecionado para as reuniões, a casa da pesquisadora, favoreceu a interação entre os participantes, uma vez que evitou interrupções e interferências externas e garantiu a privacidade ao grupo. Foi utilizado equipamento de áudio e vídeo para registrar as discussões e facilitar as reflexões da pesquisadora. Os objetivos do encontro foram explicados previamente aos colaboradores, assim como o uso de equipamento técnico e a garantia de sigilo da identidade dos envolvidos.

Vários autores que tratam sobre grupo focal recomendam números diferentes de participantes. Flick (2009) recomenda entre 10 e 12 pessoas. Segundo o autor, experiências mostram que grupos acima de 12 pessoas inibem e reduzem as possibilidades de participação de todos. Assim, quando o número de integrantes exceder a 12 pessoas, é aconselhável dividir o grupo.

Segundo Morgan (1997), o grupo deve ser composto de seis a dez pessoas. Observou-se que um número maior de integrantes raramente produz mais informações. Aqui, intervém a habilidade do pesquisador em cessar a geração de dados quando perceber que o ponto de saturação das informações para a pesquisa já foi atingido. Ao se tratar de um tema leve e, por se considerar a relação entre os participantes e a pesquisadora, optou-se por número mais reduzido de colaboradores para promover a participação de todos. Portanto, inicialmente o grupo seria composto de seis colaboradores. Porém, com a falta de um integrante, o grupo obteve o número total de 5 participantes.

Portanto, dos cinco integrantes do grupo: três pertencem a uma geração mais velha e dois participantes de uma geração mais nova. Apenas mulheres foram selecionadas. Esse critério foi escolhido pela pesquisadora enquanto selecionava os colaboradores para o grupo, por sentir receio, por parte dos integrantes, em participar de um grupo misto.

### **2.2.5 Notas de Campo**

As notas de campo são escritas pelo observador participante durante a pesquisa de campo, colocando no papel parte das experiências vividas (conhecimento de campo; sensibilidades e impressões sobre a imersão; preocupações, considerações e ideias teóricas etc.). Nessa perspectiva, considera-se campo um local onde há uma interação constitutiva.

Há várias formas de notas de campo: notas mentais, palavras-chave, rascunhos, notas de campo, gravações, textos, diários, jornais, cartas, entrevistas etc. Independentemente do formato, elas constituem formas de representação, ou seja, forma de “reduzir” os eventos,

peças e lugares recém observados a notas escritas de tal forma que possam ser revistos, estudados e analisados de tempos em tempos, uma vez que esses eventos são contextualizados. O trabalho de campo etnográfico requer observação atenta e imersão, pois o campo é construído e não descoberto (ATKINSON, 1992), por isso considerado contextualizado.

A etnografia constitui processo duplo de produção e reprodução textual (ATKINSON, 1992). Esse processo começa com a escrita diária de notas de campo, com observações e reflexões sobre o campo de pesquisa. Essa escrita é contemporânea, ou seja, deve ocorrer mais ou menos durante os eventos; e seletiva, nunca contempla a totalidade de um evento.

As notas de campo têm como objetivo prover descrições de pessoas, cenas, diálogos, assim como experiências pessoais e reações de tal forma a minimizar a “teorização” e a “interpretação”. São, muitas vezes, textos transitórios, confusos, preliminares e incompreensível para os outros (ATKINSON, 1992), pois o etnógrafo escreve para si e não para outros.

As práticas, reflexões, análises e recursos variam de acordo com os compromissos e interesses teóricos específicos do etnógrafo. As notas de campo podem ser, inclusive, uma forma que o etnógrafo encontra para lidar com o estresse e a ansiedade de deixar um mundo para entender outro. Elas nunca poderão captar a profundidade e a subjetividade do pensamento intelectual e pessoal do etnógrafo.

As notas de campo não só descrevem situações e eventos, mas também os entendimentos e subjetividades das pessoas envolvidas, ou seja, trata-se de oportunidade inicial de escrever e desenvolver interpretações e análises preliminares.

Durante a pesquisa de campo, o pesquisador interpreta, infere, faz hipóteses e conjecturas, desenvolve novos conceitos e os conecta aos antigos. Ao colocar essa análise inicial nas notas de campo, o pesquisador se permite checar, confirmar ou rejeitar posteriormente tais ideias. Essas anotações promovem não somente um material teórico inicial, mas também ajudam a guiar futuras observações e análises.

## **2.3 ESTUDOS CULTURAIS**

Os estudos culturais têm o objetivo de examinar como a vida das pessoas é moldada por estruturas construídas historicamente, de geração a geração, além de determinar como os significados hegemônicos são produzidos, distribuídos e consumidos.

De acordo com Silva (2006), os processos culturais são vinculados com as relações e as formações de classe (etárias, sexuais, raciais). A cultura se envolve com o poder influenciando nas assimetrias. Portanto, nenhuma comunidade pode ser descrita como uma comunidade homogênea em equilíbrio. A cultura não é um campo autônomo ou determinado externamente, mas um local de diferenças e de lutas sociais. Para Silva (*ibid*), os estudos culturais podem ser definidos como uma tradição intelectual e política; ou em suas relações com as disciplinas acadêmicas; ou em termos de paradigmas teóricos; ou, ainda, por seus objetos característicos de estudo.

## **2.4 GERAÇÃO DE DADOS**

Antes de situar como será feita a geração de dados, faz-se necessário explicar que a palavra “geração” refere-se ao tratamento conferido aos dados construídos durante o processo investigativo juntamente com os colaboradores. Assim, a pesquisa qualitativa não busca algo já construído e pronto para a coleta, mas faz do pesquisador responsável, assim como o pesquisado, pela geração de dados que serão registrados na pesquisa.

Durante a geração de dados, foram utilizadas filmagens captadas nas interações dos colaboradores, as quais foram convertidas em arquivos em CD. Também foram utilizadas as anotações de campo realizadas no decorrer da investigação, bem como as interações com os participantes para o exercício do visionamento. Estas atividades compreendem a reflexão e a interpretação conjunta sobre as ações dos colaboradores nas situações interacionais que constituem objeto de investigação desta pesquisa.

## **2.5 SELEÇÃO E REGISTRO DE EVENTOS**

No segundo semestre de 2009, no curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, na disciplina de Sociolinguística Interacional, ministrada pela professora e orientadora Cibele Brandão, foi estudado mais detalhadamente o Princípio da Polidez e a maneira como ele se manifesta em diferentes culturas. Concomitantemente a essa disciplina, foi desenvolvido o projeto da pesquisa e algumas ideias foram se refinando nesse processo.

O projeto, em sua versão final, teve como principal objetivo analisar a forma como os brasileiros reagem a um dos universais proposto por Leech (1983), o princípio da modéstia,

em situações de elogio. No entanto, o projeto ainda se limitava a estudar as estruturas linguísticas envolvidas nas manifestações de polidez durante as interações. Os meses seguintes foram dedicados a leituras e desenvolvimento da minuta do capítulo teórico.

Em abril de 2010, foram feitos os registros de eventos festivos, como pequenas celebrações de aniversário, com colaboradores selecionados a partir dos vínculos de amizade da pesquisadora. O primeiro evento foi registrado no dia 2 de abril de 2010, na creperia *Cest si bom*, no período da noite, em Brasília. O evento contou com a presença de seis participantes, incluindo a aniversariante. Apesar de ser um lugar aberto, não havia muito barulho e, por isso, foi possível obter um registro claro de áudio e vídeo.

O segundo evento ocorreu no dia 22 de abril de 2010, na pizzaria *San Marino*, localizada em Brasília, no período da noite. Por ser um evento com mais participantes, treze no total, não foi possível fazer notas de campo sobre todas as interações ocorridas entre os participantes. Os registros de vídeos foram prejudicados devido à posição da máquina e, por esta razão, foram utilizados apenas os registros de áudio.

O terceiro evento ocorreu no dia 27 de abril de 2010, na lanchonete *Genaro's*, também em Brasília, no período noturno. O evento contou com seis participantes. Infelizmente, a colaboradora principal, a aniversariante, não aceitou continuar a pesquisa<sup>43</sup>, e, portanto os registros feitos nesse evento foram descartados, mas contribuíram como parte do processo de reflexão sobre o tema.

O quarto evento ocorreu no dia 29 de abril de 2010, na residência da aniversariante, e contou com a participação de vinte convidados e cinco membros da família, no total de 25 pessoas. Foi o evento mais significativo em relação às interações. Por ser evento diferente dos demais, foi possível fazer novas reflexões. Houve problemas com o equipamento de filmagem e, por isso, poucas cenas foram registradas. No entanto, isso não impediu a riqueza dos dados obtidos. Esse grupo se distinguiu dos demais pela diferença de idade dos participantes: a maioria era constituída de maiores de cinquenta anos e, pelas relações pessoais envolvidas, uns eram bem próximos da aniversariante, e outros tinham com essa uma relação interpessoal mais superficial.

---

<sup>43</sup> Na presente pesquisa, todos os colaboradores são voluntários, tendo sido facultados a eles o direito de a qualquer momento poder desistir de participar e retirar seu consentimento de uso de dados, sem prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O quinto evento ocorreu no dia 31 de julho, à noite, e contou com a participação de doze pessoas, duas famílias e um pastor. Diferentemente dos outros eventos, este se tratou de uma celebração de noivado.

A reunião de grupo focal foi realizada no dia 24 de novembro de 2010, na casa da pesquisadora. O evento contou com a participação de 5 colaboradoras, 3 pertencentes a uma geração mais velha, participantes do quarto evento de observação participante e 2 pertencentes a uma geração mais nova.

Os capítulos seguintes irão apresentar os dados registrados com mais detalhes, assim como a análise desses.

## **2.6 PROSPECTIVAS**

O presente capítulo apresentou a metodologia que norteia a pesquisa. A etnografia como metodologia foi apresentada, assim como as orientações teóricas incorporadas ao estudo, como o interacionismo simbólico, a etnometodologia e os estudos culturais.

Foram apresentadas também as técnicas usadas, observação participante, grupo focal e notas de campo, e algumas especificações sobre elas. Definiu-se ainda o termo “geração de dados” e o porquê de sua escolha. E, por fim, foi detalhada a seleção de registros e eventos.

No próximo capítulo será detalhada a análise de dados gerados na observação participante.

## **CAPÍTULO 3 – “QUE ISSO... SÃO SEUS OLHOS...”**

### **3.0 PERSPECTIVAS**

O presente capítulo apresenta a análise de dados gerados na observação participante. Além de dados registrados em aniversários, serão analisados também dados de uma reunião familiar de noivado e de interações ocorridas na reunião de grupo focal.

### **3.1 EVENTOS**

Em Brasília, alguns jovens costumam comemorar aniversários em bares, pizzarias, creperias e restaurantes. Em geral, convidam-se apenas amigos próximos, pois esses eventos são financiados pelos próprios convidados, cada pessoa paga sua própria conta. Esse costume é tão recorrente que alguns restaurantes oferecem pratos gratuitamente aos aniversariantes com o objetivo de atrair esses eventos. Os três primeiros eventos registrados ocorreram dessa forma.

Nem sempre os aniversariantes são presenteados nessas ocasiões, pois como os convidados pagam seus próprios pedidos, ficam “desobrigados” a presentear o aniversariante, de acordo com a norma social estabelecida nos grupos analisados. Observaram-se também contextos mais informais, devido à proximidade entre os interagentes.

As pessoas de gerações mais antigas costumam fazer reuniões comemorativas em suas casas. Algumas vezes fazem reuniões em restaurantes também, geralmente com um grupo específico, como colegas de trabalho. Os aniversariantes são presenteados com mais frequência, e há mais ocorrência de elogios nesses contextos. O quarto evento ocorreu dentro dessas características.

Foram registrados seis eventos no total, sendo os três primeiros comemorações de aniversários de uma geração mais nova, pessoas entre 20 e 30 anos de idade. Um aniversário de uma geração mais velha, em que a aniversariante completava 54 anos de idade, e a maioria dos convidados se situava na mesma faixa etária. Uma reunião de família para celebração de noivado e uma parte da interação entre as colaboradoras do grupo focal, antes de a reunião

iniciar. Foram selecionados eventos festivos com o objetivo de aproveitar a espontaneidade dessas interações.

Pseudônimos foram selecionados com o objetivo de preservar a identidade dos colaboradores, de acordo com a exigência do Comitê de Ética da Universidade de Brasília.

### 3.1.1 Primeiro Evento

O primeiro evento foi registrado no dia 2 de abril de 2010, na creperia *C'est si bom*, no período da noite, em Brasília. O evento contou com a presença de seis participantes, incluindo a aniversariante. A maioria dos convidados tinha uma relação muito próxima com a aniversariante, mas havia também pessoas com uma relação um pouco mais distante.

E1R1 (1:10)

Lia: bonito seu esmalte. qual que [é? deixa eu ver a cor// (movimento para segurar a mão de Rebeca)

Rebeca:

[Gostou? Super discreto, né?

Lia: gostei. é rosa chiclete? (segurando a mão de Rebeca quando é interrompida por uma convidada que acaba de chegar, levanta e vai cumprimentá-la)

Rebeca: não é rosa-chiclete não, é outra cor

Nesse trecho, observa-se que a aniversariante elogiou o esmalte da convidada, sua amiga próxima. Esse ato pode ser considerado valorizador de face, uma vez que, indiretamente, valoriza o bom gosto da interlocutora. Ela, por sua vez, usa a ironia como resposta *Super discreto, né?*, referindo-se a uma cor rosa *Pink*, bem chamativa.

Há também elemento fático na resposta da convidada, que prolonga a conversa. Essa estratégia foi observada em várias outras respostas a elogios nesta pesquisa. É uma forma de reforçar a face positiva do interlocutor, uma vez que demonstra consideração com o elogio e utiliza o objeto do elogio para prolongar a interação com o interlocutor, ferindo as máximas conversacionais de quantidade e de relevância de Grice (1989) e seguindo a estratégia nº 5 de estratégias de FTA com atenuantes de Brown e Levinson (1987), diga mais do que o necessário.

Rebeca não seguiu o Princípio da Modéstia proposto por Brown e Levinson (1987), mas isso não constituiu um ato de ameaça à face, pois a relação próxima entre as interagentes e o contexto informal da interação propiciaram condições para isso.

E1R1 (4:15)  
 (falando sobre um convite para a inauguração de um shopping novo)  
 Lia: e a gente nem foi convidado para a inauguração desse shopping, credo// (?) ir prestigiar (risos)  
 Paulo: mas já inaugurou? (com ambas as mãos espalmadas para cima em sinal de dúvida)  
 Rebeca: [já:  
 Marta: [já. inaugurou na segunda-feira.  
 Rebeca: você costuma receber e[ste tipo de convite?  
 Lia: [pro pátio Brasil eu não sei como eu fui convidada (sinal de surpresa com a mão, esticando os dedos para cima)  
 Rebeca: [só pra quem pode, né, gente.  
 (Lia sorri e rodopia o dedo no ar)  
 Lia: que coisa gente//  
 Rebeca: a gente só é convidado para ir lá pagar as contas, né? uau//

Nessa situação, há a participação de vários dos interagentes presentes e revela a importância dos elementos cinésicos como forma de interação. A aniversariante relevou ter sido convidada para a inauguração de um shopping antigo da cidade, o que, de acordo com Brown e Levinson (1987), poderia ser um ato de ameaça à sua face positiva, pois atos de auto-gratificação ferem o princípio de modéstia proposto por Leech (1983). Porém, a relação próxima entre os interagentes permitiu que tal ato não fosse considerado ameaçador.

Como resposta à revelação do recebimento do convite anterior, a aniversariante recebeu um elogio *só pra quem pode, né, gente?*. O elogio sugere, com base no conhecimento cultural que envolve o contexto, que ela era uma pessoa importante, reconhecida pela sociedade, pois geralmente apenas celebridades, *socialites* e pessoas de classe econômica mais elevada são convidadas para esses eventos, que são muito restritos.

A aniversariante deu uma resposta não verbal ao elogio. Ela fez um gesto com o dedo rodopiando no ar, jogou a cabeça para trás, sorriu e fez uma expressão facial que foi interpretada como uma “rejeição” ao elogio. Essa resposta foi interpretada pela própria aniversariante como uma expressão que diz “eu não sou importante assim, simplesmente fui convidada para uma inauguração”. Essa resposta segue o princípio da modéstia de Leech (1983) e reforça a ideia, culturalmente determinada, de que uma pessoa ameaça sua própria face positiva se recebe elogios com prontidão em determinados contextos.

A convidada ainda reforça o elogio anterior, usando o humor *a gente só é convidado para ir lá pagar as contas, né? uau*, ratificando o elogio anterior e a ideia de que a aniversariante é importante e popular, enquanto ela mesma, pessoa comum, só é convidada pelo *shopping* para pagar o que deve. Esse ato poderia ser considerado ameaçador se não

fosse o sentido humorístico, pois poderia ferir a face positiva da convidada, uma vez que afirma que ela não costuma pagar suas contas, ou que já foi chamada por esse motivo. O fato de ela ter usado a primeira pessoa do plural *a gente*, ou seja, envolvendo os demais interlocutores, também poderia ter sido ameaçador.

A expressão *uau* reforça o elogio anteriormente feito, assim como a ratificação do elogio. Apesar de não ter uma prosódia que realmente demonstrasse surpresa, com uma entonação mais aguda e/ou alta na segunda vogal, a partícula exerceu essa mesma função, uma vez que integrou o efeito de humor produzido pela convidada. O humor é a estratégia nº 8 de Polidez Positiva proposta por Brown e Levinson (1987) e serviu, nessa interação, como ato de valorização de faces.

E1R2 (3:13)

Lia: pois é/e aonde é que você tá dando aula? que eu vou lá te pego//

Marta: na X<sup>44</sup>.

Lia: que le[ga::l:!! (levanta a sobrancelha e arregala os olhos em sinal de surpresa)

Paulo: [você tá dando aula? (entonação de surpresa)

Marta: mas é assim (.) eu tô dando aula no núcleo de práticas jurídicas. (gesticulando a mão com a palma virada para cima)

Lia: le[gal..

Marta: [como o povo não sabe nada (?)

[...]

Esse trecho revela o uso dos elementos prosódicos como integrantes e determinantes na construção de sentidos. A expressão linguística *legal* ou *que legal* pode possuir diversos sentidos, muitas vezes contraditórios, dependendo da prosódia e do contexto. Sem o alongamento da segunda vogal ou a entonação ascendente final, ela poderia representar indiferença, e ainda se acompanhada de determinada expressão facial, representaria desprezo.

Fator importante nessa interação é a relação entre as integrantes. Ambas, Marta e Lia, eram colegas de faculdade e mantêm uma relação um pouco mais distante e mais formal se comparada com a relação da aniversariante com os outros convidados. Lia estava conversando com Marta, perguntando sobre suas atividades, se “atualizando” sobre a vida de Marta. O que evidencia que elas não mantinham convivência diária e uma relação muito próxima, pois não se encontravam ou se falavam há bastante tempo. Marta afirmou que estava lecionando em uma faculdade e Lia perguntou onde ela estava trabalhando. Ao ouvir a resposta disse *legal*, prolongando a segunda vogal.

---

<sup>44</sup> Por questões de ética, o nome da instituição de ensino não foi identificado, mantendo, assim, em sigilo a instituição e o colaborador da pesquisa.

Esse prolongamento, juntamente com a entonação ascendente, determinou o sentido honorífico da expressão, uma vez que expressou surpresa e indiretamente ressaltou a importância do interlocutor. A mesma expressão sem o prolongamento, neste contexto, teria apenas uma função fática ou seria uma expressão de constatação sobre o fato apresentado. Por outro lado, a mesma expressão sem a entonação ascendente, demonstraria uma falta de entusiasmo com a informação anteriormente dada, portanto, seria um ato de ameaça à face positiva de Marta, e não um ato valorizador.

Ainda durante o turno de fala de Lia, há uma interrupção de Paulo, um terceiro interagente. Ele pergunta a Marta *você está dando aula?*, mesmo sabendo que ela estava. Essa interrupção foi feita com o objetivo de se integrar na interação, portanto, possuiu uma função fática, pois o objetivo de Paulo não era saber a ocupação de Marta, era marcar sua entrada na interação. Ao mesmo tempo, os traços prosódicos da pergunta trazem implicitamente um sentido honorífico, reforçando o ato valorizador de face de Lia.

A resposta de Marta aos atos anteriores seguiu o princípio de modéstia de Leech (1983). Marta pode ter sentido que sua face positiva seria ameaçada se aceitasse prontamente o elogio, por essa razão ela minimizou a expressão de lisonja para si, desmerecendo o objeto do elogio. Ao selecionar uma estratégia de esquiva, para salvar sua face positiva, evitando ser vista como uma pessoa arrogante, ela colocou essa mesma face em risco, uma vez que desqualificou uma matéria importante na área do direito e, concomitantemente, sua capacidade de ministrar essa matéria.

A segunda expressão *legal* evidenciou que a face positiva de Marta foi ferida, uma vez que não teve a mesma entonação. Como forma de reparação, Marta buscou prolongar a interação usando o objeto do elogio como tema<sup>45</sup>) e seguindo a estratégia nº 5 de estratégias de FTA com atenuantes de Brown e Levinson (1987), diga mais do que o necessário.

### 3.1.2 Segundo Evento

O segundo evento ocorreu no dia 22 de abril de 2010, no período da noite, na pizzaria *San Marino*, localizada em Brasília. Foi um evento com mais participantes, um aniversariante

---

<sup>45</sup> Tema está sendo usado no sentido de assunto, tópico da interação.

e doze convidados, treze no total. Entre os convidados, havia colegas de trabalho e amigos próximos do aniversariante.

E2R1 (0:28)

Débora: ele parece um pouco o Levi, não parece? (...) ~GEnte, que olho LI:[ndo!  
hEin!

Isaque: [parece mesmo véi!

Isabel: (sorri e dá um beijo no menino)

Débora: ainda mais quando ele era criança

Isaque: parece com o Levi mesmo

Nesse momento Débora estava brincando com o filho de outra convidada, que tinha aproximadamente 4 anos. Ela comenta com Isaque que o menino parecia outra pessoa, Levi, que não estava presente, e elogia a cor dos olhos do menino. Como intensificadores do elogio, há o uso da expressão *gente*, comumente usado como vocativo ou expressão de surpresa, com a intensificação da primeira vogal da palavra, o alongamento da primeira vogal de *lindo* e a expressão *hein* no final da sentença.

O elogio aos olhos do menino foi direcionado indiretamente para a mãe, uma vez que ela é parcialmente responsável pela beleza do filho, mesmo que involuntariamente. Isabel se esquiva do elogio, apenas sorrindo e dando um beijo na bochecha do filho, que estava sentado em seu colo.

A resposta de Isabel evidencia a importância da comunicação não verbal nas interações. Esse ato demonstrou seu desconforto diante do elogio, o que a levou a optar por não fazer o FTA.

E2R1 (5:55)

Rebeca: que cor é su/sua unha?

Lídia: BEijo//

?: ah:

Rebeca: tá ficando bom nisso hein! (Entonação ascendente e aguda no “hein”)

Isaque: ah, eu sou bom de visual, fia!

Isabel: por quê?

Rebeca: ele virou e falou assim “ah, tá usando a mesma cor dela” .[eu falei: (.)

Isaque: [você olha para uma cor e fala (.) “aquela cor é igual!”, a não ser que você [seja (?)

?: [(?) (todos falando ao mesmo tempo)

Rebeca: (?) um milhÃ:o [de vermelhos

Lídia: [(?) a sua tá mais, mais nova, digamos assim//

Isabel: é, tá mais nova. mas a Lídia, ela passou (.) sexta feira passada

Isabel: (?) olha isso! eu já tirei a minha...

Rebeca: sério? dura uma semana?

Isabel: [(?) ela não faz nada, né?

Isaque: ué, mas ela não/não lava uma louça, não areia uma panela:

Lídia: eu uso luva, igual a Ana Maria Braga. (risos)

Isaque havia comentado com Rebeca, algo sobre a cor do esmalte de uma das convidadas, Lídia. Rebeca pergunta a Lídia sobre a cor da unha dela, observando que o namorado havia acertado a cor, ela o elogia, *tá ficando bom nisso hein?*. O elogio foi aceito de prontidão, o que poderia ter sido considerado um ato de ameaça à face positiva de Isaque, pois poderia parecer pretensão e falta de humildade. Mas a relação próxima entre os interagentes permite que tal ato não tenha sido interpretado dessa forma. Thomas (1995) afirma que a proximidade entre os falantes diminui o grau de formalidade. Consequentemente, nesse tipo de relação social, as estratégias de esquiva são menos frequentes.

Isabel, colega de trabalho de Isaque, não estava inteirada do contexto da interação e pergunta o porquê do elogio. Rebeca explica a ela que o namorado havia acertado a cor da unha. Isaque sentiu que sua face positiva estava ameaçada, uma vez que ele reconheceu a cor do esmalte, o que poderia ter colocado em questionamento sua “masculinidade”. Ele, então, explicou *Você olha para uma cor e fala: ‘aquela cor é igual!’*.

Portanto, para um homem, saber cor de esmalte constitui uma ameaça a sua imagem pública, que eles buscam preservar. Sentindo que sua imagem precisava de defesa, ele justificou que simplesmente identificou que as cores eram iguais, diluindo, assim, a força do elogio anterior.

Lídia ainda tem sua face valorizada, uma vez que todos mostram surpresa pela cor de sua unha ter durado uma semana. Apesar de não ser um elogio propriamente, foi um ato de valorização de face. Em tom de brincadeira, Isaque e Isabel afirmam que isso é possível por ela não fazer nenhuma atividade doméstica que possa danificar as unhas. Lídia responde, também de forma bem humorada, que usa luvas, dando uma justificativa para a duração da cor. Lídia seleciona o humor, estratégia nº 8 de Polidez Positiva de Brown e Levinson (1987), como resposta à brincadeira de Isaque e Isabel.

E2R2 (9:04)

Isaque: a Isabel é pequenininha, mas come que é uma beleza!

Isabel: o quê?

Isaque: (risos)

Isabel: o que, você está me zuando<sup>46</sup>? você está no seu aniversário... (interrompida)  
 Rebeca: você não pode falar nada não, tá meu bem, você não fica para trás não!  
 Isabel: o que ele falou?  
 Rebeca: que você é baixa, mas come que é uma beleza.  
 Isabel: você já comeu? o que você já comeu? eu não, olha aqui, ó!  
 Isaque: eu ainda não comi não, ué!  
 Isabel: e seu prato está sujo por quê? que estranho!  
 Isaque: foi só uma isca!

Nesse trecho da interação, é possível observar o elogio como um ato de ameaça à face. Isaque elogia Isabel, *é pequenininha, mas come que é uma beleza!*, mas esse ato não é valorizador, apesar do clima de humor entre os interagentes. Afinal, nesse contexto, as mulheres que comem muito podem não ser bem vistas, ainda mais em uma sociedade que valoriza as mulheres magras. Isabel era magra, mas o elogio acarretava a ideia de que ela era gulosa.

Isaque e Isabel são próximos, o que permitiu que esse ato não fosse considerado totalmente ofensivo. Rebeca, namorada de Isaque, buscando salvar a face de Isabel, ameaça a face de Isaque, afirmando que ele também comia muito, apesar de ser magro. A maior evidência de que Isabel sentiu que sua face foi ameaçada é a justificativa que ela dá, afirmando que ainda não havia comido.

Isso evidencia que nem todos os atributos de uma pessoa devem ser evidenciados. Por exemplo, se alguém recebe um elogio, “Nossa, como você está magra”, ela pode inferir que ela está excessivamente magra agora ou que estava gorda antes.

Portanto, para que um elogio seja considerado um ato valorizador de faces, ele deve: evidenciar uma característica ou atributo que o interlocutor valorize em si mesmo ou que ele considere positivo; não deve acarretar valores negativos; não deve evidenciar a ausência anterior ou habitual desse atributo; e não deve ser excessivo, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006).

E2R4 (1:32)  
 Débora: seu cabelo é dessa cor?  
 Lídia: não.  
 Isabel: que nada, é tingida!  
 Débora: é MUIto bonita essa cor.

---

<sup>46</sup> *Zuando* é uma gíria com o sentido de fazer brincadeiras que podem ou não minimizar o outro.

Lídia: é, todo mundo está gostando. meu cabelo tá (?) uma pintada. daí eu tô gostando, porque eu queria mais fechada a cor. é porque tem aparecido umas coisas brancas, que eu não sei o que que é. (?)

Esse é um exemplo prático de como a prosódia interfere e, muitas vezes, determina o sentido do enunciado. Débora faz uma pergunta a Lídia, *seu cabelo é dessa cor?*, essa pergunta poderia ter sido extremamente ameaçadora, se não fossem os traços prosódicos expressando surpresa e admiração. A amiga de Lídia responde que o cabelo dela é tingido, também expressando surpresa, esse ato poderia ter sido ameaçador se não fosse a relação próxima entre Isabel e Lídia. Débora então reforça a expressão de admiração anterior com o elogio, *é MUIto bonita essa cor*. Observa-se o uso de elementos prosódicos intensificadores da expressão, principalmente em *MUIto*.

Lídia utiliza o elogio como forma de prolongar a interação, ferindo as máximas conversacionais de relevância e de quantidade de Grice (1987) e seguindo a estratégia nº 5 de estratégias de FTA com atenuantes de Brown e Levinson (1987), diga mais do que o necessário, como observado em dados anteriores. Essa estratégia é bastante recorrente no contexto brasileiro estudado. Inicialmente, Lídia pratica um ato de autogratiificação, afirmando que as pessoas estavam gostando da cor do cabelo dela, em seguida afirma que estava precisando pintar, sugerindo de forma bem humorada que seus cabelos estavam ficando brancos, promovendo pressuposições, de acordo com a estratégia nº 3 de Brown e Levinson (1987).

O humor é a estratégia de número 8 de Polidez Positiva, sugerida por Brown e Levinson (1987), que consiste no conhecimento compartilhado pelos interlocutores. No caso, ela insinua que *umas coisas brancas* haviam aparecido em seus cabelos, fazendo o interlocutor inferir que seriam cabelos brancos que a forçaram a pintá-los.

Débora não conhecia Lídia, portanto tinham uma relação distante, mas por terem Isaque como um amigo comum, mantém características de distância um pouco mais próxima do que desconhecidos.

### 3.1.3 Terceiro Evento

O terceiro evento ocorreu no dia 27 de abril de 2010, no período noturno, na lanchonete *Genaro's*, também em Brasília. O evento contou com seis participantes. Infelizmente, a colaboradora principal, a aniversariante, não aceitou continuar a pesquisa e,

portanto, seus registros foram descartados, mas contribuíram como parte do processo de reflexão sobre o tema. Um colaborador secundário concordou em continuar com a pesquisa, assim, apenas os dados deste serão utilizados para análise do evento em foco.

No contexto, Mateus havia se formado recentemente e já estava participando de uma seleção de mestrado. Ele já tinha sido aprovado em algumas etapas. Todos os integrantes da mesa, exceto Mateus, já estavam cursando um curso de pós-graduação.

E3R1 (4:46)

(Mateus contava que depois da formatura estava se dedicando a escrever um artigo)

Rebeca: é isso aí! os amigos do Lucas tem que ser *nerds*.

Mateus: (sorriu)

O elogio, no caso, foi dirigido a duas pessoas. Primeiramente ao interlocutor, uma vez que ele era amigo da pessoa que foi mencionada, portanto era considerado *nerd*<sup>47</sup>, e ao Lucas, outro colaborador que estava à mesa.

O ato poderia ser ameaçador, uma vez que colocou em risco várias faces ali presentes. A locutora ameaça, primeiramente, a face negativa de todos os envolvidos, incluindo a própria face, pois todos teriam a obrigação de ser *nerds*, principalmente Mateus. Ela coloca sua face positiva em risco, pois poderia ter sua imagem pública arranhada, se seu comentário não tivesse sido aceito pelos demais. A ameaça se deu pela ambiguidade do sentido de *tem que ser*, pois tem o sentido de obrigação ou dever, e também tem o sentido de todos são, como um pré-requisito, ou seja, se você é amigo de Lucas, você é *nerd*, é uma condição própria e característica sua. Apesar da ambiguidade, o ato não foi ameaçador e foi considerado um elogio.

A resposta ao elogio foi semelhante a várias respostas observadas pela pesquisadora nos eventos registrados e no cotidiano. Muitas vezes a resposta ao elogio é não verbal. Isso é uma estratégia de esquivar, uma forma de atenuar ou não valorizar o elogio.

Nesse caso, a resposta foi um sorriso. Essa resposta demonstrou que: Mateus reconheceu o elogio de Rebeca; Mateus teve sua face positiva reforçada, uma vez que foi reconhecido como um amigo de Lucas e como um *nerd*; Mateus respondeu afirmativamente ao elogio o aceitando com parcimônia, ou seja, sem exageros e supervalorização. Lucas, que estava à mesa e recebeu o elogio indiretamente, ignorou o elogio. Essa resposta seguiu o

---

<sup>47</sup> Nesse contexto, *nerd* é uma gíria e tem o sentido de *inteligente, estudioso*.

Princípio de Modéstia proposto por Leech (1983), uma vez que houve moderação para a aceitação do elogio.

A resposta não verbal de Mateus, assim como as outras respostas não verbais registradas, seguiu a estratégia 4 de Brown e Levinson (1987), diga menos do que o necessário. Como mencionado, essa estratégia se baseia em como o interlocutor pode fazer inferências da violação da máxima de quantidade pelo locutor (dizer apenas, e não mais, do que o solicitado). Ao não responder o elogio, ou responder de forma não verbal, o locutor leva o interlocutor a fazer inferências sobre o significado desse ato, salvando sua própria face.

E3R3 (0:10)

(Mateus contava sobre a seleção do mestrado e a preocupação em se formar a tempo)

Rebeca: Ó:::!! meus parabéns! Por isso que você falou da/da formatura?

Mateus: (sorriu)

O segundo elogio também feito por Rebeca para Mateus teve as mesmas características do anterior. Reforçou a face positiva de Mateus ao reconhecer seu mérito pela aprovação nas etapas do curso de mestrado. Da mesma forma, Mateus sorriu, demonstrando reconhecimento pelo elogio e moderou sua aceitação, como forma de preservação de face, uma vez que é culturalmente estabelecido no Brasil que a pronta aceitação de elogio pode ser considerada um ato de presunção, conforme evidenciam os dados desta pesquisa.

### 3.1.4 Quarto Evento

O quarto evento ocorreu no dia 29 de abril de 2010, na residência da aniversariante, e contou com a participação de vinte convidados e cinco membros da família, no total de 25 pessoas. Entre os convidados havia colegas de trabalho da aniversariante, membros da igreja a qual ela pertence, e familiares mais velhos.

Esse evento reuniu a maior ocorrência de elogios, porém, infelizmente várias gravações desse evento foram perdidas, por problemas com o equipamento de vídeo. Foi possível observar que a aniversariante foi mais presentada do que os aniversariantes dos outros eventos anteriormente analisados, também recebeu e fez mais elogios.

Esse evento se diferenciou dos demais por várias razões, a primeira diferença é a idade da aniversariante, 54 anos, a mesma faixa etária da maioria dos convidados. Havia mais convidados presentes, entre eles, amigos próximos e pessoas com uma relação mais formal e

mais distante com a aniversariante. Ela recebeu os convidados em sua casa e fez tudo que foi oferecido a eles.

Um casal de convidados, tios avós da aniversariante, chegou primeiro e se destacou particularmente por sua habilidade de memorizar e recitar poemas.

E4R1 (0:39)

(Conversando sobre o dia anterior e justificando a falta de tempo para organizar os preparativos para a festa)

Sarah: já cheguei do curso tarde. Cheguei aqui 11 e tanta, 10 horas que elas falaram. Eu vou adiantar alguma coisa. Já cheguei cansada, deixei pra fazer tudo. Eu que (.) que faço as coisas (diminuindo a voz)

T: [como sempre você que faz tudo bem feito

Sarah: [A: (risos)

Sarah: (Riu e respondeu) não faço bem feito. (leva a mão em direção ao joelho da interlocutora que sentava à sua frente) Mas a gente e:, né? Ontem eu fiz um bolo. Fui mexer, falei gente, vou fazer torta, não sei quantas pessoas vêm, umas dez, mas é: não vem todo mundo. Algumas disseram que não poderiam vir. Cê quer saber, vou fazer o de sempre, parece até que eu sou adolescente, vou fazer uma massa de pizza, aí eu pré-asso [...]

T: (?)

Sarah: agora, uma mulher nessa idade comemorar aniversário com pizza, né? (risos)

T: com bolinho, não. Com bolinho...

(risos)

Sarah: é só mesmo um:

Rebeca: [para não passar em branco. Aquele bolinho branco da mamãe (movimento para expressar elogio)

Rebeca: uma delicia

Sarah: ele tem pouco açúcar...

Primeiramente, Sarah está falando sobre o dia anterior, os preparativos e justificando a escolha do cardápio, pizza, cardápio pouco usual para comemorações de aniversários de pessoas de sua faixa etária, seguindo a estratégia nº 5, diga mais do que o necessário. Como já foi dito, os mais jovens costumam comemorar aniversários em pizzarias, bares ou creperias. Esse pode ser considerado um prefácio atenuador, uma estratégia de defesa de face positiva, uma vez que essa estava em risco por uma escolha de cardápio pouco usual para sua geração.

Ao justificar *Eu que (.) que faço as coisas*, observou-se uma hesitação, pois essa afirmação poderia ser considerada falta de modéstia ou exibicionismo. Ela foi interrompida por um reforço a sua face positiva.

Miriam elogiou a habilidade culinária de Sarah, uma vez que ela fez tudo o que foi servido aos convidados. Esse elogio foi reforçado pela ideia de habitualidade e recorrência desse fato, além de dar margens à interpretação de que a aniversariante possui habilidades também em outras áreas.

Mais uma vez, o riso integrou a estratégia de esquiva e serviu como um atenuante do próprio elogio e da resposta, pois se a resposta *Não faço bem feito* fosse seca e enfática, seria extremamente ameaçador à face de todos os interlocutores envolvidos. A afirmação foi feita com risos e seguida de um gesto não verbal significativa. A aniversariante levou a mão em direção ao joelho da interlocutora, como uma forma de reforçar a estratégia do riso e marcar um vínculo. O gesto não foi concluído, pois havia uma distância que não permitiu que o gesto fosse concluído com naturalidade, sem que ela se levantasse.

O elogio foi rejeitado com ênfase no primeiro momento, *não faço bem feito*, e com uma longa justificativa posterior *Mas a gente, né?*. Essa justificativa serviu como um atenuante ao elogio, uma vez que banalizou o trabalho feito por ela. Como se ela não tivesse tido muito trabalho com tudo o que foi preparado, simplesmente tivesse adiantado algumas coisas.

A aniversariante usou o elogio como forma de prolongar a interação e mais uma vez justificar a escolha do cardápio, demonstrando certa formalidade que envolvia as interagentes, uma vez que Miriam era tia avó de Sarah, uma senhora de idade. Observou-se o desconforto da aniversariante, pois ela se explicou excessivamente, não dando muitas oportunidades de mudanças de turno de fala.

A aniversariante tinha o hábito de fazer um bolo de aniversário feito com pão-de-ló e baba-de-moça, coberta de *marshmallow*, receita já conhecida pelas convidadas. Sem esse contexto, talvez fosse complicado identificar a construção de sentidos no evento selecionado.

A referência ao bolo constituiu o próprio elogio, que não só foi reconhecido, como também reforçado por outra interagente. A aniversariante, Sarah, ignorou o elogio e o recebeu como uma afirmação simples, dando uma resposta em que o elogio foi tratado como assunto impessoal.

Isso evidencia que Sarah percebeu que a pronta aceitação ao elogio poderia ser interpretada como arrogância por parte das convidadas. Ao perceber que sua face positiva havia sido reforçada, mas que estava em risco, utilizou estratégia de esquiva para prolongar a interação, desviando o foco do elogio.

E4R1 (2:30)

(Falando sobre os próximos aniversários)

Sarah: Os mais importantes estão por vir, uai, aí.

Jonatas: Quê?

Sarah: Dia 3 é o dele, dia primeiro é o da Berenice, que é a nora dele.

T: [Nora dele. Já é depois de amanhã.

Sarah: Depois de amanhã.

T: Não sei se ela vai fugir...

Sarah: [E dia. E o pior é que eu não vô tá aqui no seu aniversário. Eu viajo: pra Caldas Novas (...)]

Sarah faz um elogio a Jonatas, seguindo o princípio de modéstia, diminuindo as expressões de lisonja para si e maximizando as expressões de lisonja para o outro. Ela coloca o aniversário de Jonatas e de sua nora como mais importante que o dela. O elogio foi ignorado, pois ele não se manifestou. E a interação seguiu seu curso normalmente.

E4R1 (2:57)

Jonatas: eu não sei o que eu vou arranjar aqui no meu aniversário.

Míriam: (Joga a cabeça para trás e ri)

Sarah: não tem que arranjar nada, tem que ficar na sua, meu filho... (em tom de brincadeira)

Míriam: eu já falei que ele tem que curtir os amigos

Jonatas: (?)

Sarah: [(?) não quero saber, vocês aí se virem

Rebeca: é, em aniversário a gente não faz nada. A gente só::

Jonatas: mas eu queria...

(?)

Sarah: não, tio, mas por quê?

(?)

Sarah: é um passo tão importante.

Jonatas: eu tô tão feliz em sim, sim, pensar que eu já to lá perto do perto (fazendo um sinal de distância com as mãos)

Sarah: Ó, tio. Nos 100 anos eu quero fazer o bolo, hein!

O trecho não foi um elogio apenas. Mas em toda a interação os participantes estavam valorizando a face de Jonatas, evidenciando a importância de seu aniversário, que estava se aproximando. Inicialmente, Jonatas afirma não saber o que fazer em seu aniversário, trazendo para si a responsabilidade de preparar a própria festa. Miriam, sua esposa, joga a cabeça para trás e ri, trazendo o clima de humor para a interação. Depois Sarah, a aniversariante, fala em tom de brincadeira *Não tem que arranjar nada, tem que ficar na sua, meu filho*. Esse ato poderia ter sido ameaçador à face negativa de Jonatas, se não fosse o clima bem humorado que foi negociado na interação. Esse ato não teve a intenção de limitar a ação de Jonatas, e sim de dizer que como seria seu aniversário, ele não precisaria fazer nada, apenas esperar que os outros fizessem por ele.

Após uma parte pouco compreensível, Sarah continua *Não quero saber, vocês aí se virem*, simulando o que Jonatas deveria falar na ocasião. Outra interagente, Rebeca, busca amenização de uma possível ameaça à face por parte de Sarah, uma vez que mesmo em tom

de brincadeira, o ato poderia ser ameaçador: *É, em aniversário a gente não faz nada. A gente só::*. Sarah finalmente se oferece para fazer o bolo de aniversário de 100 anos de Jonatas, como uma forma de valorizar a face dele, seguindo a estratégia 1 de Polidez Positiva de Brown e Levinson (1987), observe e priorize o interlocutor (seus interesses, desejos, necessidades e características), busque sua aprovação.

E4R1 (4:20)

Miriam: a Débora cresceu muito, não?

Sarah: cresceu

Miriam: porque a Rebeca é muito bonita, né?

Rebeca: a Débora é do meu tamanho, só que ela é bem magrinha, né?

Miriam inicialmente pergunta a altura da irmã de Rebeca, se ela havia crescido, se era alta. Sarah, mãe de Rebeca e Débora, afirma que sim. Miriam, então, faz um elogio a Rebeca, dirigido à aparência dela, mostrando que Miriam relaciona altura como manifestação de beleza. Rebeca ignora o elogio, ela responde que sua irmã é tão alta quanto ela, mas afirma *só que é bem magrinha, né?*.

Rebeca elogia indiretamente a sua irmã, relacionando beleza a outro conceito. Com essa estratégia de esquiva, Rebeca desvia o foco do elogio para sua irmã, que não está presente na interação, elogiando um atributo que sua irmã possui e ela não. Assim, Rebeca deixa implícita a ideia de que sua irmã é bonita porque é magra e ela não é, pois não é magra.

E4R1 (5:15)

(Sarah estava dizendo que costumava trocar os nomes das filhas)

Miriam: eu acho[engraçado...]

Sarah: [...] [que diria eu se tivesse essa memória sua! (apontando para Jonatas)]

Jonatas: (bateu a mão no sofá)

Nesse trecho da interação, Sarah alega que costuma trocar com frequência o nome das filhas, ela então elogia a memória de Jonatas, apontando para ele. Ele bate a mão no sofá. Em uma análise inicial, não foi possível identificar o sentido dessa ação. Após o visionamento com Jonatas, ele afirmou que o gesto representou uma recusa ao elogio, representando que ele foi exagerado. Esse ato seguiu o princípio da Modéstia de Leech (1983), uma vez que recusou de forma enfática uma expressão de lisonja feita para ele.

E4R3 (00:25)

(Jonatas estava recitando um poema e esqueceu o verso)

Jonatas: (fazendo um gesto demonstrando tentar lembrar o verso, ele sorriu) é a idade, é a idade (apontando para a cabeça)

Noemi: Não, aquela primeira você nem titubeou. Fala aquela!

Jonatas: (ignorou o elogio, tentou justificar o esquecimento, mas foi interrompido)

Jonatas usa o riso como uma estratégia de defesa, ao se mostrar constrangido por esquecer o verso do poema. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006), o sorriso pode representar contentamento, mal-estar, nervosismo, raiva contida etc. Nesse caso, o riso representou nervosismo e constrangimento. Em defesa de sua face positiva, ele justifica de forma bem humorada, ou seja, utilizando a estratégia 8 de polidez positiva de Brown e Levinson (1987), que a causa da falta de memória é a idade e ela afirma isso apontando para a cabeça. Há inferências culturais envolvendo esse enunciado, uma vez que ele insinua que os velhos não possuem boa memória.

Noemi é enfática ao defender a face de Jonatas. Ela valoriza a face dele, insinuando que na verdade ele não conhecia o poema tão bem, pois ele havia recitado um poema anteriormente sem problemas. Ela busca uma justificativa para a falha dele, minimizando, de forma solidária, a força do ato ameaçador à face positiva dele, o esquecimento. Seguindo o Princípio da Modéstia de Leech (1983), Jonatas minimiza a força do ato valorizador de faces recebido, ignorando a justificativa de Noemi.

E4R3 (0:45)

(Jonatas estava se preparando para recitar outro poema para a aniversariante)

Jonatas: saudar aqui a aniversariante, NÉ?

Sarah: (sorriu)

Jonatas pratica um ato valorizador de face dirigido a Sarah. Inicialmente, ele expressa que deseja homenageá-la com o poema: *saudar aqui a aniversariante, NÉ?*. E a segunda parte desse ato valorizador é o próprio poema recitado. Sarah, que teve a sua face valorizada, sorri, minimizando a expressão de lisonja que recebeu para si.

### 3.1.5 Quinto Evento

O quinto evento foi um noivado, uma reunião de família. Havia cinco integrantes da família da noiva, pais e duas irmãs, cinco integrantes da família do noivo, pai e madrasta, mãe e padrasto e um irmão, além de um pastor. A reunião foi feita na casa da noiva, no dia 31 de julho de 2010, à noite.

Davi e Sarah são casados, pais de Rebeca, Raquel e Débora. Marcos é casado com Priscila, Pedro é casado com Ana. Marcos e Ana são pais de Isaque, João e Eli, que não estava presente. Rebeca é a noiva e Isaque, o noivo.

R5R1 (3:08)

Raquel: parábé:ns (..) pela formatura (enquanto se cumprimentavam)

João: muito obrigado. Tá sumida, hein!

Raquel: mais ou menos.

João: depois ficam falando de mim.

Raquel e João são concunhados, já se conheciam há muito tempo, mesmo antes de seus irmãos começarem a namorar. Há algum tempo não se encontravam, Raquel sabia que a formatura e o aniversário de João estavam próximos. Ao se cumprimentarem, ela aproveitou a oportunidade para parabeniza-lo pela formatura. Ele agradeceu e aproveitou para introduzir um novo tópico na interação.

No Brasil, costuma-se usar a afirmação, *Tá sumida, hein!*, como forma de afirmar a ausência de alguém, ao mesmo tempo demonstrando a falta que essa pessoa faz. Essa expressão, muitas vezes, também é usada com ironia quando se quer chamar a atenção de alguém por sua assiduidade e pontualidade. Os traços prosódicos definiram o sentido honorífico da expressão, o que resultou em um ato de valorização de faces.

R5R2 (0:33)

(as irmãs estavam se posicionando para tirar foto)

Raquel: eu não tenho um la/lado fotogênico

Débora: meu lado fotogênico é esse.

Raquel: não

Rebeca: Raquel, você [fica bonita de qualquer lado

Débora: [Você bonita de qualquer lado

Raquel: Ra::

Sarah: Ah:

Raquel: (sorri)

Após a troca de alianças, as famílias começam a tirar fotos em diferentes máquinas e posições, com as diferentes pessoas do ambiente. As três irmãs se posicionam, uma delas, Rebeca, tem o hábito de tirar fotos em uma mesma posição e sempre afirma que aquele é seu lado mais fotogênico. Raquel afirma que não tem um lado fotogênico, o que inicialmente seria um ato de ameaça à própria face positiva, pois poderia ser interpretado com uma afirmação auto-valorizadora ou como um ato de auto-humilhação. Pois *eu não tenho um lado fotogênico* poderia ter sido interpretado como “Eu não tenho apenas um, tenho vários lados fotogênicos”

ou como “nenhum lado meu é fotogênico”. No entanto, o ato não foi considerado ameaçador pelos outros interagentes.

Débora se posiciona e afirma que aquele era seu lado fotogênico, o que poderia ter sido considerado ameaçador à sua própria face positiva, pelo mesmo motivo anterior. A relação extremamente íntima entre os interagentes permitiu que esse ato não fosse considerado com ameaçador. Raquel reluta, tentando trocar de posição com Débora, mas Rebeca e Débora valorizam sua face positiva com um elogio e, ao mesmo tempo, ameaçam a face negativa dela, uma vez que esse ato teve por objetivo mantê-la em posição original, evidenciando o uso da polidez como forma de alcançar metas, como menciona Thomas (1995).

Raquel responde com certo tom de ironia *Rá:*, demonstrando instintivamente ter identificado a intenção do elogio. Enquanto Sarah, mãe das três moças, se expressou positivamente em relação ao elogio, uma vez que indiretamente o elogio possa tê-la atingido, como se ela fosse parcialmente responsável pelos atributos físicos de Raquel.

R5R2 (1:00)

(a família se posicionando pra tirar fotos)

Priscila: Vai você, amor (..) Agora já foi. Espera aí

Marcos: Deixa aí o João ir do lado da:

Sarah: Agora vai lá, João

Marcos: Vai lá, vai lá, João, do lado daquela moça bonita lá

Rebeca: A gente tá parecendo: (.) aquelas artistas, um monte de paparazi

João: [É verdade (falando com outra pessoa)

Sarah: Débora, cadê a Débora?

Marcos: Débora, é a Débora

(Débora ignorou o elogio)

Priscila é a madrasta do noivo, Isaque, ela chama a atenção de seu marido para que ele pudesse aproveitar a oportunidade para tirar a foto. Marcos, por sua vez, chama a atenção de seu filho, João, para que ele se posicione ao lado de Débora, irmã da noiva, para tirar a foto, porém ao se referir a ela, ele faz um elogio, chamando-a de *moça bonita*.

Esse elogio demonstrou a intenção de Marcos em aproximar João e Débora. Essa intenção foi confirmada posteriormente com outros comentários feitos por ele<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> Em algumas ocasiões, inclusive no evento, Marcos fez alguns comentários, insinuando a possibilidade de um dos irmãos do noivo namorar uma das irmãs da noiva. Uma vez que o noivo tinha 2 irmãos mais novos e a noiva duas irmãs mais novas, todos da mesma faixa etária.

O elogio foi um ato valorizador da face positiva de Débora, uma vez que foi dirigido à sua aparência. Ao mesmo tempo ele constituiu um ato ameaçador à face positiva e negativa de Débora, pois a constrangeu, uma vez que ficou evidente que ela identificou a intenção de Marcos.

Marcos teve sua face positiva ameaçada pelo elogio por duas razões, primeiramente por esquecer o nome de Débora e também por expor sua intenção de aproximar afetivamente João e Débora. Quando Sarah chama por Débora, ele repete o nome dela, demonstrando que se lembrou do nome, que apenas havia esquecido momentaneamente, mas que ele sabia. Este ato buscou salvar sua face positiva que estava ameaçada pela sua falta de memória.

Nesse contexto, é extremamente ameaçador à face positiva dos interagentes esquecer o nome da pessoa com quem se fala. Para o locutor, por poder representar uma falta de consideração pelo interlocutor, como se esse não fosse importante o suficiente para aquele a ponto de não recordar seu nome. O interlocutor pode ter sua face positiva ameaçada por sentir que a pessoa não lhe dá a devida importância, uma vez que não se lembrou de seu nome.

O elogio de Marcos teve vários objetivos: salvar sua face positiva e a de Débora, pelo esquecimento do nome dela, pois o elogio foi feito sem fazer referência ao nome dela; valorizar a face positiva de Débora, uma vez que a chamou de *moça bonita* em vez de “irmã de Rebeca” ou outro tipo de referência que substituísse seu nome; insinuar ou incentivar uma aproximação afetiva entre João e Débora.

Débora ignorou o elogio, mas reconheceu a intenção de Marcos de aproximá-la de João e de valorizar sua face, mesmo que tenha sentido que o ato não tenha sido tão indireto ou implícito como Marcos provavelmente planejou. Portanto, uma resposta ao elogio poderia colocar sua face em risco por demonstrar falta de modéstia ao aceitar o elogio ou por ter reconhecido que Marcos tentou aproximá-la de João. Débora também reconheceu que a “falta de sutileza” não tinha sido totalmente intencional por parte de Marcos.

R5R2 (1:20)

(Várias pessoas tirando fotos ao mesmo tempo, Sarah observa as fotos tiradas por Davi, pai de Rebeca, Raquel e Débora)

Sarah: A:::i, corta a cabeça não

Rebeca: pai, já era

Sarah: tá lindo, que isso, corta a cabeça não.

Marcos: não, cortou não, que isso

(...)

Raquel: gente, pior que ficou legal mesmo

(risos geral)

Raquel: Ó::!

Pedro: tem que dar um voto de confiança  
 Débora: ELA deve ter ficado legal, né?  
 (...)  
 Raquel: pai, ti/tira aqui ó no/na assim de frente. Fica aqui ó, papai. Essas fotos que eu fiquei na lateral eu fiquei assim mei gordinha.  
 Isaque: (risos)  
 Débora: pai, e eu?  
 (conversa paralela)  
 Davi: Ótimo!  
 Raquel: Ó::, pa:i, que graci:nha...  
 Débora: [deixa eu ver  
 Raquel: ficou bom mesmo  
 Isaque: Déborah, repete comigo “momentos”  
 Davi e Débora: momentos  
 (risadas)

Davi estava tirando fotos, sua família estava demonstrando preocupação com o resultado, pois não o consideravam hábil nessa tarefa, como pode ser observado pelos comentários *A:::i, corta a cabeça não e pai, já era*. É interessante mencionar que esses atos são ameaçadores à face positiva de Davi, mas Davi não se sente ofendido, uma vez que tais críticas são feitas por sua esposa e pela filha, pessoas com grande grau de intimidade. A relação próxima entre os interagentes permite que essas críticas sejam feitas sem agressão à face de Davi. Ainda assim, Marcos reforça a face positiva de Davi, *Não, cortou não, que isso*.

Após as fotos, as filhas de Davi conferem o resultado na câmera digital e Raquel elogia Davi, *gente, pior que ficou legal mesmo*, reforçando sua face positiva de Davi com um elogio dirigido à sua habilidade. A expressão constitui um elogio, apesar de, se analisada literalmente, poder constituir um ato de ameaça à face. *Gente* é uma expressão frequentemente utilizada para demonstrar surpresa, chamar a atenção, é uma espécie de vocativo, mas nem sempre exerce essa função. Geralmente usada com um alongamento da primeira vogal, quanto maior o alongamento, maior a intensidade. Outro aspecto contraditório é o sentido de *pior que ficou legal mesmo*, pois a expressão “pior que...”, causa a expectativa de reforçar um aspecto negativo do tópico<sup>49</sup> da interação, mas, pelo contrário, constituiu o elogio, uma vez que representou uma quebra nas expectativas anteriores dos interagentes, pois todos esperavam que a foto não ficasse boa, e de fato ficou. Essa quebra de expectativa do elogio foi reconhecida pelos interagentes, o que trouxe o humor para a interação.

---

<sup>49</sup> Tópico está sendo utilizado no sentido de assunto ou tema da interação.

Mais uma vez, Raquel reforça a face de Davi e o elogio por ela feito anteriormente com a expressão “ó::” com o alongamento da vogal, demonstrando surpresa e admiração com a habilidade de Davi. Pedro também ratifica o elogio *tem que dar um voto de confiança*, simulando uma ameaça à face dos demais interagentes, uma vez que insinua que eles não confiaram na habilidade de Davi.

Débora usa um elogio para ameaçar propositalmente a face positiva de Raquel: *Ela deve ter ficado legal, né?*. A ênfase em *ela* sugere que Raquel só gostou da foto porque ela ficou bonita, não se importando como os outros ficaram na foto, ou seja, insinua que Raquel é egoísta. Ela não responde à ofensa, mas pratica posteriormente um ato de auto-humilhação *Essas fotos que eu fiquei na lateral eu fiquei assim mei gordinha*, que foi recebido com risos. Esses risos representam que Isaque não levou a sério a afirmação de Raquel, reforçando a face positiva dela.

Davi se autogratifica, pois expôs uma avaliação positiva sobre o resultado das fotos, elogiando indiretamente sua própria habilidade. O que não foi recebido como um ato ameaçador à face pelos outros interagentes, por sua proximidade.

Raquel, mais uma vez, reforça a face positiva de Davi, elogiando sua habilidade e usando intensificadores prosódicos *Ó::, pa:i, que graci:nha* e depois com uma afirmação *ficou bom mesmo*.

Esse momento da interação é encerrado com uma brincadeira pessoal<sup>50</sup> entre Isaque, Davi e Débora, *repete comigo ‘momentos’*. O humor é a estratégia 8 de Polidez Positiva que tem como base, o conceito compartilhado entre os interagentes.

R5R2 (1:40)

(Priscila e Pedro conversando paralelamente)

Raquel: pai, ti/tira aqui ó no/na assim de frente. Fica aqui ó, papai. Essa fotos que eu fiquei na lateral eu fiquei assim mei gordinha.

Isaque: (risos)

Débora: pai, e eu?

Priscila: jovem pode tirar assim que não aparece as rugas.

Pedro: [A:, pois é...

Priscila: não é meu caso (..) Tem que colocar um formolzim...

Pedro: [Ah: que isso, você está::: (..) ótima.

Pedro: EU que não posso, aqui ó, ó (apontando para bigode)

---

<sup>50</sup> Chamada comumente por “piada interna”, em que apenas os interagentes compartilham o *background* ou o conhecimento para a devida compreensão da brincadeira. No caso, essa brincadeira de pedir para repetir a palavra “momentos” era feita pela família, geralmente quando tiravam fotos.

Durante o momento da interação analisado anteriormente, houve uma interação paralela. Nessa interação, Priscila pratica um ato de valorização à face de Raquel, mas se dirigindo a Pedro. Esse ato foi também de auto-humilhação, uma vez que afirma que Raquel é jovem e insinua que ela mesma não é. Pedro responde à expressão com um elemento fático, com o objetivo de não deixar Priscila sem resposta, sugerindo que também não é jovem.

Priscila ratifica o ato de auto-humilhação afirmando explicitamente que não fazia parte do grupo de jovens: *não é meu caso (...) tem que colocar um formolzim*. Pedro observa a necessidade de reforçar a face positiva de Priscila e faz uma interrupção com um elogio: *Ah: que isso, você está::: (...) ótima*. A expressão *Ah: que isso* representa surpresa e negação à afirmação de Priscila, porém o alongamento na última vogal de “está” e a pausa feita em seguida mostrou a cautela e a resignação na escolha de uma expressão que não demonstrasse inconveniência, mas que valorizasse a face de Priscila. Observando que o elogio não alcançou o objetivo pelo excesso de cautela, ele realiza um ato de auto-humilhação, para dizer que ele não era jovem, deixando implícita a ideia de que Priscila sim é jovem.

R5R2 (6:53)

Débora: Isaque, você está tão bonito com essa aliança! (pegando a mão dele e levantando)

Isaque: ó: (ri e vira o rosto de um lado para outro fingindo constrangimento)

Raquel: legal que assim, dá pra ver de longe, né?

Isaque: (pega na mão da noiva) não, essa daqui é pra ver de longe mesmo (levanta a mão e mostra e gira, mostrando a aliança)

Débora reforça a face positiva de Isaque, de forma bem humorada, afirmando que a aliança o deixou bonito, como se a aliança tivesse causado um efeito semelhante a uma roupa bonita ou um corte de cabelo novo. Conforme ratificado no visionamento, Isaque finge constrangimento com o elogio, o que demonstra a relação próxima entre eles. Raquel ratifica o elogio, insinuando que a aliança é grande e que chama a atenção. Isaque pega na mão da noiva e insinua que o objetivo da aliança é mostrar para todos que Rebeca é realmente comprometida, ou seja, com o objetivo de espantar qualquer pessoa que se interessasse por ela. Débora utiliza o humor como estratégia de interação, como mencionado, o humor constitui a estratégia 8 de polidez Positiva, proposta por Brown e Levinson (1987).

R5R2 (7:17)

Ana: A Rebeca tá mais bonita ainda, né?

Raquel: Tá com aparador

Raquel: Alá, Rebeca, [?] dá nem pra fotografar o dedinho

Rebeca: (sorri e olha pra aliança)

Raquel: eu falei pra ela, agora que ela é loira (.) vai casar, né? Tem que comprar outros acessórios dourados.

Rebeca: Tsi:: (expressão semelhante ao som de água jogada em uma chapa quente)

Ana, mãe de Isaque, faz um elogio a Rebeca em relação à aparência. Raquel desvia o foco do elogio para a aliança e o aparador, um anel solitário que Isaque deu a Rebeca na ocasião do pedido de noivado. Raquel ainda faz outro elogio, pouco compreensível devido aos ruídos do registro. Como resposta ao elogio, Rebeca apenas sorri e olha para a aliança, um pouco constrangida.

Raquel ainda ratifica o elogio anterior e o abrange com expressões que indiretamente enaltecem sua aparência. Rebeca faz uma expressão, rejeitando o elogio e sugerindo que esse foi exagerado.

A resposta de Rebeca ao elogio segue a lei da modéstia definida por Kerbrat-Orecchioni (2006), uma vez que representa a tentativa de Rebeca de expressar desconforto diante do elogio, salvando sua face positiva, e expressando que julgou exagerado o ato de valorização de faces que recebeu.

### **3.1.6 Sexto Evento**

O sexto evento registrado constitui na reunião do grupo focal. No próximo capítulo serão analisados outros dados gerados no grupo, porém, os elogios registrados nesses eventos serão analisados aqui, por integrarem a interação espontânea que ocorreu antes da discussão do grupo focal começar.

A reunião foi realizada no dia 24 de novembro de 2010, na casa da pesquisadora. O evento contou com a participação de 5 colaboradoras, 3 pertencentes a uma geração mais velha, participantes do quarto evento de observação participante e 2 pertencentes a uma geração mais nova. A reunião demorou um pouco mais do que o previsto para acontecer, pois uma das colaboradoras se atrasou. Esse atraso possibilitou uma interação prévia entre as integrantes presentes. Três integrantes, pertencentes a uma geração mais velha, trabalham juntas há muitos anos, são professoras de alfabetização da Secretaria de Educação, e amigas da mãe da pesquisadora, portanto já a conheciam há muitos anos. As integrantes mais jovens eram amigas próximas da pesquisadora, mas não eram próximas entre si, uma delas também era professora de séries iniciais e a outra, advogada. Apenas mulheres haviam sido

selecionadas, o que foi essencial para que houvesse essa interação, antes da reunião do grupo focal começar de fato.

A pesquisadora preparou a sala e ligou a câmera antes da chegada das colaboradoras para que elas se habituassem com a câmera gradualmente. Todas estavam cientes de antemão que o evento seria registrado. Como o atraso da colaboradora não foi proposital, a interação aconteceu naturalmente enquanto a esperavam.

Uma das integrantes do grupo focal se atrasou bastante, o que propiciou um tempo para que as integrantes pudessem conversar livremente. O local selecionado para a reunião, a relação entre as integrantes, uma vez que a maioria se conhecia e/ou conhecia a pesquisadora, favoreceu a interação entre as participantes, resultando em um encontro bem descontraído, abordando vários aspectos do cotidiano.

E6R1 (10:30)

Ester: essa foto tá tãõ bonita.

Rebeca: ah: [{ac}brigada]

Ester: bo[ta ela gra:nde.

Rebeca: [foi minha época de glória. Antes de fazer minhas luzes

Ester: não, nossa, mas tá linda essa foto

Rebeca: a gente fez um monte de foto de Studio, assim mesmo, né? Pra fazer antes tal. A gente nem mandou revelar ainda não. Só vai mandar pra revelar pra botar

Eva: [vocês fizeram já?

As interagentes estavam conversando sobre o noivo de Rebeca, que lhes mostrou uma foto. Após verem a foto, Ester fez um elogio. Os aspectos prosódicos determinaram um reforço ao que foi dito.

Rebeca diz *Ah: brigada*. A partícula “Ah” alongada serviu como estratégia de atenuação, demonstrando certo desconforto da interagente. O *brigada*, dito de forma breve e acelerada, também evidencia esse desconforto.

Ester ainda reforça o elogio anterior, dando a ideia de ampliar a foto. Rebeca se esquiva do elogio dizendo que a foto havia sido tirada em uma época em que ela estava com uma aparência melhor do que atualmente.

Ester rejeita a recusa ao elogio de Rebeca, o que é evidenciado pelo uso dos itens *não* e *mas*, e, ainda, repete o elogio com outros intensificadores, como o uso de *nossa*.

Rebeca ainda procura preservar sua face e prolongar a interação, mencionando algumas fotos de estúdio feitas posteriormente. Foi observado, nos contextos analisados, que na maioria das vezes em que há uma resposta verbal ao elogio, há também a tentativa de usar o objeto do elogio como forma de prolongar interações. Essa tentativa de prolongamento

segue a estratégia 5 de FTA com atenuação, diga mais do que o necessário, e a estratégia 7 de Polidez positiva, aumente, afirme, pressuponha assuntos em comum, ambas estratégias propostas por Brown e Levinson (1987).

E6R1 (11:40)

Ester: Ô, Rebeca, ele tem ele tem cara de: (.) intelectual. Mas ele tem cara de de do Oriente Médio, assim... Te:m algum?

Rebeca: tem tem um amigo meu que fala que ele tem cara do Ahmadinejad,(risos) mas ele fica [

Ester: [mas te:m

Maria: [qual é o Ahmadinejad?

Rebeca: aquele o:

Ester: [presidente do Irã

Ester elogia o noivo de Rebeca. Observam-se as estratégias de moderação e modalização pelos prolongamentos e pausas feitas. Essas estratégias podem ter sido selecionadas como forma de prevenção a possíveis ameaças à face positiva de Rebeca, por um elogio indevido; de Rebeca, implicitamente pela escolha de um noivo com atributos não valorizados por Ester; e do noivo de Rebeca, ausente na interação, uma vez que poderia não possuir outros atributos além dos mencionados.

Rebeca não sente que sua face foi ameaçada e aproveita o elogio para prolongar a interação, mencionando de forma bem humorada que outra pessoa já havia feito afirmação semelhante.

E6R1 (16:45)

(falando sobre o vestido e o sapato de noiva de Rebeca)

Ester: mas o teu vestido é curto?

Rebeca: não, é longo. Ele é lon/ele é tomara [que caia

Maria: [Tá podendo agora, né? (riso)

Rebeca: minha filha, agora eu posso. É um tomara que caia, justinho até aqui. Aqui ele começa a [abrir

Ester: [pena que não pode pegar sol, pra pegar só uma marquinha fininha. Ia ficar linda

Rebeca: ah: eu ia ficar vermelha. Não posso pegar sol de jeito nenhum.

Durante a interação, enquanto falavam do vestido e dos sapatos de noiva de Rebeca, Maria faz um elogio a Rebeca. Ela utiliza uma expressão muito comum e culturalmente recorrente no contexto brasileiro urbano *está podendo*, derivada de uma expressão maior “só pra quem pode, não para quem quer”, dando uma ideia de seletividade, uma vez que não são todas as pessoas que podem. Essa expressão é aplicada em vários contextos e muitas vezes

como um ato de reforço a face positiva, como no caso em análise. O ato de reforço foi aceito com muito bom humor, o que evidenciou certo grau de intimidade entre as interagentes.

Durante essa pesquisa observou-se que as respostas aos elogios costumam variar de acordo com a relação entre os interagentes. De um modo geral, observou-se menor uso de estratégias de esquiva nos seguintes casos: em casos de grande distanciamento entre os interagentes (quando não se conhecem ou não mantém uma relação cotidiana); quando há relação de informalidade; quando não há hierarquia; quando há uma relação muito próxima entre os interagentes. Nesses casos não há grandes preocupações com preservação e manutenção de faces, seja pela proximidade entre os interagentes seja pelo distanciamento entre eles.

Por outro lado, há maior uso de estratégias de esquiva quando há relação mais formal; relação de hierarquia; relações institucionais; ou relações cotidianas. Nesses casos, há maior preocupação com a manutenção e preservação de faces.

E6R1 (25:18)

Maria: a Sarah trocou o sofá, né?

Rebeca: foi só eu ficar noiva. Fiquei noiva, troquei trocou o sofá, botou a cortina, pintou a parede, trocou a televisão. Ai meu pai falou assim “Seu noivado ta ficando caro, hein?” Mas é aquela desculpa, né? Porque já estava precisando (...)

Apesar de não ter sido um elogio direto, há implícita a ideia do elogio, pois ao dizer *a Sarah trocou o sofá*, ela ressaltou que o sofá era novo. O elogio que inicialmente seria dirigido a Sarah, mãe de Rebeca, foi recebido por Rebeca, que o utiliza como forma de prolongar a interação, inclusive de forma bem humorada. Ao observar que mencionou outras coisas que foram trocadas na sala, ele buscou justificar que era uma necessidade, uma tentativa de salvar sua face positiva, que poderia ter sido ameaçada pelo comentário anterior.

### 3.2 PROSPECTIVAS

Este capítulo apresentou os dados gerados durante a observação participante, assim como a análise desses dados. Observou-se o uso dos elogios como atos de valorização e de ameaça à face. Foram analisados os elementos cinésicos – como expressões faciais e risos – e prosódicos – como alongamento de vogais, modalização, aceleração de emissão vocal –

utilizados como estratégias de esquiva pelos colaboradores. Foram observados também algumas diferenças nas estratégias interacionais entre as diferentes gerações estudadas.

No próximo capítulo, serão apresentados os principais resultados da análise de dados gerados durante a observação participante e o grupo focal.

## **CAPÍTULO 4 – “POR GENTILEZA, EU PODERIA APRESENTAR OS RESULTADOS?”**

### **4.0 PERSPECTIVAS**

Este capítulo busca apresentar os principais resultados da análise de dados gerados principalmente durante a observação participante e o grupo focal, mas traz também reflexões feitas durante todo o processo de pesquisa, incluindo alguns dados feitos em notas em situações cotidianas.

### **4.1 ANÁLISE DE DADOS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

Durante a análise das notas de campo e dos registros dos três primeiros eventos, percebeu-se número pequeno de elogios, abaixo do esperado. Esse número reduzido de manifestação de polidez por meio de elogios foi preocupante. Apenas no quarto evento ocorreu número mais significativo e recorrente de elogios. Essa escassez levou a uma reflexão maior sobre a relação pessoal entre os participantes dos eventos, o processo de inferenciação nas interações analisadas e as características culturais pertinentes a cada contexto dessas interações.

Holmes (1995) afirma que as relações interpessoais interferem na manifestação de polidez. Ela afirma ainda que para fazer um estudo sobre esse tema, o ideal é analisar grupos em que as pessoas não sejam muito próximas e nem muito distantes ou desconhecidas, pois nesses casos há pouca preocupação com manutenção de faces entre os interagentes. Tendo como base essa afirmação e analisando a relação entre os participantes dos três primeiros eventos, foi possível chegar a algumas conclusões a respeito da escassez de elogios nos primeiros registros.

Por se tratar de reuniões íntimas, bastante informais e com número reduzido de convidados, esses convidados eram, na sua maioria, pessoas com uma relação pessoal extremamente próxima dos aniversariantes. Tratavam-se de pessoas de uma geração mais jovem, entre 20 e 30 anos, que não costumam ser formais em suas interações pessoais. Essa proximidade atenua consideravelmente o desejo e a necessidade de manutenção de face entre

os interlocutores. Portanto, as pessoas sentiam menos necessidade de valorizar a face dos outros e, conseqüentemente, de defender a própria. Então, houve menor ocorrência de elogios entre os interagentes. Como resposta aos elogios, observou-se que nem sempre ocorreu o uso de estratégias de esquiva nessas situações, ou seja, as respostas aos elogios nos contextos descritos não seguiram necessariamente ao princípio da modéstia de Leech (1983).

Observou-se que o desejo de manutenção de face entre os interagentes mais próximos é menor nesses casos, usam-se menos atenuadores e intensificadores, pois as relações interpessoais já estabelecidas, de um modo geral, permitem maior liberdade entre os interagentes mais novos. Assim acontece também entre desconhecidos, em que não há grande necessidade de manutenção de face entre esses, pois a preocupação em salvar ou valorizar a face de um desconhecido é mínima, se comparado a relações mais próximas.

É importante frisar que a pesquisa é qualitativa, ou seja, o objetivo do trabalho não foi observar a quantidade de ocorrência de elogios entre os interagentes, mas mesmo assim, a diferença no número de ocorrências de elogios entre os dois grupos pesquisados foi significativa no processo de análise de dados.

Nos eventos envolvendo a geração mais antiga, ocorreu número mais significativo de elogios, estratégias de manutenção de faces, atenuadores e intensificadores. Apesar da relação pessoal entre os interagentes ser muito próxima, foi possível observar certa formalidade, em comparação com os eventos anteriores.

Foi possível observar também a existência de certas normas socioculturais preestabelecidas para esses eventos, como a “obrigatoriedade” de presentear a aniversariante, uma vez que todos os convidados presentearam ou se justificaram por não fazê-lo, como justificativa para violação a uma norma preestabelecida. Aqueles que se justificaram, prometeram que corrigiriam a falha posteriormente, uma vez que prometeram comprar ou enviar uma “lembrancinha” depois, de acordo com a estratégia 6, desculpe-se, e a estratégia 10, encubra débitos, de Polidez Negativa de Brown e Levinson (1987).

Estratégia de polidez recorrente foram os atos de auto-humilhação, uma vez que a maioria dos convidados minimizou a importância dos presentes, referindo-se a eles como “presentinho” ou “só uma lembrancinha”. Essa estratégia se relaciona com um conceito chamado por Kerbrat-Orecchioni (2006) de minimizadores, cuja função é reduzir a ameaça que constitui o FTA.

Esses atos eram sempre seguidos de atos valorizadores de face positiva, pois a aniversariante sempre enfatizava o valor simbólico do presente, exagerando nos agradecimentos, enfatizando a beleza e a utilidade de cada um, o que viola a máxima de

qualidade não simulada de Grice (1989) e segue a estratégia 2, exagere ao demonstrar interesse, aprovação e simpatia pelo interlocutor, de Polidez Positiva de Brown e Levinson (1987). Percebe-se assim que tal ação é recorrente em comemorações de aniversários em contextos socioculturais brasileiros. Para Kerbrat-Orecchioni (2006), esses atos constituem polidez positiva, uma vez que consistem em produzir atos de caráter essencialmente “antiameaçadores” para o interlocutor.

Observou-se que o momento de “cantar os parabéns”, o ápice dos eventos de comemoração de aniversários, marcava uma mudança no “ritual” do evento. Após esse momento, o aniversariante corta o bolo, dedica o primeiro pedaço para alguém em especial na festa, como forma de honrar essa pessoa, e distribui pedaços de bolo para os demais convidados. “Os parabéns” marcam o final da reunião, pois aos poucos os convidados se retiram. Antes de saírem, cada um se despede do aniversariante, elogiando a comida e agradecendo o convite. Esse “ritual” não foi observado com tanta formalidade nos outros eventos de comemoração de aniversários.

Nos três primeiros eventos, envolvendo uma geração mais nova, foi possível identificar algumas reações a elogios diferentes das reações da geração mais velha. Muitas vezes o elogio foi usado como forma de prolongar a interação entre os interagentes, violando diretamente a máxima de quantidade e de relevância de Grice (1989), nem sempre a resposta seguiu o Princípio da Modéstia, proposto Leech (1983). Por exemplo, no primeiro trecho analisado, uma das convidadas recebe elogio referente à cor de seu esmalte. Como resposta, ela acrescenta outras características do esmalte, reforçando o elogio. Esse ato não seguiu a Lei da Modéstia de Kerbrat-Orecchioni (2006), mas não foi ameaçador para o interlocutor, uma vez que as relações sociais eram próximas entre elas e o contexto era informal.

Foi possível observar o humor como estratégia de interação, como sugere a estratégia 8 referente à Polidez Positiva de Brown e Levinson (1987). Os elementos cinésicos, proxêmicos e prosódicos atuaram como atenuadores e intensificadores dos atos de valorização e defesa de faces, além de terem sido determinantes para a construção de sentidos nas interações analisadas.

Muitas das respostas aos elogios foram não verbais. O sorriso, por exemplo, representa que o interlocutor reconhece o ato de valorização de face que recebe, mas não quer intensificá-lo, seguindo os princípios de minimização de Kerbrat-Orecchioni (2006). Nesse caso, o locutor opta por não fazer FTA, de acordo com Brown e Levinson (1987), por duas razões: (a) o locutor não fala nada, pois espera que o interlocutor faça inferências; (b) há

muita expectativa no que pode ser dito. Portanto, o locutor faz a opção de não se pronunciar a respeito do elogio, pois sua manifestação pode colocar em risco sua própria face.

Houve elogios que ameaçaram diretamente à face dos interagentes, alguns casos de forma proposital, e outros não. Como exemplo, pode-se mencionar, no segundo evento, o elogio que Rebeca fez a Isaque, a respeito de sua habilidade em reconhecer cores de esmalte. Mesmo que não tenha sido de forma intencional, Rebeca ameaçou à face de Isaque, pois, nesse contexto, é culturalmente ameaçador para um homem possuir tal habilidade, uma vez que ele pode ter sua masculinidade questionada, ou seja, coloca em risco sua face positiva. No quinto evento, Rebeca e Débora ameaçam intencionalmente à face negativa de Raquel, uma vez que fazem um elogio com o objetivo de mantê-la em sua posição.

Observaram-se algumas inferências culturais e contextuais nas interações analisadas, principalmente no que se refere ao conhecimento compartilhado entre os interagentes. No primeiro trecho analisado no quarto evento, podem ser observados esses exemplos. A aniversariante estava justificando o porquê de haver feito pizza para receber os convidados, e afirma *parece até que eu sou adolescente*, e, posteriormente, *agora, uma mulher nessa idade comemorar aniversário com pizza, né?*. Essa afirmação evidencia que culturalmente, nesse contexto, os jovens e adolescentes comemoram aniversários com pizza, que essa é uma prática pouco comum para adultos. Essa prática constitui o conhecimento cultural. Nesse mesmo trecho, há a inferência pelo conhecimento compartilhado, uma vez que Rebeca se refere ao *bolinho branco da mamãe*. Por meio do conhecimento compartilhado pelos interagentes, foi possível observar que essa referência constitui o próprio elogio, um ato de valorização de faces.

## 4.2 ANÁLISE DE DADOS DO GRUPO FOCAL

A pesquisadora iniciou a discussão do grupo focal com as seguintes perguntas: *O que vocês entendem por polidez? O que vocês acreditam que seja polidez ou cortesia? Como vocês acham que a gente a utiliza?*

Madalena apresentou o seguinte conceito:

É um conceito de moral que a gente tem um pouco da sociedade. O que é moral? É moral você ser cortês. Qual é o conceito de moral? *São normas ou comportamentos que são aprovados pela sociedade*, e isso seria o básico, e isso é tudo. (grifo nosso)<sup>51</sup>

Essa definição se relaciona à noção de civilidade, de cortesia (na origem da palavra, as regras de comportamento da corte). Apesar de Madalena não se referir a hábitos da corte, ela relaciona polidez a normas de comportamentos aprovados pela sociedade. Colocando em evidência o julgamento social em relação ao cumprimento das regras ou normas que a própria sociedade estabelece, alegando que a polidez é forjada em meio às práticas sociais.

Maria: Eu creio que a cortesia seria uma forma de você estabelecer um relacionamento agradável com as pessoas que estão ao seu redor. Para você estabelecer um bom relacionamento, então você tem que ser cortês, tem que ser agradável. (...) Eu acho que você tem que ser cortês com todas as pessoas porque isso é conviver em sociedade. (...) Quer dizer, você vai começar a estabelecer um relacionamento que socialmente vai ser desagradável, se você perder a sua cortesia.  
(...)

Madalena: Mas ao mesmo tempo você precisa ter muito cuidado com o outro. É sempre isso que vocês falaram: Cuidado com o outro.

Maria relaciona polidez com a preocupação com o outro, de acordo com as ideias de Lakoff (*apud* Eelen, 2001) – que definiu polidez como sistema interpessoal de relações sociais para facilitar a interação, minimizando os possíveis conflitos inerentes às interações humanas – e Holmes (2006) – que define Polidez como expressão de preocupação com os sentimentos dos outros, como o lubrificante da sociedade. Nessas perspectivas, a polidez serve para facilitar as interações humanas, uma vez que ameniza conflitos, promove harmonia e busca a preservação mútua de faces.

Maria também afirma que a polidez é essencial para a convivência harmoniosa, *agradável*, na sociedade. Com isso, ela evidencia a ideia de Holmes (2006) de que a polidez é o lubrificante da sociedade, pois, como “lubrificante”, ela proporciona uma convivência social sem “desgastes” ou rupturas.

---

<sup>51</sup> As transcrições dos dados das colaboradoras do grupo focal não seguirão a convenção de transcrição, uma vez que os elementos cinésicos, proxêmicos e prosódicos não serão analisados. Isso porque o objetivo da análise de dados do grupo focal é voltado para os conceitos e ideias apresentados pelos colaboradores a partir da discussão sobre o tema. Diferentemente da transcrição dos dados da observação participante, que tem por objetivo analisar os aspectos verbais e não verbais das interações espontâneas.

Eva: Eu concordo com você em tudo que você disse. Mas eu acho que a dificuldade está no parâmetro de cada ser humano. Porque nós não seguimos uma regra universal, digamos assim. O que é cortesia? Você pode entender de um jeito, ela de outro. E aí ela acha que ela está sendo cortês e você também acha que está sendo cortês. Só que cada um dentro de seu julgamento. Ah, o que eu julgo que é ser cortês? O meu julgamento é esse? Então eu estou agindo dentro do que eu acho que é correto. A não ser que haja um padrão universal.

Madalena: Mas tem.

Eva: Ter até tem, mas depende da especificidade da cultura.

Madalena: E não tem?

Maria: Se você achar que cortesia é ser sincero, é ser verdadeiro, e eu achar que para uma pessoa ser cortês ela tem que ser amável. Mas no geral, eu acho que esse significado não muda tanto de uma pessoa pra outra, de uma cultura pra outra. Não é tão diferente.

Eva: no geral.

(...)

Ester: Depende da cultura, né? O príncipe que ficou noivo esses dias. A princesa lá, noiva dele, anda só atrás dele, e ele vai na frente, né?

Eva: Pois é, isso pra eles é polido, pra gente não é.

(...)

Ada: Eu acho que depende da cultura, né? O que é aceitável, educado, em cada cultura, né? Por exemplo, eu falei do príncipe, ele anda na frente da mulher, todo mundo anda na frente e elas vão atrás, para eles isso é normal, é aceitável e é educado, mas para gente não.

Pesquisadora: então cada cultura tem uma norma?

Ada: é, tem uma norma.

Essa discussão retoma a crítica de Kerbrat-Orecchioni (2006), entre outros, à idéia de universalidade da Polidez. Se a polidez é universal, até onde ela é a mesma para todas as culturas? Como as próprias colaboradoras concluíram, há parâmetros semelhantes, mas a polidez se manifesta de forma diferente de pessoa para pessoa e de cultura para cultura.

Eva: Eu acredito que tem isso, que as pessoas às vezes colocam na cabeça que ser cortês é só com licença, muito obrigado e por favor. Mas não é isso. Ser cortês é o que ela falou, até pra você falar eu não concordo com você até *a tonalidade da sua voz já mostra se você está sendo cortes ou não, polido ou não.* (grifo nosso)

(...)

Eva: Eu estava pensando aqui, eu acho que a polidez você não precisa nem falar nada, né? Um gesto você demonstra se é polido ou não.

(...)

Eva: Pois é, às vezes você dentro de um elevador, você virar o rosto para tossir, você já demonstrou a sua polidez, ou o cuidado de você estar em um lugar fechado e não vai fazer uma coisa na frente do outro. Às vezes nem precisa falar, não tem tom, não tem nada.

(...)

Maria: (tosse com a mão na boca e fala) Olha como eu sou educadinha! Eu sou bonita. (risadas)

Eva manifesta a importância dos elementos prosódicos na construção de sentidos, ou seja, não apenas a expressão linguística vai definir um ato como polido ou não, mas a entonação, a prosódia, a cinésica, a proxêmica também definem. Nesse ponto de vista evidencia-se a manifestação de polidez em ações não verbais. Uma vez que Eva se refere a ações que não envolvem necessariamente uma expressão linguística, como dar lugar para uma pessoa mais velha, segurar a porta para a pessoa que está atrás de você passar etc.

Ester: É o que eu coloco sempre. É o modo de tratar, tratar bem, ser educado, não desmerecer o outro, não querer ser melhor que o outro. Porque quando você está tratando as pessoas como iguais, você tende a ser polido, ser cortes. É um exercício muito difícil para cada um. Eu me vejo como professora de crianças que *muitas vezes eu não posso ser muito polida*. Para poder ser entendida. Para que eles me entendam. (grifo nosso)

Ester relaciona dois pontos importantes referentes ao tema. O primeiro é que a polidez é vista como uma preocupação com o outro, como já citado em trecho anterior. Infere-se também que polidez é tratar o outro com igualdade, mostrar que ele é tão importante como você. Nessa perspectiva, a polidez como forma de deferência é deixada de lado. O segundo ponto refere-se à aplicabilidade da polidez, pois ela afirma que muitas vezes, para ser compreendida pelas crianças, ela não pode ser muito polida. Isso remete a idéia de estratégias de FTA, em que o locutor pode fazer o FTA de forma clara, direta, sem atenuadores ou de forma indireta com atenuadores.

De acordo com Brown e Levinson (1987), o locutor pode fazer o FTA de forma clara, direta, em situações em que, de um modo geral, o locutor prioriza a eficiência do FTA em vez de preocupar-se com a face de seu interlocutor.

Considerando que Ester é professora de crianças de nível fundamental, a seleção por essa estratégia se dá por ela ser hierarquicamente superior aos alunos. E, por se tratar de crianças pequenas, os alunos ainda não possuem a competência interacional necessária para compreender atos mais indiretos.

De acordo com Brown e Levinson (1987), essa estratégia envolve comunicação mais direta, concisa e objetiva possível, sem espaço para ambiguidades, seguindo o princípio de cooperação das máximas de Grice. São situações de comunicação em que o locutor não teme a resposta do interlocutor. As vantagens de se fazer o uso dessa estratégia é que ela evita mal-entendidos e proporciona clareza e eficiência na comunicação.

Maria: (...) Tem gente que foi bem criada e teve uma boa educação e tem gente, que não foi bem criada, é uma pessoa rude, grossa é uma pessoa tosca, mas é de bom coração. Que não é polida nas atitudes e é uma pessoa boa. E no comportamento dela ela não demonstra polidez, mas na bondade dela, para com as pessoas ao redor, ela demonstra polidez, mas é uma pessoa grossa, rústica.

Eva: mas aí é uma pessoa boa, não é uma pessoa polida.

(...)

Eva: às vezes você não está julgando o ser humano, você tá julgando a ação. Você não está julgando o ser humano se ele é bom ou se é ruim, você tá julgando o que ele fez.

Pode-se observar que Maria associou polidez com bondade, honestidade, sinceridade. Eva esclarece que a classificação de polidez não inclui a bondade ou qualquer julgamento de valor em relação à pessoa, mas sim em relação a como ela interage com as outras pessoas, ao seu comportamento, independentemente da sinceridade do ato.

Madalena: e a minha falta de cortesia chegar atrasada.

Pesquisadora: a gente tava num bate papo animado aqui antes de você chegar.

Madalena: e nossa, eu tava já preocupada. Meu Deus do céu, todo mundo esperando lá. E quando o assunto foi esse eu só fiquei aqui (encabulada).

Por fim, nesse trecho da interação, podemos observar a Madalena pratica ato de auto-humilhação como forma de justificar seu atraso. Na tentativa de defender a face positiva da colaboradora, a pesquisadora ameniza a falta dela, deixando implícita a idéia de que seu atraso deu a elas a oportunidade de conversarem, que o atraso dela não foi desagradável. Essa ação está de acordo com a ideia de Kerbrat-Orecchioni (2006), que afirma que o locutor deve priorizar a face do outro, mesmo que tenha que sacrificar a própria face.

### 4.3 PROSPECTIVAS

Este capítulo apresentou os principais resultados da análise de dados gerados durante a observação participante e o grupo focal, assim como as reflexões feitas durante todo o processo de pesquisa. A seguir serão apresentadas as reflexões finais da pesquisa.

## REFLEXÕES FINAIS

Longe de ser um ponto final, pois esta pesquisa não termina com a análise de dados, estas reflexões finais constituem etapa necessária por questões práticas. O estudo não termina, pois há muito que se analisar sobre o tema, mas as limitações de tempo que um curso de mestrado impõe exigem que a pesquisa chegue a este ponto.

Observa-se que a polidez está presente no cotidiano das interações. Portanto, os resultados deste estudo podem ser úteis para compreender como se estabelecem as relações interpessoais no dia a dia. Esta pesquisa buscou, ainda, contribuir, de modo mais amplo, para a compreensão da realidade social no estudo da conexão entre língua e sociedade, apesar de se comprometer apenas com os contextos pesquisados, já que se trata de uma investigação contextualmente situada.

Defende-se, portanto, que a polidez deve ser analisada contextualmente, pois o que vai determinar se alguma ação é ou não polida é uma soma de fatores que envolvem a forma linguística, o contexto da enunciação e a relação entre os interlocutores, entre outros. A polidez, do ponto de vista pragmático, não pode ser estudada de forma puramente gramatical.

Observou-se que há diferenças significantes nas escolhas e reações a elogios e nas estratégias interacionais entre as gerações estudadas. As gerações mais velhas são mais formais em suas interações, mesmo entre interagentes próximos. Isso propicia maior uso de estratégias de valorização de faces e intensificadores dessas ações, e maior uso de estratégias de esquiva como resposta a essas. As gerações mais novas, por sua vez, utilizam número menor de estratégias de valorização de faces e fazem menos uso de intensificadores, apesar de se assemelharem às gerações mais velhas no que diz respeito ao uso de estratégias de esquiva, pois ambas, a primeira mais do que a segunda, costumam seguir o Princípio da Modéstia proposto por Leech (1983) ou a Lei da Modéstia, definida por Kerbrat-Orecchioni (2006). Observou-se assim que, de um modo geral, há o uso de estratégias de esquiva como reação aos elogios. Mas entre interagentes muito próximos, principalmente nas gerações mais jovens, esse uso não é tão recorrente como nas gerações mais velhas. Nesses contextos, é permitida a pronta aceitação de elogios e também os atos de autogratificação, principalmente como forma de humor entre os interagentes.

Também foi possível identificar algumas estruturas verbais e não verbais que funcionam como estratégias de polidez e/ou de esquiva, como o uso de intensificadores na produção do elogio e atenuadores na reação a esses. Entre esses intensificadores e atenuadores, é possível observar o uso de alongamento de vogais, seleção de traços prosódicos, expressões faciais e outros traços cinésicos, como gesticulação e sorriso. A principal estratégia verbal de esquiva observada foi a utilização do elogio como forma de prolongar a interação, seja como forma de justificativa ou como tópico ou tema da interação.

Foram observadas também algumas inferências culturais realizadas pelos colaboradores da pesquisa. Na observação participante, os elogios foram baseados nos valores culturais da comunidade, como associação de estatura física e emagrecimento ao conceito de beleza. No grupo focal, as colaboradoras identificaram a influência da cultura na manifestação da polidez, exemplificando com algumas diferenças culturais identificadas por elas em suas interações. Para elas, a classificação do que é polido ou não varia de acordo com os valores culturais de uma comunidade, o que evidencia a afirmação feita pelos autores citados de que a polidez se manifesta de forma diferente em diversas comunidades socioculturais.

Nos contextos estudados, foi possível observar que a maior parte dos elogios foram voltados para a aparência e para a competência dos interagentes. Os contextos analisados favoreceram esses tipos de elogio, uma vez que se tratavam de eventos festivos.

Houve algumas ocorrências de elogios como atos de ameaça à face e foi possível observar que, na maioria dos casos analisados, tais atos foram condicionados à intenção do locutor e ao atributo selecionado como alvo do elogio. Em alguns casos, o elogio poderia ter sido ameaçador, mas, principalmente, os traços prosódicos e a relação entre os interagentes foram determinantes para que esses elogios fossem recebidos como atos valorizadores da face.

O objetivo da pesquisa, investigar as estratégias de polidez em situações de elogio e suas consequências interacionais, foi alcançado por meio do desvendamento da visão dos colaboradores a respeito do significado social de suas ações diante de situações de elogio, acrescido da interpretação da pesquisadora com base nos fundamentos teórico-metodológicos que dão suporte a este estudo.

Assim, espera-se que a análise interacional do tema situado no contexto escolhido possa contribuir para o desenvolvimento teórico de aspectos relativos à cognição social, à linguagem, aos estudos culturais e, particularmente, para a caracterização e melhor compreensão do português do Brasil quanto à seleção de estratégias de polidez relacionadas ao contexto sociocultural.

## REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ATKINSON, Paul et. al. (Eds.) **Handbook of Ethnography**. Sage Publications: London, 2007.

AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer: palavras e ações**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Título original: *How to do things with words*.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRANDÃO, Cibele. **Contribuições teórico-metodológicas para análises da interação verbal**. In: VIEIRA, Josênia A; SILVA, Denize E.G. (orgs.) **Práticas de Análise do Discurso**. Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003.

\_\_\_\_\_. **Discurso acadêmico: estratégias de variação estilística em situações de aula**. Brasília: Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. **Do discurso formal para o informal: um estudo de variação estilística no meio acadêmico**. Brasília: Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estratégias pragmáticas não-verbais no processo de variação estilística** In: SILVA, D.E. G. da (org.) **Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Variação estilística como estratégia discursiva**. IN: Revista Universa, Brasília: V.8, nº 3, setembro de 2000, p. 639-48.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Etnometodologia e educação**. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995. Título original: *Etnométhodologie et éducation*.

BROWN, Penelope. **Language, Interaction, and sex roles in a Mayan Community: A study of politeness and the position of women**. Brasília: Universidade de Brasília, 1979. (University Microfilms International)

CAMERON, Deborah. **Working with spoken discourse**. Los Angeles: Sage, 2009.

CANÇADO, M. **Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula**. Trab. Ling. Apl. Campinas: (23): Jan./Jun. 1994.

COULMAS, Florian. **Sociolinguistics: the study of speaker's choices**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Trad: Maria Carmelita Pádua Dias. Título Original: *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*

DURANTI, A.; GOODWIN, C. **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: CUP, 1992.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

EELLEN, Gino. **A Critique of Politeness Theories**. St. Jerome Publishing: Manchester UK, 2001.

EMERSON, R.; FRETZ, R.; SHAW, L. **Participant Observation and Fieldnotes**. In: ATKISON, P.A. **Handbook of Ethnography**. London: Sage Publications, 2007.

FERNANDES, Raúl. **Amor e Cortesia na Literatura Medieval**. In: <<http://www.hottopos.com/notand7/raul.htm>> Acesso em: 23/02/2011.

FETTERMAN, David M. **Ethnography: step by step**. 2nd ed. California, U.S.A.: Sage, 1998.

GOFFMAN, E. **Footing**. In: **Forms of Talk**, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

\_\_\_\_\_. **Frame Analysis**. New York: Harper and Row, 1974.

\_\_\_\_\_. **Relations in public**. New York: Basic Books, 1971.

\_\_\_\_\_. **On Face work: an analysis of ritual elements in social interaction**. In: LAVER, J.; HUTCHESON, S. (eds.) **Communication in face-to-face interaction**. Harmondsworth, Penguin, 1972, 319-46.

GONZÁLEZ REY, F. L.. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia – Caminhos e Desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GRICE, H. P. **Logic and Conversation**. In: Jaworski, A. & Coupland, N. **The Discourse Reader**. 2<sup>nd</sup> ed. USA: Routledge, 2006.

GUMPERZ, J. J. **Communicative Competence**. In: COUPLAND; NIKOLAS; JAWORSKI (Eds.). **Sociolinguistics: A Reader and Coursebook**. England: Palgrave, 1997.

\_\_\_\_\_. **Convenções de contextualização**. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.

\_\_\_\_\_. **Language and social identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.

\_\_\_\_\_. **Language in Social Groups**. California: Stanford University Press, 1971.

GUMPERZ, J. J.; HYMES, Dell (eds.). **Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart, and Winston Inc, 1972.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. **Ethnography: principles in practice**. London: Cambridge University Press, 1983.

HAVE, P. **Doing conversation analysis: A practical guide**. Londres: Sage, 1999.

HERITAGE, J.C. **Etnometodologia** In: A. GIDDENS; J.TURNER (Orgs.) **Teoria Social Hoje**. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: UNESP, 1999. Título original: *Social Theory Today*, p.321-92.

HOLMES, Janet. **An Introduction to Sociolinguistics**. Londres: Longman, 2001.

\_\_\_\_\_. **Complimenting: A Positive Politeness Strategy**. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G.R. **Sociolinguistics: The Essential readings**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

\_\_\_\_\_. **Women, Men and Politeness**. New York: Longman, 1995.

HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R. **Conversation Analysis: principles, practices and applications**. Cambridge: Polity Press, 2001.

JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Nicolas. **The Discourse Reader**. 2ª ed. New York: Oxford University Press, 2006.

JAWORSKI (Eds.). **Sociolinguistics: A Reader and Coursebook**. England: Palgrave, 1997.

JOHNSTONE, B. **Looking**. In: **Qualitative Methods in Sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **Thinking About Methodology**. In: **Qualitative Methods in Sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2000.

KEATING, E. **The Ethnography of Communication**. In: Atkinson, P., Coffey A., Delamont S., Lofland, L. **The Handbook of Ethnography**. Sage: London, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento**. Niterói: UFF, 2005.

LEECH, Geoffrey. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Trad. de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Título original: *Pragmatic*.

LODER, L. L.; JUNG, N. M. (orgs.) **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. **A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**, 2001. In: [www.ines.org.br](http://www.ines.org.br). (visitado em 20/09/2010).

MCHOUL, A. & RAPLEY, M. **How to analyse talk in institutional settings: a casebook of methods**. Londres: Continuum, 2001.

MEY, Jacob. **Pragmatics**. 2nd Ed. Oxford: Blackell, 1993.

MORATO, Edwiges Maria. **O interacionismo no Campo Linguístico**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna (org). **Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos**, volume 3. Ed Cortez, 2004.

MORGAN, D. L. **Focus Groups as Qualitative Research**. London: SAGE Publications, 1997.

NEVEU, Franck. **Dicionário de Ciências da Linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2008. Trad. Albertina Cunha José. Título Original: *Dictionnaire des Sciences*

OLIVEIRA, Maria do Carmo. **Polidez e Interação**. In: Coulthard, C; Cabral, Leonor. **Desvendando Discursos: Conceitos Básicos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEREIRA, Rodrigo Albuquerque. **O Processamento de Pistas de Contextualização: Um Olhar Voltado para os Falantes de Espanhol**. Brasília: Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, 2009.

PRAÇA, Walkíria; VICENTE, Helena. **A Expressão Gramatical da Polidez em Tapirapé**. In: Cadernos de Linguagem e Sociedade, vol 11, nº 2, 2010. <<http://seer.bce.unb.br/index.php/les/article/viewFile/2832/2444>> Acesso em 25/02/2011.

PRETI, Dino (org). **Cortesia Verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**. 2a ed. revista e ampliada, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, A. S. **Etnografia e ensino de línguas estrangeiras: uma análise exploratória de seu estado-da-arte no Brasil**. Linguagem & Ensino: 10(2), 2007.

RODRIGUES, David. **Cortesia linguística: uma competência discursivo-textual (formas verbais corteses e descorteses em Português)**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2003.

ROSA, Margarete. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

SALZMANN, Z. **Ethnography of Communication**. In: **Language, Culture & Society: an Introduction to Linguistic Anthropology**. United States: Westview Press Inc., 1993.

SCHIFFRIN, D., TANNEN, D.; HAMILTON, H. (eds.) **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell, 2003.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers: studies in interactional sociolinguistics**. New York: Cambridge University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Approaches to discourse**. Oxford: Blackwell, 1994.

SEARLE, John R. **Os Actos de fala**. Coimbra: Almedina, 1981.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org e trad). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOUSA, Adriana Mendes de. **A Norma Padrão e o Professor de Português: Representações que orientam as Práticas Pedagógicas**. Brasília: Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, 2009.

TANNEN, Deborah. **Conversational style: Analysing talk among friends**. New York: Oxford, 2005.

\_\_\_\_\_. **Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse**. New York: Cambridge University Press, 2007.

THOMAS, J. **Meaning in interaction: an introduction to Pragmatics**. London: Longman, 1999.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004. Trad. Rodolfo Ilari.

VAN DIJK, T. A. (ed.) **Discourse as social interaction**. London: Sage Publications, 1997. (Discourse studies: A multidisciplinary introduction, vol.2).

\_\_\_\_\_. **As Noções Pragmáticas de Polidez e Face e Sua Contribuição para o Estudo de Crenças**. In: Silva, K. A. (Org.). **Crenças, Discursos e Linguagem**. Campinas: Pontes, 2010.

VIDAL, M. Victoria. **Cortesía y relevancia**. In: HAVERKATE, H. *et al.* **La pragmática lingüística del español: recientes desarrollos**. Amsterdam: Rodopi, 1998.

VILLAÇA, Ingedore; BENTES, Anna. **Aspectos da cortesia na interação face a face**. In: PRETI, Dino (org). **Cortesia Verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.

WHARTON, Tim. **Pragmatics and non-verbal communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WOOFITT, R. **Conversation analysis and Discourse analysis: a comparative and critical introduction**. London: Sage Publications, 2005.

YOUNG, Richard. **Language and Interaction: An Advanced Resource Book**. London & New York: Routledge, 2008.

YULE, George. **Pragmatics**. New York: Oxford University Press, 1996.

## **ANEXOS**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa *Estratégias de Polidez Utilizadas por Brasileiros em Situações de Elogio: Um Estudo Sociointeracional*, sua participação é voluntária, não obrigatória. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Não há riscos envolvidos para os participantes da pesquisa, o principal benefício da sua participação é que ela o auxiliará no entendimento da utilização de estratégias de polidez, contribuindo para a melhoria das relações interpessoais, notadamente em contextos interculturais.

O objetivo desta pesquisa é investigar como as estratégias de polidez são utilizadas pelos interagentes brasileiros, especificamente em situações de elogios. Durante a geração de dados, serão utilizadas filmagens captadas durante as interações, que serão convertidas em arquivos em CD.

As informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais e será mantido sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de modo que permitam a sua identificação (seu nome será trocado na pesquisa e os vídeos não serão divulgados). Sua identidade não será divulgada sob qualquer hipótese. Não haverá nenhuma forma de devolução dos dados; A pesquisa é revisada eticamente pelo Comitê de ética em pesquisa da UnB ([cep\\_ih@unb.br](mailto:cep_ih@unb.br)).

Você receberá uma cópia deste termo e será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar.

---

Erika Hoth Botelho Sathler  
(61) 8402-8791  
[erikasathler@hotmail.com](mailto:erikasathler@hotmail.com)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

---

Colaborador da pesquisa (ou responsável)